

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Coordenação Geral de Pesquisa e Pós-graduação
Departamento de Psicologia
Programa de Mestrado em Psicologia

**O DESEJO NÃO TEM IDADE –
a sexualidade da mulher idosa**

Rute Barcelar de Araújo Ramos

Orientadores: Prof. Dr. Zeferino
de Jesus Barbosa
Rocha e Prof. Dra.
Ana Lúcia Francisco

RECIFE – MAR/2001

RUTE BARCELAR DE ARAÚJO RAMOS

**O DESEJO NÃO TEM IDADE –
a sexualidade da mulher idosa**

Dissertação apresentada ao
PROGRAMA DE MESTRADO
EM PSICOLOGIA CLÍNICA,
Como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Orientadores: Prof. Dr. Zeferino
de Jesus Barbosa
Rocha e Prof. Dra.
Ana Lúcia Francisco

Departamento de Psicologia
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Recife, 30 de março de 2001

R175d Ramos, Rute Bacelar de Araújo
O desejo não tem idade : a sexualidade da mulher idosa
/ Rute Bacelar de Araújo Ramos. – Recife : (O autor), 2001.
157 f.

Orientador : Zeferino de Jesus Barbosa Rocha,
Ana Lúcia Francisco.

Dissertação (Mestrado)-Universidade Católica de
Pernambuco. Departamento de Psicologia. Programa de
Mestrado em Psicologia, 2001.

1. Psicologia da mulher 2. Mulher idosa-
sexualidade 3. Velhice-sexualidade 4. Subjetividade
I. Rocha, Zeferino de Jesus Barbosa, II. Francisco, Ana
Lúcia III. Título

CDU 159.922.1

RUTE BACELAR DE ARAÚJO RAMOS

O DESEJO NÃO TEM IDADE – A SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA

COMISSÃO EXAMINADORA

PROF^a . DR^a . MARIA DE FATIMA DE SOUZA SANTOS

PROF^o . DR^o . ZEFERINO DE JESUS BARBOSA ROCHA

PROF^a . DR^a . MARIA CRISTINA L. DE ALMEIDA AMAZONAS

Às mulheres que desconhecem a sua
sexualidade na velhice.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Zeferino de Jesus Barbosa Rocha, meu orientador, pelo apoio, compreensão e esclarecimentos às minhas dúvidas, no decorrer deste trabalho.

À Dra. Ana Lúcia Francisco, minha co-orientadora, pela segurança de sua assistência e cuidados pela qualidade de meu trabalho.

À Coordenação do mestrado, pela assistência permanente em todas as minhas atividades.

Às Dras. Albenise de Oliveira Lima, Maria de Fátima Vilar e Zuleika Dantas Pereira, pela leitura e sugestões ao nosso Projeto de Dissertação e as Dras. Marígia Viana e Virgínia Colares, que me assistiram no aspecto metodológico do trabalho.

Ao Dr. Antônio Fernando Calsavara, no qual encontrei segurança e apoio nos momentos críticos desta caminhada.

A Miguel, meu caro amigo, cuja sensibilidade e cultura muito contribuíram para o esclarecimento de minhas dúvidas.

Aos caríssimos amigos e colegas, presentes em todas as etapas deste trabalho, pelo carinho e estímulo que me dispensaram.

Ao colega e amigo, Prof. Albino Paulino da Silva, pela competência e interesse na revisão lingüística de todos os meus trabalhos.

A Letícia Bacelar, companheira constante e eficiente na transcrição e digitação dos textos, minha afetuosa gratidão.

Às mulheres respondentes às minhas indagações, pela generosidade, colaboração e afeto, como fatores primordiais que são deste estudo, o meu carinho mais especial.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar aspectos do comportamento sexual da mulher idosa.

Utilizando o método qualitativo e da análise do discurso, ouvimos mulheres casadas, solteiras e viúvas com idade acima de 68 anos. Constatamos que as informações sobre o assunto em estudo são pobres e cercadas de preconceitos e que aspectos naturais da vida do homem se mostram cheios de complexidade pela ignorância e ausência de informações confiáveis, fazendo da sexualidade algo independente da vida.

Diversos fatores que alicerçam tais pontos de vista em nossa cultura se disseminam na família e em todo o meio social. Numa postura científica diante dos personagens da situação - a própria mulher idosa -, buscando compreender os motivos como a sexualidade é percebida nesse período da vida. Constatamos, então, que as forças mais significativas para expressá-la estão na própria cultura, seguindo-se-lhe a família e as normas sociais. A educação é um outro fator para o descobrimento da sexualidade das mulheres entrevistadas. Apesar disso, não arrefece o seu Desejo, daí concluímos ser necessário criar um novo perfil cultural.

Com a linguagem, não apenas como forma de comunicação verbal mais também como modalidade de encontro com o outro, atingimos a família, a educação e todos os meios sociais, atuando nas subjetividades individuais e

coletivas, redirecionando as percepções, os sentimentos e os comportamentos a respeito de tema tão significativo.

PALAVRAS-CHAVE: subjetividade – envelhecimento – sexualidade.

ABSTRACT

The aim of this work is to investigate sexual behaviour aspects of the elderly woman.

Using the qualitative method and discourse analysis, we heard married, single and widowed women with ages over 68. We found out that information about this issue is poor and surrounded by prejudice and that natural aspects about human life turn out to be full of complexities due to ignorance or absence of reliable information, turning sexuality into something apart from life.

Several factors that substantiate such points of view in our culture, are disseminated in the family and throughout society. From a scientific bearing, looking into the personage of this situation -the elderly woman, we sought an understanding of the reasons why sexuality is seen as it is, at this point in life. We then discovered that the most significant forces drawing its expressions, lay in culture itself and after that, the family and the social rules. Despite that, her Desire does not cool off, so we reached the conclusion that it's necessary to create a new cultural profile.

With the language, not only as a mean for oral communication, but also being a way to date the other party, we'll be able to reach the family, the education and the whole social environment, acting upon individual and collective subjectivity, redirecting perceptions, feelings and behaviour regarding such a meaningful theme.

KEY WORDS: subjectivity -aging -sexuality.

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO	01
II.	ABORDAGEM TEÓRICA	13
	2.1 – CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE	15
	2. 1. 1 – Subjetividade – um suporte “arqueológico”	16
	2. 1. 2 – Subjetividade e Cultura	31
	2. 2 - A VELHICE	37
	2. 2. 1 - Caracterização da Velhice	38
	2. 2. 2 – Diversidade de Cultura e Mudança Social	41
	2. 2. 3 – Reinventando o Envelhecimento	41
	2. 3 – A SEXUALIDADE	45
	2. 3. 1 – Modificação da Compreensão e da Extensão do Conceito de Sexualidade	45
	2. 3. 2 – Pulsão e Desejo	50
	2. 3. 3 - A Fantasia: uma encenação do Desejo	57
	2. 3. 4 – Sublimação	63
	2. 3. 5 - Sexualidade e Ternura	68
III.	METODOLOGIA	78
	3. 1 - SELEÇÃO DA AMOSTRA	79
	3.2 - COLETA DOS DADOS.....	80
	3. 3 - ANÁLISE DOS DADOS.....	81

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	135
V. CONCLUSÃO	145
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	150

I. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é investigar aspectos do comportamento sexual da mulher idosa e as maneiras com que essa mulher lida com suas emoções e sentimentos quanto à sexualidade. Supomos que o desconhecimento da própria sexualidade e os preconceitos e tabus difundidos pela cultura, pela religião e por outros fatores absorvidos pela mulher levam-na a considerar inadequadamente tal aspecto.

Acreditamos, ainda, que, não obstante as barreiras que impedem ou inibem a sua sexualidade, esta se manifesta através das fantasias, desejos, quer de forma direta, quer de forma sublimada. Nosso interesse por este estudo deriva-se, também, da escassez de informações sobre os sentimentos e percepções a respeito da sexualidade do idoso verificados em um trabalho anterior sobre o processo de envelhecer, bem como, e sobretudo, da nossa experiência pessoal de ser uma mulher vivenciando o envelhecimento.

RISMAN (1999) afirma que

Escrever sobre a sexualidade é um desafio(...) Após estudar os costumes e hábitos de várias civilizações, podemos ampliar o nosso conhecimento a respeito do **corpo**, que foi, por muitos anos, "coberto" de preconceitos, da **psique**, que teve de se adaptar a determinadas transformações sociais e culturais, e da **sexualidade**, que, com tantas regras, tornou-se um processo mecânico, vinculado à genitalidade e à procriação, perdendo, assim, seu maior valor: a dimensão natural de sua manifestação.

Em uma sociedade na qual o que se conta é a produção, o capital, a força, o dinamismo e também a beleza estética do corpo, fica difícil imaginar que, no processo natural de envelhecimento e maturidade do ser humano, seja possível ao sujeito aproveitar o aprendizado de toda uma vida. Faz-se necessário que essa sociedade modifique seus conceitos e tente reformular sua caminhada (p. 161)¹.

Os preconceitos interferem em nossa vida, prejudicam o seu curso natural e nos escudamos no silêncio sobre os assuntos questionados pela sociedade, como é o caso da sexualidade. Geralmente esta é entendida como o desejo dirigido exclusivamente ao ato sexual genitalizado, no entanto 'possui um encanto que vem sendo perdido ao longo do tempo (p. 164)². Vive-se a sexualidade no olhar, no toque, no mistério, na música, no som da voz, na fantasia... e não apenas na busca objetiva da relação genital.

RISMAN (1999) refere-se a um texto de Clarice Lispector que nos diz:

O desejo de prazer é parte integrante da vida do indivíduo. Independentemente de sexo, idade, nacionalidade, raça e religião. Devemos cada vez mais observar que no decorrer da vida podemos passar por situações que talvez geram conflitos, levando à diminuição do desejo. Porém, se a pessoa estiver psicológica e organicamente saudável, o desejo de prazer poderá existir durante toda vida (p. 168)³.

Durante o processo de envelhecimento, ocorrem algumas transformações, quanto à resposta sexual, no desejo, na excitação, no platô, no orgasmo, na resolução, mas isso não implica extinção da sexualidade na vida do idoso.

LOPES e MAIA (1995) reforçam nossas afirmações quando dizem que

A longevidade é um aspecto relativamente novo na história da humanidade e ainda desconhecemos muito sobre a dinâmica entre a pessoa idosa e o seu ambiente, em particular no que diz respeito às questões relativas à sexualidade. Em geral, o jovem se propõe a ajudar o idoso e, além de ter dificuldades para entrar no referencial do velho, é portador dos preconceitos sociais e sexuais de nossa cultura. É natural, portanto, que, ao lidar com o sexo na velhice, sejamos incapazes de assimilar, entender e responder às pessoas dessa faixa etária (p. 14)⁴.

De outra parte, existe muita informação sobre a saúde e o assistencialismo à velhice e há leis que beneficiam os maiores de sessenta anos. Apesar disso, o velho é marginalizado. VERAS (1999) afirma:

Se no passado, o **status** e o prestígio dos idosos era elevado, nos últimos anos, à medida que este processo de urbanização e industrialização se amplia, também aumenta a discriminação dirigida às pessoas idosas, subestimando-se a sabedoria e o conhecimento acumulados no decorrer de suas vidas (p. 37)⁵.

Essa avaliação negativa não procede apenas do que pensam os mais jovens, mas também da própria pessoa que envelhece, cuja auto-estima é quase sempre negativa. Ela se considera "inútil", com uma vida cercada de desesperança e solidão. Ser velho transformou-se no pior castigo que o homem tem de experimentar e nada lhe resta senão a morte. É o que afirma Judith, 87 anos:

Eu sou um objeto. Não temos objetos dentro de casa? Então eu sou como uma cadeira, porque estou com essa idade e não sirvo mais para nada... Eu sou muito sensível e isso é muito ruim, porque quem é sensível tudo lhe dói, tudo guarda. Mas eu não guardo ódio, guardo mágoa, ressentimento (Bacelar, 1999, p. 123)⁶.

Segundo VERAS (1994), a velhice geralmente se associa à doença - uma concepção incorreta, pois 80% dos idosos continuam com uma independência e autonomia preservadas. A ênfase demasiada na doença desconsidera os aspectos sociais, relegando-os a um plano secundário; por isso é necessária uma compreensão mais abrangente e adequada de um conjunto de fatores que compõem a vida do idoso (p. 25)⁷.

GUEDES (1994) esclarece que não se trata de negar o processo biológico do envelhecimento progressivo de cada ser, mas de chamar atenção

para o fato de esse processo, sem dúvida universal, poder ser vivido de muitas e diferentes maneiras. Deve-se falar de "*experiências de envelhecimento*", enfatizando-se a multiplicidade e a diversidade de possibilidades, e não de uma "*experiência de envelhecimento*" (pp. 7 e 8)⁸.

De conformidade com SATHLER e PY (1994), o envelhecimento é "*vitalício*" e não começa num tempo específico, porque se trata de um processo iniciado no momento mesmo do primeiro grito de vida do ser humano (p. 15)⁹.

BOSI (1973) diz que, além de ser um destino do indivíduo, a velhice constitui uma categoria social. Tem um estatuto relativo, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem.

Além disso, a sociedade industrial é maléfica para a velhice, pois rejeita o velho e ainda não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Então, ele se sente um indivíduo diminuído, lutando para continuar sendo um homem. Ademais a velhice -um fator natural como a cor da pele -é olhada preconceituosamente pelos outros (pp. 77- 79)¹⁰.

Para BIRMAN (1995) ser jovem ou ser idoso não é uma questão simples de se definir, apesar da aparente obviedade para nossa consciência individual. A juventude e a velhice não são concepções absolutas, mas *interpretações* sobre o percurso da existência (p. 30)¹¹.

Sob o ponto de vista psicológico, a partir da segunda metade do século XIX, a psicologia do desenvolvimento passou a investigar as estruturas cognitivas e afetivas do indivíduo de acordo com as percepções do homem, que o tornam não apenas um ser

histórico mas também agente dessa mesma história, podendo-se situá-lo sob três registros: biológico, psicológico e social (pp. 31 e 32)¹².

Uma transformação da percepção do homem e do mundo vai atuar nas mentalidades dos governantes influenciados por essa nova maneira de pensar, segundo a qual a riqueza, mais do que explorar os bens da natureza, é investir na qualidade da população, e o Estado preocupa-se com as condições biológicas de sua população. As condições sanitárias e a medicina ocupam uma posição estratégica no campo social; delas dependem o bem-estar e as possibilidades de fortalecer os eliciadores de riqueza -o homem saudável e produtivo. Nessa visão histórica de "*utilização*" do homem, destaca-se a importância dos períodos de vida e a faixa etária dos indivíduos torna-se um aspecto de grande interesse social (pp. 33 e 34)¹³.

Acompanhando as reflexões de BIRMAN (1995), constata-se que a velhice é marginalizada, porque se atinge o indivíduo na sua capacidade produtiva; assim, transforma-se num excluído do próprio meio. No entanto, a sociedade e o mundo continuam a apresentar novos valores com o desenvolvimento tecnológico da medicina e da biologia as quais irão criar uma outra dimensão de lugares sociais em que figuram a juventude, a maturidade e a velhice (p. 33)¹⁴.

O título de nosso estudo -O DESEJO NÃO TEM IDADE -deixa bem claro o *foco* a explorar: o papel da sexualidade na velhice, especificamente da mulher.

São contraditórias as posições adotadas pelos estudiosos que, até agora, especulam essa fase da vida da mulher. Afirma DOL TO (1982) que

uma vez ultrapassada a fase dos ardores sexuais, esse tipo sereno de mulheres de meia idade apresenta uma imagem diferente daquela de um homem da mesma faixa etária. Enquanto este simboliza a solidão, aceita o poder do espírito para além da importância combativa do corpo, a mulher que encarna esse tipo de sabedoria simboliza a aceitação do transcorrer das estações, da vida e da morte, ela encarna o acolhimento aberto a todos, valorizando de maneira "ingênua" pequenos nada que revelam a alegria das trocas afetivas, devolvendo com um toque de simplicidade e gravidade e esperança humana aos corações desesperados (p.94)¹⁵

Refletindo o pensamento de DOL TO (1982), parece-nos que a mulher idosa interrompe o seu processo de vida e torna-se passiva diante do mundo e dos seus próprios sentimentos. Neste particular, questionamos a visão radical da autora. Em que ela se firma para defender esse ponto de vista? Será que a mulher idosa foi questionada sobre os seus próprios sentimentos, necessidades e desejos, especialmente na manifestação de sua sexualidade?

ANZIEU (1989) refere-se à mulher no período do envelhecimento dizendo que

a infância, a adolescência, a juventude, a maturidade e a velhice são marcadas no corpo da mulher por traços que definem um momento de sua evolução, da sua mentalidade de mulher.

A plasticidade do corpo que se deteriora se comunica ao Eu. O enfraquecimento do envelope corporal imbrica-se no envelope psíquico (p. 51)¹⁶.

A beleza e a graça são, sem dúvida, valores historicamente associados mais às mulheres do que aos homens, pois a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino (SANT'ANNA, 1995).

Citando a mesma autora: A beleza se opõe às qualidades do espírito confirmado e atualizando o secular dualismo entre corpo e alma. De todo modo , idolatrada ou ferozmente , ela é concebida em grande

medida, como sendo uma doação da Natureza Divina. As razões da beleza tendem a permanecer envoltas por mitos e por gestos divinos (p. 126)¹⁷.

A mulher idosa constata que o passar dos anos desfaz sua beleza, deforma-lhe o corpo, como o espelho mostra a cada dia, e que não tem mais o direito de sonhar ou interessar a outrem. Ela enfrenta seu pior inimigo -o tempo carregando, também, todos os preconceitos e restrições que o meio social impõe à velhice, principalmente no que diz respeito à sexualidade. RISMAN (1995) afirma:

O fator social estaria ligado à questão do preconceito que a sociedade possui na atividade sexual de pessoas mais velhas, e o psicológico, que é bem mais amplo. Uma das questões seria a imagem que esta mulher possui do seu próprio corpo e das modificações que ocorrem, achando-se menos atraente e incapaz de conquistar seu marido, gerando, assim, conflitos emocionais (p. 55)¹⁸.

Há, ainda, a questão da falta de parceiro e da formação educacional da mulher a quem ensinaram toda sorte de restrições da satisfação sexual, quando não orientada para a procriação.

Até bem pouco tempo, em nossa cultura, à mulher não se esclareciam os aspectos essenciais da sua sexualidade; geralmente conhecia o sexo através do seu parceiro, o marido, desconhecendo a sensibilidade do próprio corpo e sendo orientada a reprimir o prazer e o desejo como atitudes não condizentes a uma mulher respeitável e honesta.

À mulher idosa maior carga de limitações lhe era dirigida. Além do desconhecimento da própria sexualidade, impediam-na de externar ou vivenciar o seu desejo, considerado proibido e inadequado para ela.

BIRMAN (1995), refletindo sobre "*os destinos da velhice*" (p. 38), destaca o "*lugar social*" do idoso e vê a possibilidade de a ele se estabelecerem novos rumos, para ter condições de se relacionar com o futuro de uma maneira diferente, "*redimensionando a sua inserção na ordem da temporalidade*" (p. 38)¹⁹.

Pretendemos, com esta dissertação, colher informações sobre a sexualidade, o *desejo* da mulher idosa e contribuir para um melhor conhecimento de um tema tão pouco estudado.

Ouvindo-a diretamente, auscultando-lhe os sentimentos e percepções quanto à sua sexualidade, contaremos com informações preciosas a respeito desse aspecto tão complexo de sua vida, que a leva, muitas vezes, a vivências patológicas, como a depressão, a melancolia a paranóia, ou outros fenômenos perturbadores do comportamento da mulher que envelhece (p.40)²⁰.

Quanto aos procedimentos metodológicos, utilizaremos a investigação bibliográfica, para desenvolver os núcleos temáticos de nosso estudo: os Processos de Subjetivação, a Velhice e a Sexualidade.

A metodologia *qualitativa fenomenológica* foi o caminho que julgamos mais eficaz para trabalhar tal assunto. Esse método, apesar de apresentar limitações, porque impossibilita generalizações dos conteúdos obtidos nas entrevistas não-estruturadas, fornece a oportunidade de ampliar a área de informação sobre a temática em estudo.

SANTOS e GAMBOA (1995) nos dizem que, no modelo fenomenológico, há oportunidade de

ampliar a perspectiva e procurar compreender os seres humanos como indivíduos em sua totalidade e em seu próprio contexto, a fenomenologia tenta também evitar a fragmentação causada pela

abordagem positiva experimental que analisa parcelas do sujeito (p. 35)²¹.

Dividimos o trabalho em duas partes: a primeira refere-se aos aspectos teóricos e conceituais sobre os Processos de Subjetivação, a Velhice e a Sexualidade, tendo como suporte prioritário às obras de Freud, Foucault, Deleuze, Rolnik, Veras e alguns autores interessados pelo nosso tema os quais nos foi possível consultar; a segunda parte contém as entrevistas, a análise dos dados e os resultados obtidos. Essas duas partes se articulam em um capítulo final. Há, ainda, a indicação da bibliografia.

Na segunda parte, desenvolvemos os seguintes passos:

1. *Análise dos dados* -baseada na leitura e análise qualitativa dos dados obtidos através do questionamento referentes aos objetivos desta pesquisa.

2. *Síntese das informações em relação à sexualidade da mulher idosa.*

Acreditamos que a importância do nosso trabalho está em propor novas formas de pensar a sexualidade da mulher no envelhecimento, partindo de um enfoque que se contrapõe aos estereótipos que costumam cercar o assunto. Ao enfatizar o aspecto real da vivência da sexualidade da mulher nesse período da vida, apontamos para o fato de que a velhice se constrói ao longo da existência e que não se interrompe. Assim, ao invés de nos limitarmos às desanimadoras generalizações, deparamo-nos com um leque de possibilidades em torno do conceito de singularidade no processo de envelhecer.

O presente trabalho, no entanto, não pretende ser um tratado sobre tal temática, e sim, contribuir para compreensão da vivência da sexualidade nessa

época da vida e levar a mulher idosa a experimentar, sem tabus e preconceitos, a sua sexualidade na idade avançada. Acreditamos, ainda, que as diversas pressões externas e da família que atingem a velhice constituem as principais razões que nos levaram a investigar tal aspecto.

Resumindo: depois das considerações introdutórias, abordaremos, na primeira parte de nossa Dissertação, uma visão sumária da constituição da subjetividade. Essa visão pretende, apenas, ser o pano de fundo, ou a moldura cultural, na qual vamos inserir o estudo da velhice e, sobretudo, o da sexualidade da mulher idosa. Em seguida, apresentaremos a parte metodológica da pesquisa na qual são indicados os dados e as informações obtidas nas entrevistadas feitas com as mulheres idosas, bem como a análise dos mesmos dados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. RISMAN, A. (1999). *Corpo – Psique – Sexualidade: Uma expressão eterna*. In VERAS, R. (org.) *A Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará: UERJ, UnATI, p.161.
2. Idem, p. 164.
3. Ibidem, p. 168.
4. LOPES e MAIA (1999). *Sexualidade e Envelhecimento – envelhecimento com sexo*. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, p. 14.
5. VERAS, R. (org.). *A Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará: UERJ, UnATI, p. 37.
6. BACELAR, R. (1999). *Envelhecimento e Produtividade: processos de subjetivação*. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches: FASA, p. 123.
7. VERAS, R. (1994). *País jovem de cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume – Dumará: UERJ, p. 25.
8. GUEDES, S. L. (1994). *Uma Visão Antropológica das Categorias de Idade*. In REVINTER *Caminhos do Envelhecer*. Rio de Janeiro: Editora Revinter Ltda, pp. 7 e 8.
9. SATHLER, J; PY, L. (1994). *Pensando Perdas e Aquisições no Processo de Envelhecer: O Trabalho Psíquico*. In REVINTER *Caminhos do Envelhecer*. Rio de Janeiro: Editora Revinter Ltda, p. 15.

10. BOSI, E. (1973). Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos. 4ª ed. São Paulo: Companhia de Letras, pp. 77/79.
11. BIRMAN, J. (1995). *Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise*. In VERAS, R. (org.) Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume – Dumará: UnATI – UERJ, p. 30.
12. Idem, pp. 31 e 32.
13. Ibidem, pp. 33 e 34.
14. Ibidem, p. 33.
15. DOLTO, F. (1982). Sexualidade Feminina: Libido/ Erotismo/ Frigidez. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 94.
16. ANZIEU, A. (1989). A Mulher sem Qualidade: Estudo Psicanalítico da Feminilidade. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 51.
17. SANT'ANNA, D. B. (1995). *Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil*. In SANT'ANNA, D. B. (org.) Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, p. 126.
18. RISMAN, A. (1995). *Atividade sexual na terceira idade*. In VERAS, R. (org.) Terceira Idade: Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume – Dumará: UnATI – UERJ, p. 55.
19. RISMAN, J. (1995). Op. cit., p. 38.
20. Idem, p. 40.
21. SANTOS, J. C. F.; GAMBOA, S. S. (1995). Pesquisa Educacional: quantidade – qualidade (org.) São Paulo: Cortes, p. 35.

II. ABORDAGEM TEÒRICA

Nesta fundamentação teórica, abordamos aspectos, tais como: a subjetividade do idoso, suas características específicas, a vivência da sexualidade, destacando, para tanto, as idéias de Freud e de Debert. Sendo os problemas da velhice, em sua maioria, uma conseqüência do relacionamento social, procuramos, em Foucault, Guattari, Rolnik e Figueiredo, o apoio e orientação para melhor compreensão da relação do idoso com ele mesmo e com o mundo que o cerca. Ainda a respeito da influência social, demos uma ênfase especial aos processos de subjetivação, por acreditarmos serem fatores atuantes na formação do sujeito e em seu permanente processo de organização e reorganização. DEBERT (1999) nos adianta que tratar da velhice

É buscar acessos privilegiados para dar conta de mudanças culturais nas formas de pensar e de gerir a experiência cotidiana, o tempo e o espaço, as idades e os gêneros, o trabalho e o lazer, analisando, de uma óptica específica, como uma sociedade projeta sua própria reprodução (p. 13)²².

Se buscamos em Freud, Foucault, Guattari, Rolnik ou Figueiredo um esteio para sustentar nossas observações, não é no sentido de eleger-los como referencial exclusivo, mas apenas como andaimes conceituais que possam dar conta do fenômeno em observação: a sexualidade da mulher idosa.

Se falamos da sexualidade feminina, firmamo-nos na psicanálise de Freud; vemos a relação indivíduo-sociedade, do subjetivo, caminhamos com Foucault; se esperamos compreender o perfil do velho, a partir das forças que o

afetam, estamos com Guattari, Rolnik e Figueiredo, que nos ressaltam o homem como um processo.

O idoso hoje está tornando-se o foco de estudos e pesquisas. Muitos estudiosos se voltam para uma realidade até então negligenciada-a velhice.

A partir da última década, constatada a evidência de uma próxima sociedade de velhos, muitos começaram a interessar-se por esta realidade sempre presente na vida do homem. "O idoso é um ator que não mais está ausente do conjunto de discursos produzidos" (DEBERT, 1999, p. 11)²³. No entanto, como normalmente o associam à doença, os aspectos sociais foram negligenciados e relegados a um plano secundário. Por isso, para nosso trabalho, contamos com poucas informações sobre o idoso bem como sobre suas necessidades, expectativas e percepção do mundo.

Vários são os fatores interferentes na vida da mulher idosa, a qual ocupa um papel específico no contexto familiar e experimenta situações diversas das do homem, o que explica comportamento e atitudes distintos.

GUERREIRO e RODRIGUES (1999) afirmam que

o processo de envelhecer está associado a uma maior suscetibilidade física e emocional. É certo que a expressão dessas suscetibilidades encontra-se na dependência da complexa interação de fatores físicos, psicológicos, sociais, econômicos e culturais, tornando o envelhecer, por um lado, um processo extremamente individualizado e, por outro, marcado pelos padrões socioculturais de uma época. Assim sendo, a maneira como o grupo social encara a velhice, como interpreta os adoecimentos e como lida com a perspectiva da morte interfere, sobremaneira, na vida de cada indivíduo em sua auto-imagem, na relação consigo mesmo, na sua capacidade de construir seu próprio caminho, de se adaptar ao meio ou transformá-lo em seu benefício, e na sua relação com os outros, idosos ou não (pp. 52 e 53)²⁴.

2.1 -CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Se a Subjetividade é a expressão do *viver* do homem, a demonstração da maneira especial de ser, de amar, de pensar, de sonhar, de agir tanto no seu mundo interior quanto na relação com os outros (ROLNIK, 1997), os processos de subjetivação nos poderão dar indicativos para a compreensão das posturas individuais e coletivas.

ROLNIK (1995) nos fala que as forças intervenientes na construção da Subjetividade encontram-se na família, no meio profissional, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico etc. Esses meios variam ao longo do tempo, fazendo entre si diferentes combinações, numa dinâmica de atração e repulsão. A Subjetividade é a expressão desse "*movimento de forças*"(p. 306)²⁵.

Tentando compreender o processo da constituição da Subjetividade, procuramos, de modo resumido, acompanhar a história do homem, o desenvolvimento de sua cultura, da civilização nos aspectos mais significativos, os caminhos seguidos pelo homem para chegar até os nossos dias. Assim poderemos encontrar luz a fim de compreender o que, muitas vezes, nos parece incompreensível: a complexidade das atitudes do homem. Nessa "excursão", visamos não somente a abrir horizontes de conhecimento, mas também, especialmente, compreender os motivos das percepções e atitudes a respeito da velhice.

Nesse período da vida, há mudança significativa no indivíduo e no ambiente,parecendo que o processo interrompe e nada mais lhe resta. Através

do tempo, a velhice é posta de lado; no entanto alguns pensadores, como CÍCERO (pp. 103-43 a. C.), referiram-se a ela de modo diferente:

em verdade, se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor, não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que outorgam as grandes façanhas: são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento, qualidades das quais a velhice não só não está privada, mas ao contrário, pode muito especialmente se valer (p.18)²⁶.

Acreditamos que, ao compreender os processos de subjetivação, as forças que nos afetam, variáveis sentidas através do tempo e oriundas de causas as mais diversas, encontraremos, certamente, valiosos instrumentos para reverter situações, mudar nossas percepções do comportamento do idoso e do seu ambiente.

2.1. 1 -Subjetividade - um suporte "arqueológico"

O problema da constituição do modo de ser de cada indivíduo tem suscitado, até hoje, discussões entre os pensadores. Filósofos, historiadores e antropólogos tentam responder a este questionamento tão complexo: o que é o Homem e quais as causas de suas diferenças?

EDGAR MORIN (1973) afirma que

somos animais da classe dos mamíferos, da ordem dos primatas, da família dos homínidas, do gênero homo, da espécie sapiens, e que nosso corpo é uma máquina de trinta bilhões de células, controladas e procriadas por um sistema genético, o qual se constitui no decorrer de uma evolução natural que durou de dois a três bilhões de anos; que o cérebro com que pensamos, a boca pela qual falamos e a mão que usamos para escrever são órgãos biológicos, mas este saber é tão inoperante quanto aquele que nos informou que nosso

organismo é constituído por combinações de carbono, hidrogênio, oxigênio e azoto (p. 19)²⁷.

Segundo CAPRA (1982), os dados antropológicos, geralmente aceitos, estabelecem que a evolução anatômica da natureza humana estava virtualmente concluída há uns 50.000 anos e, desde então, o corpo e o cérebro humanos mantiveram-se essencialmente os mesmos em estruturas e dimensões. No entanto as condições de vida, durante esse período, mudaram de forma muito rápida. Para se adaptar a tais mudanças, a espécie humana usou a consciência, o pensamento conceitual e a linguagem simbólica; assim, ela passou da evolução genética à evolução social. Essa nova espécie de adaptação, entretanto, não é perfeita e os estágios biológicos iniciais de evolução podem dificultar as nossas tarefas diante do meio ambiente atual. O cérebro humano, de acordo com a teoria de Paul MacLean, constitui-se de três partes estruturalmente diferenciadas: cada uma tem a própria inteligência e subjetividade, mas se derivam de períodos diferentes do nosso passado evolutivo (p. 292)²⁸.

CAPRA (1982) afirma que

nenhuma teoria ou modelo será mais fundamental do que outro, e todos eles terão que ser compatíveis. Eles ultrapassarão as distinções disciplinares convencionais, qualquer que seja a linguagem comprovadamente adequada para descrever diferentes aspectos da estrutura inter-relacionada e de múltiplos níveis da realidade. Do mesmo modo, nenhuma das novas instituições sociais será superada ou mais importante do que qualquer uma das outras, e todas elas terão que estar conscientes uma das outras e se comunicar entre si (p. 259)²⁹.

Nos "arquivos" da Humanidade, na experiência de sua evolução, encontra-se uma explicação sobre o modo específico de ser de cada homem, o

que denominamos de SUBJETIVIDADE, que, segundo ROLNIK (1997), "é o perfil de um modo de ser -de pensar, de agir, de sonhar, de amar, etc. - que recorta o espaço, formando um interior e um exterior' (p. 25)³⁰.

A Antropologia nos pode fornecer os informes mais claros sobre a evolução do homem e, nos seus dados, procuraremos algumas das causas ou dos processos de subjetivação humanos, pois

os meios variáveis que habitam a subjetividade: meio profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico, etc. como esses meios, além de variarem ao longo do tempo, fazem entre si diferentes combinações, outras forças entram constantemente em jogo, vão misturar-se às já existentes, numa dinâmica incessante de atração e repulsão(...)

Não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia; e, reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação que funcione segundo seu perfil. A rigor é impossível dissociar essas paisagens (pp. 26 e 29)³¹.

Na história da Humanidade, nessa experiência milenar, escondem-se as razões de muitos de nossos comportamentos atuais. Querer conhece-la é uma aventura -pela ausência de informações precisas, dando margem a mitos e superstições, uma vez que o homem, não podendo compreender os fenômenos, colocava sua origem em entidades poderosas.

Nessa tentativa de acompanhar o homem desde os tempos mais longínquos, não nos deteremos nas teorias baseadas na evolução das espécies, a história pré-humana. Partiremos, segundo MORIN (1973), do homínida, que não é apenas

uma evolução biológica, nem somente uma evolução espiritual, nem somente uma evolução sociológica, mas sim uma morfogênese complexa e multidimensional, resultante das interferências genéticas, ecológicas, cerebrais, sociais e culturais (p. 61)³².

Nossos primeiros ancestrais vivenciaram experiências as mais diversas não somente em relação à sua evolução como homem -para a postura bípede - como também às catástrofes ecológicas, à luta pela sobrevivência quando da catástrofe glacial, à substituição da selva protetora e alimentadora pela savana agressiva e cruel, a todo um desamparo. Apesar de todas as experiências negativas, desde esse tempo o homem exercita a criatividade com a confecção dos instrumentos de defesa contra os inimigos e a obtenção de alimentos por meio da caça.

A caça deve ser considerada um fenômeno humano total, não só atualizou e exaltou aptidões; não só transformou as relações para com o meio ambiente; também transformou a relação de homem para homem, de homem para mulher, de adulto para jovem. Mais ainda: seus próprios desenvolvimentos, correlativamente às transformações operadas, transformaram o indivíduo, a sociedade, a espécie (p. 67)³³.

Enquanto há vestígios anatômicos e tecnológicos que permitem acompanhar a evolução física do homem, não se dispõe de vestígios diretos da organização social naqueles primeiros tempos. Há indícios, no entanto, de que a partir dessa época, se inicia a separação ecológica, econômica e cultural dos sexos, formando-se, desde então, duas quasi-sociedades em uma. O homem ocupava um lugar de domínio, e a própria necessidade de sobrevivência afastava-o do grupo -mulher e filhos -para o exercício da caça, e as mulheres permaneciam nos abrigos cuidando dos filhos e, posteriormente, dedicando-se à agricultura para suprir as necessidades do grupo. Então "uma dualidade ecológica e econômica instala-se, a partir de então, entre homens e mulheres" (p. 71)³⁴.

Ao mesmo tempo, começava a surgir uma economia organizada e cronológica sob duas praxis ecológicas, caça e colheita, que se transformam em práticas econômicas, diferenciadas pela primeira divisão de trabalho, estabelecendo-se a delimitação socioeconômica entre homens e mulheres.

A prática da caça já é altamente organizada: ao modo coletivo da "produção", isto é, da busca da caça, acrescentam-se regras coletivas de repartição, isto é, de distribuição e de consumo, que se aplicam, afinal, aos recursos principais de toda e qualquer "sociedade", de onde surgiu a conjunção surpreendente de uma "sociedade de classe" primitiva organizando um "comunismo" primitivo a partir dessas regras internas de solidariedade.

A economia emerge, portanto, com as regras de auto-organização da sociedade, ligada à praxis ecológica... Assim, esboça-se, com tais regras, um primeiro sistema econômico (pp. 75 e 76)³⁵.

Entre 800 e 500 mil anos antes de nossa era, surgiu a linguagem, pois homem, diante da economia emergente por intermédio da caça coletiva, necessitava de um meio de comunicação mais desenvolvido e também como incentivo às relações interpessoais. A linguagem tornava-se necessária pela multiplicação das relações internas e externas, coletivas e individuais.

Este sistema de dupla articulação é tão notável que já se disse que é a linguagem e não o homem que é singular (...) A linguagem já não é apenas o instrumento da comunicação e, mais amplamente, da organização complexa da sociedade. Transforma-se, também, no capital cultural portador do conjunto dos conhecimentos e das práticas da sociedade. Desse modo, fecha-se numa nucleação cultural integrada no sistema social (pp. 79 e 80)³⁶.

A mais rica complexidade da sociedade humana é a cultura, através da qual o homem se mantém e se desenvolve. Trata-se de um conjunto de informações estruturadas segundo regras não-inatas e não resultam da simples ação das interações entre indivíduos e grupo.

A cultura constitui um sistema generativo de alta complexidade sem o qual essa alta complexidade se desmoronaria para dar lugar a um nível organizacional mais baixo.

Neste sentido, a cultura deve ser transmitida, ensinada, aprendida, isto é, reproduzida em cada novo indivíduo no seu período de aprendizado (learning) para poder autoperpetuar-se e perpetuar a alta complexidade social (p. 81)³⁷.

ROLNIK e GUATTARI (1986) chamam a atenção para os diferentes sentidos em que se utiliza o termo cultura; o mais antigo, porém, significa "cultivar o espírito". Ressaltam:

- sentido A: "cultura-valores" -corresponde a um julgamento de valor indicando quem tem cultura e quem não tem, aqueles que pertencem a meios cultos ou pertencem a meios incultos;

- sentido B: "cultura alma-coletiva" -sinônimo de "civilização". Todo mundo tem, é uma cultura democrática e qualquer pessoa pode reivindicar sua identidade cultural;

- sentido C: "cultura-mercadoria" -corresponde à "cultura de massa", não há julgamento de valor: são todos os bens, todas as pessoas, todas as referências teóricas e ideológicas relativas a seu funcionamento; é tudo que contribui para a produção de objetos semióticos difundidos num mercado determinado de circulação monetária ou estatal (p. 17)³⁸.

Segundo MORIN (1973), a cultura não repousa sobre o vazio, mas sobre uma primeira complexidade pré-cultural -a da sociedade dos primatas -e se desenvolveu até a dos primeiros homínidas (p. 82)³⁹. Ela é indispensável na história humana, na medida em que o homem é um ser cultural por natureza (p. 93)⁴⁰.

Parece-nos necessário pensar a cultura indissociável da subjetividade, pois, tal como afirmado: “não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia; e, reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação que funcione segundo o seu perfil”. (ROLNIK, 1997, p. 29)⁴¹.

A respeito da subjetividade, ROLNIK e GUATTARI (1986) afirmam:

a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização -ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica -não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquímicos, econômicos, sociais, técnicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoais (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção ideica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.) (p. 51)⁴².

Os processos de subjetivação atingem todos os aspectos da vida do indivíduo e o acompanham em todas as suas experiências, tanto através do que lhe foi dado pela hereditariedade e pela cultura como pelas próprias experiências vividas.

Na busca de informações sobre a vida do homem, oculta na nebulosa do tempo e cujas informações não vêm, propriamente, do historiador, mas do arqueólogo, do geólogo, do paleontólogo ou do etnólogo, estamos mais 'próximos' de nossos dias, quando nos voltamos para a Idade Antiga, ano 4.000 a. C., até a derrocada do Império Romano em 455. Em 1492, com o descobrimento da América, surge a modernidade. Todo esse período, marcado por conflitos que desencadeiam crises, conspirações, revoluções palacianas,

revoltas, guerras, muitas vezes com o auxílio de estrangeiros, gera instabilidade do poder e favorece a instabilidade social. Como afirma Morin,

A relação entre o indivíduo e o retículo da organização coletiva tornou-se instável. O indivíduo, menos integrado, torna-se "egoísta", pode faltar ao seu dever social, traiçoa-lo. O anômico, o desviado, o "traidor" proliferam na sociedade histórica (p. 188)⁴³.

ANDRADE (1990) lança a palavra "antropofagia" para significar a absorção cultural, um rito que se encontra em várias partes do globo e que dá idéia de exprimir um modo de pensar, uma visão do mundo, que caracterizou certa forma primitiva da humanidade. É um ato religioso vindo do rico mundo espiritual do homem primitivo. Não indica canibalismo (antropofagia por gula) nem por fome (vivida em cidades sitiadas ou com sobreviventes de acidentes, como sucedeu, há pouco tempo, com aqueles sobreviventes da queda de um avião nos Andes). A antropofagia de que nos fala o citado autor se traduz assim:

a operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a transformação do tabu em totem. Do valor oposto ao valor favorável. A vida é devorada pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu (p. 101)⁴⁴,

Nas primeiras tribos humanas, o ato sexual não se ligava a um ato de amor, destinava-se, unicamente, à procriação. Naquela época, afirma ANDRADE (1990), nos agrupamentos humanos não havia condições de identificar a paternidade; assim, não havendo pai, o ponto de referência era a consangüinidade materna.

E tudo se prende à existência de dois hemisférios culturais que dividiram a história em Matriarcado e Patriarcado. Aquele é o mundo do homem primitivo. Este o do civilizado. Aquele produziu uma cultura antropofágica, este, uma cultura messiânica (p. 102)⁴⁵.

O domínio do patriarcado iniciou-se quando o homem deixou de devorar o seu semelhante para torná-lo escravo. Da servidão derivou-se a divisão do trabalho e a organização da sociedade em classes -surgiram a técnica e a hierarquia social. A luta de classe tornou-se a própria história do homem. Uma classe se sobrepunha a outra e, dentre estas, a mais forte e que a todos dominava era a classe sacerdotal.

A doutrina cristã, através de Paulo, implanta novos valores, como o estímulo à monogamia, esteio da dignidade humana. As invasões dos bárbaros na Europa criam novos enxertos na cultura europeia, a queda do Império Romano leva à Idade Média uma visão religiosa que limita o homem em toda e qualquer iniciativa, porque tudo está nas mãos de Deus. Não há lugar para a compreensão e a crítica; é uma entrega pura e simples de escravo.

Chega-se ao século XVI e se inicia uma mudança total na cultura, nas ciências, na política, na religião, enfim, uma visão nova do homem começa a se fundamentar.

Pode-se chamar de Ciclo das Utopias esse que se inicia nos primeiros anos do século XVI, com a divulgação das cartas de Vespúcio, e se encerra com o **Manifesto Comunista** de Karl Marx e Friedrich Engels, em 1848, documento esse que liquida o chamado Socialismo Utópico, aberto com a obra de Morus e que, superado, chega, no entanto, até o século XIX, quando o francês Cabet publica a sua **Viagem à Icá** -último país onde o puro sonho igualizante encontrou guarida e afago(...)

Os pontos altos do Ciclo das Utopias foram: no século XVI, a miscigenação trazida das descobertas; no século XVII, a nossa luta nacional contra a Holanda e o Tratado de Westfália, que, depois da Guerra dos Trinta Anos, jogava por terra as pretensões da Áustria de absorver a Alemanha, abrindo para a Reforma, os horizontes estatais do imperialismo germânico; no século XVIII, a Revolução Francesa(...) (pp. 161 e 162)⁴⁶.

A Utopia, prossegue o autor, é sempre um sinal de inconformação e um prenúncio de revolta; junto ao sonho, há sempre um protesto.

O primeiro Cristianismo foi uma Utopia, uma Utopia herética tanto em face do Sanhedrim judaico como do poderio político romano. E por isso o Cristo da realidade ou da lenda teve o lenho em cruz como coroação de seu sonho ideal (p. 205)⁴⁷.

A partir do século XVI, o problema da Subjetividade se assenta, permitindo-nos, com maior clareza, pensar e aprender seus processos de constituição e suas expressões tanto no indivíduo quanto na sociedade.

Nos séculos XVI-XVII, formam-se as grandes cortes européias e os nobres detentores de grande poder em seus castelos passam a viver em volta do soberano -o maior exemplo foi a corte de Versalles, à época de Luiz XIV. Era a época da etiqueta, quando o comportamento obedecia a normas e regras palacianas, cuja maior característica se exprimia na contenção dos impulsos, uniformidade da conduta, autodomínio, auto-observação e na observação dos outros. Para eles valiam as aparências. O maior problema para um dos nobres: a perda do autocontrole e a revelação do que realmente sentia; deixar invadir-lhe a privacidade significava perder os recursos expressivos civilizados. FIGUEIREDO (1996) fala que

a pregação e a confissão eram duas modalidades de produção de subjetividade. Na confissão fala o crente no espaço privado do confessionário acerca do que não pode ser falado em público, do que não pode nem deve ser incorporado às suas representações sociais. Na confissão, sussurra-se, articula-se mal, duvida-se, pede-se socorro e perdão. O confessor ouve, orienta e, principalmente, **absolve da culpa**. No sermão, fala o pregador no espaço público acerca do que pode e precisa ser falado em público para cada fiel, em tese sinta nessa fala alusões oblíquas à sua intimidade. O sermão deve dirigir o olhar de cada um para dentro a partir do mundo das representações (pp. 95 e 96)⁴⁸.

Essa situação se modificou por meio de movimentos literários, filosóficos, científicos e religiosos, como de novos costumes e dispositivos sociais que contestam modelos anteriores.

As experiências da consciência livre, a razão autônoma, as observações independentes e os sentimentos autênticos serão as instâncias críticas diante das convenções, das representações obsoletas e das práticas de censura e opressão (p. 117)⁴⁹.

Diversificam-se os costumes, as artes, os relacionamentos sociais, familiares, a privacidade individual passou a ser defendida a todo custo. Nessa época, surgiram as "sociedades secretas", onde se garantia a liberdade da consciência reforçavam-se os vínculos de solidariedade pessoal e comunitária.

A maçonaria, desta forma, ocupa uma posição duplamente intermediária: tanto ela fica entre a esfera privada, que ela constitui e se protege, e a esfera pública, em que os maçons pretendem intervir conservando-se à sombra, como entre a tradição iluminista (diversos iluministas notáveis eram maçons) e as tendências românticas em engendramento (p. 119)⁵⁰.

Para se alcançarem tantas mudanças, houve a influência de vários pensadores, entre os quais, Descartes, que é, segundo FIGUEIREDO (1997), "tomado como o inaugurador da modernidade no sentido de que ele marca o fim de todo um conjunto de crenças que fundamentavam o conhecimento" (p.30)⁵¹.

O século XVIII vai representar o mais avançado e progressista no terreno das idéias pelo movimento filosófico denominado de Iluminismo, em que o eu, onipotente, torna-se o centro de toda atividade e conhecimento.

O século XIX surge com duas formas de pensamento originárias dos séculos anteriores: o Liberalismo e o Romantismo como princípios de organização econômica e política. As artes a filosofia assumem posição muito

significativa; é nesse século, também, que se inicia uma sociedade organizada pelo regime disciplinar.

FIGUEIREDO (1996) esclarece-nos que o Liberalismo defendia os direitos naturais do indivíduo, amparados pelo Estado e consagrados por um contrato livremente firmado entre os indivíduos, autônomos ao garantir seus interesses. O indivíduo era livre para administrar sua vida particular tanto no plano das opiniões como na sua vida doméstica e dos negócios; ao Estado cabia regular as relações entre as pessoas para que os direitos não fossem violados pelos demais. A privacidade era defendida a todo custo dos abusos eventuais dos poderes públicos.

O Estado não possuía condições de interferir nos direitos dos cidadãos e o poder foi descentralizado, separando-se os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, com a valorização, na medida do possível, das tradições locais e das experiências particulares e ênfase nas normas judiciárias e na importância dos aspectos concretos, salientando-se as leis gerais elaboradas racionalmente.

Essas idéias originaram uma "sociedade individualista e atomizada" com predominância dos agentes econômicos, que se articulavam nos espaços livres dos mercados de bens e de trabalho.

O liberalismo econômico (cf. Lukes, 1975; e Polany, 1980) defende a redução radical da presença do Estado na vida econômica, confiando de forma absoluta na iniciativa e na racionalidade individual dos agentes e na função auto-regulativa do mercado como as condições suficientes para o progresso e para a estabilidade da vida social (p. 132)⁵².

A índole empirista do liberalismo vai ser aos poucos substituída pelo construtivismo racionalista. O Estado já não se mantém nos limites de suas antigas funções, mas vai gradativamente assumindo a de intervir positivamente na administração da vida social (p. 133)⁵³.

Afirma FIGUEIREDO (1996) que se deve aos artistas, músicos, poetas e pensadores a expansão do pensamento romântico. Eles rejeitam a interpretação individualista da vida social.

No Romantismo, predominava o sentido de "restauração",

Restauração de formas orgânicas de vida social, restauração de valores autênticos, restauração de modos de relação entre os homens e entre eles e o mundo físico e histórico que trariam de volta a integridade, a espontaneidade e a fecundidade da vida coletiva e individual. Nesta medida, os românticos criaram, eles também, uma noção de individualidade, melhor dizendo, de **personalidade**, não mais definido pelo isolamento e pela privacidade nem pela identidade social, mas pela capacidade de se autodisciplinar, autodesenvolver, de criar e, na própria criação, transcender e integrar-se às coletividades e tradições (p. 144)⁵⁴.

Com o Romantismo, passou-se da noção de "liberdade de negativa" - exercida na não-interferência - para a autonomia que constituía uma "personalidade singularizada", desprezando-se máscaras e papéis socialmente convencionais, para se tornar o que verdadeiramente se é. Os românticos desprezavam os hipócritas, os mesquinhos, os acomodados e os medíocres, como também os homens livres, mas de fracas ambições; defendiam romanticamente as paixões, os impulsos, os estados alterados da consciência, valorizando as drogas alucinógenas, sonambulismo, experiências mediúnicas e os êxtases; defendiam liberdade absoluta da criação, a dissolução dos limites.

O Romantismo levado a estas últimas conseqüências nunca foi mais que uma coisa de "eleitos". Sua força se nutria exatamente da condição de marginalidade que lhe era destinada numa sociedade que se pensava predominantemente a partir das concepções liberais

e que já começava a se organizar, sob a égide do regime disciplinar (p. 145)⁵⁵.

Quando o homem percebe que não é tão livre quanto imaginava, espanta-se e começa a pensar o significado de tudo o que faz, pensa e sente sobre si mesmo, procura soluções; e foi o que aconteceu no século XIX, com a instalação do Regime Disciplinar, que "em si mesmo, exige a produção de um certo tipo de conhecimento psicológico de forma a tornar mais eficazes suas técnicas de controle" (p. 49)⁵⁶.

O Regime Disciplinar, segundo FIGUEIREDO e SANTI (1997), reduz o campo de atuação das subjetividades individuais e impõe padrões de controle rigorosos à conduta, envolvendo até a imaginação, os sentimentos, desejos e emoções. Nessa situação, o homem dissimula, esconde-se, fazendo crer que é livre, profundo e singular. Essa situação cria nele uma insegurança de si mesmo e ele descobre que

A liberdade e a diferença são, em grande medida, ilusões, quando se descobre a presença forte, mas sempre disfarçada, das Disciplinas em todas as esferas da vida, inclusive nas mais íntimas e profundas. A crença de que a fraternidade seria possível, ainda que todos defendessem interesses particulares, não sobreviveu por muito tempo (pp. 47 e 48)⁵⁷.

No Regime Disciplinar, estão as novas tecnologias de poder que se exercem sobre os processos funcionais e administrativos quanto sobre as identidades frágeis e passíveis de manipulação por figuras carismáticas ou projetadas em lendas e mito. "Estes três pólos atraem-se e repelem-se" (p. 151)⁵⁸.

Assim, o Liberalismo e o Regime Disciplinar encontram-se com seus objetos específicos -os indivíduos livres e, na direção oposta, estão os átomos sociais com seus controles próprios. Todos saem fortalecidos desse encontro.

O Regime Disciplinar e o Romantismo articulam-se nas forças e no poder da Vida e da Vontade aos procedimentos de controle carismático e docilizantes da disciplina.

Há afinidades, em determinados aspectos, do Individualismo Liberal e das práticas disciplinares e outros aspectos do Liberalismo com as idéias românticas. A par desses pontos de encontro, existem aspectos de rejeição que, no entanto, não se concluem numa separação efetiva.

Chegando o século XX, depois dessa tarefa "arqueológica", vislumbram-se melhores condições de entender as diferentes manifestações de subjetividade do homem contemporâneo. Como afirmam ROLNIK e GUATTARI, o mais significativo é que tais mutações da subjetividade funcionam "no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho, com a ordem social, suporte dessas forças produtivas" (p. 26)⁵⁹. É preciso estar alerta às conseqüências de uma mudança social, porque nela está implicada, também, uma mudança na produção da subjetividade.

Sob a ética capitalística, o controle dos processos de subjetivação é produzido pela família e ainda por todos aqueles que "ocupam uma posição de ensino nas ciências sociais e psicológicas, ou no campo do trabalho social - todos aqueles, enfim, cuja profissão consiste em se interessar pelo discurso do outro" (p. 29)⁶⁰.

Se o "trabalhador social" se considera isento de responsabilidades na constituição das subjetividades apenas transmissores do saber científico, não se comprometendo com constituição do sujeito, com "a produção da subjetividade

que constitui matéria-prima de toda e qualquer produção" (p. 28)⁶¹, pode ser considerado um "reacionário" em termos de posição social.

As subjetividades se expressam naquilo que constitui o viver do homem -o individual, o familiar, o cultural, o político, o material e o social. Os processos de subjetivação são forças atuantes sobre o homem que se afetam e vão constituir novos campos. Cada acontecimento e cada momento se compõem de forças que se relacionam e se afetam, produzindo um perfil específico de subjetividade.

A biologia e a psicologia pensavam o indivíduo pronto, com etapas de desenvolvimento e uma programação genética; no entanto as mudanças revolucionárias de nossa realidade ocasionadas pela Física moderna fornecem uma visão nova e consistente do mundo e do universo. O mundo deixa de ser uma máquina composta de uma infinidade de objetos para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes essencialmente se inter-relacionam.

2. 1. 2 -Subjetividade e Cultura

Segundo TOURAINE (1994), a modernidade "não é mais pura mudança, sucessão de acontecimentos; ela é difusão dos produtos da atividade **racional**, científica, tecnológica, administrativa" (p. 17)⁶², É o início de um desenvolvimento marcado pelo domínio da Razão centralizada na ciência, cabendo a religião à vida privada. Estabelece-se um distanciamento do tradicional com o primado da razão não apenas na atividade científica e técnica como também na política, na administração de todas as coisas. Vive-se a Modernidade como uma revolução. TOURAINE (1994) ainda nos afirma:

a ideologia ocidental da modernidade, que podemos chamar de modernismo, substituiu a idéia de Sujeito e de Deus à qual ela se prendia, da mesma forma que as meditações sobre a alma foram substituídas pela dissecação dos cadáveres ou o estudo das sinapses do cérebro. Nem a sociedade, nem a história, nem a vida individual, dizem os modernistas, estão submetidas à vontade de um ser supremo a qual devem aceitar ou sobre a qual devem ou sobre a qual se pode agir magia (p. 20)⁶³.

O século XIX deixara marca muito forte em toda a história das subjetividades, o período do "capitalismo liberal". SANTOS (1995) diz, a respeito dessa época:

o seu fascínio reside em que nele explodem com grande violência as contradições do projeto da modernidade: entre a solidariedade e a identidade; entre a justiça e a autonomia, entre a igualdade e a liberdade. Porque os ideais se chocam sem mediações, é possível ver neste período e com igual clareza tanto as tendências para o afundamento do projeto, como a sua aspiração de globalidade e frutificação do cotidiano (p. 80)⁶⁴.

O século XX nos deixa em uma situação de descrença no processo, na justiça, no futuro, no homem. Constatamos que não mais vivenciamos essa determinação e cada dia nos tornamos mais estranhos aos aspectos políticos ou culturais que organizam nossa experiência, nossa capacidade de criar novos valores e descobrir novas soluções para os problemas. O homem da nossa época não se faz por si mesmo, muito ao contrário, ele se deixa levar pelas informações, pelos produtos sociedade de massa, sensacionalismo da mídia.

Nossa vida privada e a social estão sujeitas a essa massificação, ao poder capitalista, para o qual não se considera o Homem, apenas o lucro interessa. Tal postura, com relação ao indivíduo, vê-se no hospital, na escola, na família, no trabalho, na política, porque toda atenção se volta para o fator

econômico, a competitividade e para o narcisismo de cada um. O homem de pessoa transformou-se em objeto. BIRMAN (1998) caracteriza a situação da pós- modernidade assim:

Nas últimas décadas, constituiu-se no Ocidente uma nova cartografia do social, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental. Esta fragmentação é não apenas uma forma nova de subjetivação, mas a matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas (p.23)⁶⁵.

O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o outro se apresenta como sujeito no horizonte da atualidade (p. 25)⁶⁶.

Segundo BOFF (1999), o sintoma mais doloroso constatado por pensadores e analistas contemporâneos é de um "difuso mal-estar na civilização". Acentua que o fenômeno mais expressivo do nosso tempo é o descuido, o descaso, o abandono e a falta de cuidado para com os valores mais nobres do ser humano e identifica um "descuido e um descaso":

- pela vida inocente de crianças usadas como combustível na produção para o mercado mundial;
- pelo destino dos pobres e marginalizados da humanidade, flagelados pela fome crônica, mal sobrevivendo da tribulação de mil doenças, outrora erradicadas e atualmente retornando com redobrada virulência;

- pela sorte dos desempregados e aposentados, sobretudo dos milhões e milhões de excluídos do processo de produção, tidos como descartáveis e zeros econômicos;
- pelos sonhos de generosidade agravados pela hegemonia do neoliberalismo, com o individualismo e a exaltação da propriedade privada que comporta. Menospreza-se a tradição de solidariedade. Faz-se pouco dos ideais de liberdade e de dignidade para todos os seres humanos;
- pela sociabilidade nas cidades onde a maioria dos habitantes se sentem desenraizados culturalmente e alienados socialmente. Predomina a sociedade do espetáculo, do simulacro e do entretenimento;
- pela dimensão espiritual do ser humano, pelo espírito de gentileza que cultiva a lógica do coração e do enternecimento por tudo o que existe e vive. Não há cuidado pela inteligência emocional, pelo imaginário e pelos anjos e demônios que o habitam;
- pela coisa pública. Organizam-se políticas pobres para os pobres; os investimentos sociais em segurança alimentar, em saúde, em educação e em moradia são, em geral, insuficientes;
- pela reverência, indispensável para cuidar da vida e de sua fragilidade;
- pela salvaguarda de nossa casa comum, o planeta Terra. Solos são envenenados, ares contaminados, águas poluídas, florestas

dizimadas, espécies de seres vivos são exterminadas; um manto de injustiça e de violência pesa sobre dois terços da humanidade;

- pela forma de organizar a habitação, pensada para famílias minúsculas obrigadas a viver em cômodos insalubres (pp. 18 e 20)⁶⁷,

Essa a situação da pós-modernidade, onde não há renovação nem história, nem criação, nem originalidade, somente deterioração.

A subjetividade contemporânea está em fase de constituição - desenvolve-se a história, a cultura, as condições da criatividade e de crescimento sempre presentes no homem, que é, sobretudo, um processo.

Para SANTOS (1995), "o vazio do futuro não pode ser preenchido nem pelo passado nem pelo presente" (p. 322)⁶⁸ e, em razão disso, há apenas uma saída, reinventar futuro, abrir novos horizontes de possibilidades, cartografando alternativas radicais àquelas que não atendem às necessidades do homem.

Penso que só há uma solução: a utopia. A utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito de desejar e por que merece a pena lutar (p. 322)⁶⁹.

ROUANET (2000), refletindo sobre a validade das utopias em nosso tempo, considera confiável somente o princípio da realidade, pois o homem renunciou à transcendência e toma a utopia como perigosa, potencialmente autoritária e inútil, porque a economia global é utopia realizada.

Os que decretam o fim das utopias ignoraram os autores que viram na consciência utópica uma dimensão permanente da condição humana e os que compreenderam a utopia no sentido sociológico, como expressão de grupos e estratos marginalizados, sempre presentes em qualquer sociedade.

Entre os pensadores do primeiro grupo está Freud, que descobriu a força e a materialidade do desejo, sua capacidade ilimitada de construir mundos imaginários para anular privações reais (p.15h)⁷⁰.

"Nosso século tem sido paupérrimo em pensamento utópico", afirma SANTOS (1995), e essa ausência é considerada natural sobretudo devido ao processo científico e à racionalização global (p. 323)⁷¹.

E é nessa situação de desencontros que se encontra o idoso, enfrentando obstáculos que, partindo do ambiente, repercutem em sua vida. Diz DEBERT (1999):

Apresentar suas experiências de envelhecimento foi descrever pioneiros no desbravamento de um território inteiramente novo e em ebulição. Redefinindo espaços criados para a sociedade entre os mais velhos, estes passavam a vivenciar o avanço da idade de um modo radicalmente diferente daquele que foi o dos seus pais e avós (p. 239)⁷².

2.2 – A VELHICE

Esta etapa da vida iniciada após os setenta anos foi pouco investigada e explorada pela literatura do mundo contemporâneo até os anos 70. Durante muito tempo, viu-se a velhice apenas como um efeito das preocupações da família e dos cuidados das instituições filantrópicas. Agora torna-se o foco das atenções dos pesquisadores e uma preocupação.

DEBERT (1999) afirma que

Assistimos, por um lado, a uma socialização progressiva da gestão da velhice; durante muito tempo considerada como própria da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela se transforma em uma questão pública. Um conjunto de orientações e intervenções, muitas vezes contraditórios, é definido e implementado pelo aparelho de estado e outras organizações privadas. Um campo de saber específico - a gerontologia* - é criado como profissionais e instituições encarregados da formação de especialistas no envelhecimento (p.13)⁷³.

Diante desses dados, é que nos propomos refletir sobre a velhice, procurando caracterizá-la diante de outras fases da vida, da diversidade cultural e mudança social, bem como diante da complexidade dos sentimentos do idoso e das novas imagens do envelhecimento.

Salientamos que não é nossa pretensão fazer um estudo exaustivo sobre a velhice, mas apenas destacar seus aspectos mais importantes, tentando criar uma moldura em que se possa, depois, situar a problemática da vida sexual da mulher idosa.

*Gerontologia – estudo do envelhecimento, é um termo criado por Metchnikoff, em 1903, para designar a especialidade que estudava o processo fisiológico de envelhecimento.

2.2.1 – Caracterização da velhice

O velho inspira um sentimento de veneração e respeito, associado a um incômodo e insatisfação por parte dos jovens. Essa ambivalência quase sempre inconsciente, pois, diante da efetividade e do zelo, há, também, uma carga de rancor não expresso; daí a impaciência com que se ouve o velho e como suas colocações, de uma maneira geral, são consideradas superadas.

Afirma NERI (1995)

Que até o século XIX existiam três noções sobre o envelhecimento humano. A primeira era que a espécie humana já foi perfeita, mas que o pecado original provocou uma desgraça, cujo principal sinal é a morte. A segunda era que em lugar distante no mundo existiriam pessoas que deteriam o segredo da imortalidade. A terceira era que existiria algures uma fonte milagrosa, cujas águas teriam o poder de restaurar o vigor e a juventude perdidos e assim prolongar (Gruman, 1966, apud Birren, 1990, p.15)⁷⁴.

MOTTA (1999), referindo-se à concepção de envelhecimento, diz que o envelhecimento é um processo biológico universal, dinâmico, progressivo e irreversível, caracterizados por manifestações de ordem biológica, psíquica e social que ocorrem em cada indivíduo de forma diferenciada.. Os eventos biológicos ocorridos através do tempo deixam marcas na sua passagem, acontecendo, no entanto, em momentos diversos e em ritmos diferentes para cada pessoa. Tal processo pode ser influenciado, também, pelo modo de viver dos indivíduos.

É difícil medir o envelhecimento biológico, porque não se dispõe de um referencial universal que demonstre quais as mudanças biológicas associadas à idade. Cada pessoa vive o tempo objetivo de forma subjetivamente diferente o qual produz efeitos muitos distintos (p. 108)⁷⁵.

O envelhecimento psicológico manifesta-se sob dois enfoques: o cognitivo, que afeta a capacidade de pensamento, e o afetivo, referente ao mundo dos sentimentos e emoções e à personalidade (p. 109)⁷⁶.

Pode-se ainda considera-lo fenomenológico, que se coloca diante da percepção subjetiva da própria idade e é fundamental ao processo de adaptação do indivíduo que envelhece.

Até bem pouco tempo, tratar da velhice nas sociedades industrializadas significava referir-se a um quadro dramático da perda do “status” social dos indivíduos, porque a industrialização destruía a segurança econômica e as relações existentes nas sociedades tradicionais entre as gerações na família. Na situação atual, o idoso torna-se um peso, se não um estorvo para a família e para o Estado, não se levando em conta a experiência e sabedoria nem o fato de ser membro respeitado na família e na comunidade. Na sociedade moderna, é marcado pelo preconceito, abandonado a uma existência sem significado (DEBERT, 1999, pp. 16 e 17)⁷⁷. Entretanto o mesmo autor nos informa que as pesquisas recentes revisam tais concepções e há um acordo entre os historiadores de que, em vista de precariedade de dados disponíveis, é muito limitado o conhecimento sobre a velhice em períodos históricos distantes ou em épocas relativamente próximas. (p. 17)⁷⁸.

Mesmo nas sociedades primitivas, a experiência de ser velho não era gratificante, pois dependia do prestígio do poder ocupado pela pessoa ao longo da vida. Nas sociedades contemporâneas ocidentais, poder aquisitivo e a renda é que lhe definem o comportamento social. Há pesquisa sobre a questão da

Produtividade e dos benefícios previdenciais da velhice, vítima nas sociedades industrializadas.

Existe uma tendência muito expressiva, na época contemporânea, para rever os estereótipos referentes ao envelhecimento. A idéia de um momento da vida, caracterizado por perdas e ausência de objetivos, vai sendo substituída por uma nova concepção, na qual se olha a velhice também como o momento de recuperar perdas, de alcançar novas conquistas e de se buscar o prazer e a satisfação pessoais. Toda a experiência adquirida pelo sujeito através dos anos e os ganhos obtidos serão oportunidades para estabelecer relações mais profundas com o mundo dos jovens e dos mais velhos.

Diz GUERREIRO e RODRIGUES (1999) que o homem vive o drama da dualidade, entre o impulso de se lançar num mundo novo e a acomodação ao seu universo conhecido. O novo desperta curiosidade, proporciona a aventura da descoberta e o prazer da liberdade, ao mesmo tempo gera dúvidas, incertezas e temores (p. 57)⁷⁹.

No período do envelhecimento, há uma confrontação entre a questão da dependência-independência (ou autonomia) no curso da vida. BALTES e SIVERBERG (1990) afirma que

o equilíbrio entre a dependência e a autonomia muda constantemente com o desenvolvimento pessoal e os contextos ambientais; muda ao longo do tempo, de acordo com os valores, as expectativas e as exigências culturais e sociais (pp. 74 e 75)⁸⁰.

A expectativa do envelhecer favorece o recrudescimento de inquietações, que afligem o ser humano desde os primórdios de sua existência. Isso se pode observar nas marcas culturais que afetam o homem, nas suas

Heranças e tradições, nos elos de afinidade entre ele e seus antepassados ao se defrontarem com a experiência da doença, da velhice e da morte, expressando as mesmas dores, inquietações e temores (p. 58)⁸¹.

2.2.2 – Diversidade de Cultura e Mudanças Social

Até os anos 70, a ênfase das investigações residia no que existia de comum na experiência do envelhecimento nas sociedades industrializadas. Nessa época, considerava-se a velhice como um período da vida sem significado. Os velhos formavam uma minoria desprivilegiada. “A baixa renda e o baixo status seriam o destino inevitável daqueles que atingem os 60anos...” (DEBERT, 1999, p.71)⁸². Os estudos antropológicos, desse período, a respeito da velhice, informam que o status social dos idosos nas sociedades tradicionais era mais alto e mais prestigiado do que nas sociedades modernas (p.72)⁸³.

O século XX testemunha uma transformação na experiência de envelhecimento, incluindo a situação dos idosos bem idosos, sua participação na família e possíveis soluções trazidas pelas casas geriátricas. O que se observa de maior significação é o interesse de todos para encontrar uma fórmula ideal para a convivência com o envelhecimento.

2.2.3 – Reinventado o Envelhecimento

Pode parecer estranho “*reinventar o envelhecimento*”, no entanto é isso o que se dá contemporaneamente, quando se procura rever os estereótipos associados à velhice.

As perdas consideradas próprias desse período da vida são substituídas por novas conquistas, visando ao prazer e às satisfações pessoais. As experiências adquiridas e os saberes acumulados através dos anos possibilitam novos projetos de vida e estabelecem reações mais produtivas entre o mundo dos jovens e o dos velhos.

Nosso interesse primordial em tais considerações volta-se para o tipo de emoções experimentadas pelas pessoas idosas, pois aí reside a escassez de informações. Houve uma reformulação na maneira de vê-las, com a criação de espaços específicos, ou seja, associações para reunirem as pessoas de “Terceira Idade”,

Uma expressão que, recentemente, popularizou-se com muita rapidez no vocabulário brasileiro. Mas do que uma referência a uma idade cronológica, que ainda não adquiriu conotação depreciativa. A expressão originou-se na França – país onde os gerontólogos brasileiros foram formados (Strucchi, 1994) – com a implantação, nos anos 70, das “Universités du Troisième Age” (DEBERT, 1999, p.138)⁸⁴.

Essas associações, de grande aceitação entre nós, ajudam os gerontólogos e outros estudiosos do processo de envelhecer a descobrirem novos conteúdos que podem ser atribuídos a velhice. Nesses grupos, há uma grande maioria de mulheres, no entanto, quando se trata de reivindicações políticas, a participação dos homens prepondera.

Pode se verificar uma diversificação de gêneros no envelhecimento.

Afirma DEBERT (1999):

Para alguns autores, as mulheres na velhice experimentam uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso somado de dois tipos de discriminação – como mulher e como idosa. Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel

reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria caracterizada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade (p. 140)⁸⁵.

Outros autores consideram com otimismo o envelhecimento feminino – mas suave do que o masculino, principalmente em relação ao trabalho. O homem é aposentado pelas aposentadorias compulsórias, enquanto a mulher, mesmo aposentada, tem a afetividade dos filhos e netos e sente-se mais livre dos controles que, durante toda a vida, lhe foram impostos.

Nosso interesse, aqui, é descrever o tipo de emoções, de interesse e desejos experimentados pela mulher idosa, e desejamos esclarecer de que modo ela vive sua sexualidade.

A pobreza de informações a respeito desse aspecto leva o idoso a se considerar incapaz de vivê-lo satisfatoriamente, porque sua visão da sexualidade liga-se, sobretudo, ao plano físico. A mulher sofre mais as conseqüências dessa visão errônea, porque, discriminada quanto às suas necessidades, não compartilha das situações naturais da vida, como sucede com o homem idoso. A sociedade aceita, sem relutância, que este receba afeto, tenha a companhia de uma mulher no final da vida, enquanto que aquela está destinada a solidão.

A sexualidade é entendida exclusivamente na esfera genital, restrita a função reprodutora, por isso direcionada, somente, para as pessoas em condições prolíferas. Trata-se de uma posição errônea, porque o sexo não se restringe, apenas, a uma resposta do corpo, aos estímulos erógenos, mas é também uma

Forma de satisfazer as necessidades afetivas e dos desejos de criatividade humana.

A mulher idosa, apesar de todos os preconceitos pessoais e sociais que podem leva-la ao recalçamento dos seus desejos, continua a viver a sexualidade, muitas vezes de forma inconsciente, através dos jogos de sedução em que muitas vezes de forma inconsciente, através dos jogos de sedução em que manifesta a sensualidade. Entretanto, quando conscientiza o seu desejo, acha-se ridícula e fica temerosa de que lhe tenham notado o comportamento. Para reprimi-lhe ainda mais o desejo, ocorre a vigilância da família, dos parentes, dos mais jovens, os quais não admitem manifestar ou utilizar artifícios de sedução.

Convêm ainda destacar, como fonte de culpa, o desconhecimento, por parte dela mesma, de práticas individuais da sexualidade, como a masturbação, considerada “causadoras de problemas patológico, deturpadora do caractere contrária a todos os princípios religiosos” (Bacelar, 1999, p. 71). Há, ainda, outro aspecto da sexualidade feminina na velhice: a fantasia sexual, também objeto de repressão. E BACELAR (1999) continua:

Como se vê, muito se tem ainda a constatar e a formular nos atuais conceitos de sexualidade na velhice. Os estudos a respeito estão numa fase introdutória. Convém que os pesquisadores, mas do que o seu material de estudo (os idosos), quebrem seus próprios tabus e barreiras inconscientes, construídas ao longo do tempo, para chegarmos a uma conclusão verdadeira e não apenas a suposições (p. 72)⁸⁶.

2.3 -A SEXUALIDADE

Para melhor situarmos o problema da sexualidade da mulher idosa, neste tópico, faremos uma apresentação resumida do que Freud pensa sobre a sexualidade. Para tanto, vamos ressaltar o modo diferente de como se tratava tal tema antes e depois dele, e indicar brevemente a modificação por ele operada tanto na extensão quanto na compreensão do conceito de sexualidade, ao distingui-la do instinto. No campo da pulsão, mostraremos sua relação especial com o desejo e o lugar central da fantasia como encenação do desejo. Finalmente, vamos lembrar o papel da sublimação como um destino pulsional e a relação que Freud estabeleceu entre a sexualidade humana e a ternura. Sublimação e ternura são dois conceitos que nos parecem fundamentais para compreendermos o mundo da sexualidade da mulher idosa.

2.3.1 -Modificação da Compreensão e da Extensão do Conceito de sexualidade

LAPLANCHE (1985), estudando o conceito de sexualidade na visão psicanalítica, remete-se ao texto fundamental de Freud, "Os três ensaios sobre a sexualidade" (905). Nesse estudo, ele nos mostra que, de forma inovadora, Freud modificou tal conceito, quando nos fala da imensa amplitude que a psicanálise operou na noção de sexualidade, amplitude tanto na extensão do conceito quanto a sua compreensão (p.33)⁸⁷.

A sexualidade abrange não só o restrito setor da atividade genital mas também toda atividade humana. Compreende-se melhor essa abrangência, se consideramos a modificação que Freud operou, também, na compreensão do conceito de sexualidade, no momento em que distinguiu a pulsão sexual do instinto sexual: enquanto pulsão, relaciona-se, intimamente, com o desejo, que está na base do agir humano. Situando a sexualidade na base do agir humano, Freud foi, muitas vezes, acusado de "pansexualismo". Ele não teria reduzido tudo ao sexo; como diz Laplanche, o pansexualismo de Freud não quer necessariamente dizer que a sexualidade seja "tudo", mas que em "tudo" haja, talvez, sexualidade (p.33)⁸⁸.

Sobre as divergências entre os psicanalistas a respeito do papel da sexualidade, FREUD assim se coloca no prefácio da quarta edição do "Três Ensaio...":

Agora, depois de esmorecidos os tormentos da guerra, é-nos grato verificar que permanece intacto o interesse demonstrado pelo público em geral pelas pesquisas psicanalíticas: Aquela parte da teoria, no entanto, que se aproxima da biologia e cujos fundamentos são expressos neste livro, ainda se defronta com a mesma inabalável oposição. Chegou mesmo a levar certas pessoas que, durante algum tempo, demonstraram grande interesse pela psicanálise, a abandoná-la e a adotar novos pontos de vista que iriam uma vez mais restringir o papel desempenhado pelo fator da sexualidade sobre a vida psíquica, normal e patológica (FREUD, 1905, p. 133)⁸⁹.

FREUD (1940) considera que a psicanálise provocou espanto e oposição, quando, com base em fatos até então negligenciados, contradisse todas as opiniões populares sobre a sexualidade. Para eles:

- a) a vida sexual inicia-se com manifestações claras, logo após o nascimento, e não apenas na puberdade;

- b) é necessário fazer uma distinção entre a "sexualidade" e "genitalidade", isto a esfera sexual inclui atividades que nada têm a ver com os órgãos genitais;
- c) a vida sexual inclui a função de obter prazer das zonas do corpo, função que, subseqüentemente, é colocada a serviço da reprodução (pp. 177 e 178)⁹⁰.

O estudo da sexualidade tem, como núcleo central, o conceito da pulsão. Para Freud, porém, a verdadeira pulsão é a pulsão sexual. Vejamos, a seguir, como ele distingue pulsão de instinto e define os elementos constitutivos da pulsão.

A pulsão (Trieb) é um dos conceitos fundamentais da metapsicologia freudiana. Trata-se de um conceito, como diz **FREUD** (1915), limítrofe entre o mundo corpóreo e o mundo anímico. A pulsão é

Um conjunto situado na fronteira entre o mental e o somático, como representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (p. 142)⁹¹.

A diferença fundamental entre a pulsão e o instinto explica-se porque o instinto, além de designar um comportamento predeterminado e hereditariamente transmitido, possui objeto específico, enquanto a pulsão não implica nem em comportamento pré-formado, nem objeto específico. É exatamente a variação, quanto ao objetivo e ao objeto, que se vai constituir num dos pontos centrais da teoria pulsional (p. 119)⁹².

Segundo HANNS (1999), o termo Trieb possui amplo leque de sentidos no âmbito coloquial, em diversos outros campos, como na filosofia, literatura etc. Não há um conceito único; emprega-se o termo em várias acepções.

Na psicanálise o uso também é variado, mas não é tão fragmentado como em geral, no idioma. À medida que desenvolve a aplicação da noção de **Trieb** para os problemas da psicanálise, Freud serve-se do repertório de sentidos do termo para inseri-lo no arcabouço psicanalítico. No texto freudiano, cada sentido de **Trieb** se apresenta como um momento e uma forma de circulação em determinado patamar (...)

A opção por "instinto" provém da tradução inglesa de Strachey, cujas opções terminológicas são de cunho médico e biológico (política do comitê de tradução da época. Isto pode ter causado algum esvaziamento do conceito de **Trieb** (...)) Atualmente "pulsão" parece estar ganhando terreno na psicanálise brasileira, mesmo entre os adeptos das escolas inglesas (...) Talvez esteja ocorrendo uma desideologização do termo e esteja se deslocando o eixo da discussão para a questão de optar pela palavra que melhor sirva para o ensino e a transmissão da psicanálise (pp. 206 a 209)⁹³.

No estudo das pulsões, Freud distingue a "finalidade", o "objeto" e a "fonte" como elementos constitutivos da pulsão, cuja essência é a pressão (Drang) -quantidade de forças ou exigência de trabalho que a atualiza, que tem uma parcela de atividade. Quando se fala em pulsão "passiva", entende-se que pode ter "finalidade" passiva.

A "finalidade" (Ziel) da pulsão é sempre sua satisfação, que, conforme FREUD (1915), se obtém,

Eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão. Mas, embora a finalidade última de cada pulsão permaneça imutável, poderá ainda haver diferentes caminhos conduzentes a mesma finalidade última, de modo que se pode verificar que uma pulsão possui várias finalidades mais próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas com as outras. A experiência nos permite também falar de pulsões que são "inibidas em sua finalidade", no caso de processos aos quais se permite progredir no sentido da satisfação pulsional, sendo então inibidas ou de fiadas. Podemos supor que mesmo processos dessa espécie envolvem uma satisfação parcial (p. 143)⁹⁴.

O "objeto" (Objekt) é a coisa em relação à qual, ou através da qual, a pulsão é capaz de atingir sua finalidade.

A "fonte" (Quelle) é corporal, e não psíquica, "é um processo somático que ocorre num órgão, ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por uma pulsão" (p. 143)⁹⁵.

De início, Freud distinguiu dois grupos de pulsões: as do ego ou de autoconservação e as sexuais. Estas se destacam daquelas, porque se apóiam nas funções vitais que lhes oferecem uma fonte orgânica, uma direção e um objeto (LAPLANCHE e PONTALIS, 1967, p. 66)⁹⁶. FREUD (1905) introduziu a noção de apoio ou anáclise para designar a relação primitiva das pulsões sexuais com as pulsões de autoconservação. Certas funções vitais fornecem "uma fonte orgânica, uma direção e um objeto" (LAPLANCHE e PONTALIS, 1967, p. 66)⁹⁷ às pulsões sexuais. Isso é o que se denomina de apoio.

LAPLANCHE e PONTALIS (1967) esclarecem que a noção de apoio ou anáclise não aparece plenamente destacada na obra de Freud, embora se trate de um ponto significativo da teoria das pulsões. A noção de apoio, ou anáclise, ajuda a compreender a gênese da sexualidade, permitindo definir o lugar desta na teoria freudiana (p. 67)⁹⁸.

Em 1920, Freud reformula sua primeira classificação das pulsões, passando ao dualismo: pulsões de vida e pulsão de morte. As primeiras reúnem as pulsões sexuais (que permitem a sobrevivência da espécie) e pulsões do eu, que visam à sobrevivência do indivíduo. Diz CHEMAMA (1993):

Freud substitui as oposições pulsões sexuais/ pulsões do eu e pulsões do eu/ pulsões de objeto, pela oposição pulsões de vida/ pulsão de morte, que julga muito mais fundamental e que, durante todo o final de sua obra, iria lhe parecer mais pertinente (...) as pulsões de vida reúnem uma parte das pulsões sexuais (a que permite a sobrevivência da espécie) e uma parte das pulsões do eu (a que visa à sobrevivência do indivíduo). Por outro lado, uma face

das pulsões sexuais (a que coloca o indivíduo em perigo, por estar a serviço exclusivamente da espécie), das pulsões do eu (a que ameaça a espécie, porque privilegia o indivíduo) e das pulsões de objeto (a que preside a destruição do objeto, ao se assegurar de sua incorporação no seio do sujeito), de fato, uma face escondida, deve ser considerada como fazendo parte da pulsão de morte (p. 180)⁹⁹.

Definida a pulsão e esclarecida a sua distinção diante do instinto, vejamos agora, como, do ponto de vista psicanalítico, ela se relaciona com o desejo.

2.3.2 -Pulsão e Desejo

-Raízes Etimológicas

Não faremos um exaustivo estudo sobre as raízes etimológicas do desejo, mas refletiremos sobre aquilo que nos parece interessante para melhor compreender sua dinâmica. Assim, como GIORGI (1990), a palavra *desejo* remete a duas línguas indo-européias de maior influência em nosso vocabulário: o latim e o grego. Para os romanos, a raiz etimológica da palavra desejo é *cupio* do verbo *cupere* (desejar), donde se origina o substantivo *cupiditas*, que, em português, significa "cobiça" e "cupido".

"Cupido" parece, também, indicar "gula", porque existe a palavra *cupedo*, muito popular no latim, formada do verbo *cupeo*. No estágio mais arcaico da língua latina, *cupeo* se associava à idéia de "ferver", "soltar fumaça"... "*quando o sujeito deseja é como se estivesse soltando fumaça, soltando vapor...*" (p. 131)¹⁰⁰.

O latim dispunha também de outra palavra para significar o "desejo sexual": "vênus", cuja raiz se encontra nas formas "van" e "ven". "Vênus" designa

deusa dos jardins, mas, posteriormente, quando os romanos assimilaram e conheceram a mitologia grega, passaram a designá-la como a deusa do ato sexual. Entretanto, no sentido amplo, significava apenas "desejo". Da raiz ven havia um verbo, mais usado do que cupio, significando "desejo", mas depois desapareceu, embora se conservasse com a mesma raiz de vênus no germânico, pois a palavra "desejo" é wunsch em alemão.

Depois da era clássica, outra palavra latina passou a determinar o sentido do "desejo" -o verbo desiderare, em português, "desejar", donde vem a palavra DESEJO. Desiderare vem de sidus, sideris, que quer dizer "astro", "estrela". A idéia de relacionar a palavra desiderare com os astros procede dos adivinhos da antiga Roma. Estes, observando os astros, prediziam a vida das pessoas. Esse modo de proceder, eles denominavam de considerare - "considerar", "levar em conta o que os astros diziam". Quando alguém, desesperado, não encontrava a solução para os seus problemas, na "consideração" dos astros, desistia de procurar a solução neles e assumiam, pessoalmente, o seu futuro.

Isso é que é desejar, desejar é ter certeza da ausência, não tenho o que eu quero e por isso eu desejo, então desejar, na sua origem, quer dizer: desistir de olhar os astros, desistir de especular sobre o futuro, com grande realismo reconhecer que você não tem o que quer... (p. 133)¹⁰¹.

Assim, em latim, temos as raízes etimológicas do desejo: no verbo cupio, do antigo van, que deu origem à palavra "vênus", e, finalmente, do verbo DESIDERARE, que se traduz por desejar.

No grego, a palavra básica para o "desejo" é o verbo orégo, que significa "disposição", "apetite" ou disposição corporal para se obter o que se

quer, e não, propriamente, o desejo. Da raiz de *orégo* surgiu *orgué*, que quer **dizer** "pulsão". *Orgué* pode ser cólera, desejo sexual intenso, animação excepcional **por** qualquer coisa, por exemplo, pela arte. A energia da pulsão, pulsão e impulso são traduzidos para o alemão como *Triebe*: *Orgué* significa "a sensação de achar bom", "agradável".

CHAUÍ (1990), reportando-se à origem da palavra "desejo", fala que os pensadores da Modernidade a traduziram como *appetitus*, em vez de *desiderium*. "*Appetitus*" tem como referência *orexis* e *hormê*. *Orexis* é a tendência para alguém ou algo; logo, apetite e desejo originam-se de *tender*, entender, dar, oferecer, estender as mãos, implorar... *Hormê* significa "assalto, ataque, tendência instintiva, ardor, zelo, impulso para um objetivo, ímpeto violento das águas e dos animais selvagens". Trata-se do instinto cego, oposto à vontade racional, capaz de violentá-la, colocando-a contra a natureza e contra sua própria natureza. Assim, o desejo move o mundo (p. 27)¹⁰².

O desejo é uma noção privilegiada em que nos amparamos para enfrentar o desencanto de um mundo em mutação que passa de um conceito metafísico para um conceito psicológico. O desejo torna-se não somente o intérprete das estruturas e acontecimentos cósmico-teológicos mas também o significante das operações e significações inconscientes da psiquê humana. O homem não é mais o motor e o móvel do universo; recolhe-se no interior da alma, da simples paixão humana (CHAUÍ, 1990, p. 27)¹⁰³.

Ainda segundo a mesma autora, o homem demonstra, em suas ações, o que nele há de divino, porque nasceu com a capacidade de compreender e de

agir. Nessa capacidade de ação, de meditação, ele utiliza a linguagem, que permite a intersubjetividade.

-Freud e o Desejo

O desejo não se confunde com a necessidade ou com a carência fisiológica, sempre dirigidas para objetos presentes, que, consumidos, produzem sua satisfação. Ele se apresenta nas formas mais variadas -o desejo de reconhecimento, de poder, de repouso -, no entanto é sempre direcionado para um relacionamento intersubjetivo, porque somente o amor e o ódio se efetivam no encontro com o outro. Diz CHAUI (1990):

É o desejo uma busca indefinidamente repetida dessa perda que não cessa de ser presentificada por outros objetos, sob os aspectos aparentemente irreconhecíveis procurando burlar a censura imposta ao desejante e ao desejado, poder de que dispõe graças à potência significante do corpo (p. 25)¹⁰⁴.

O desejo jamais poderá ser plenamente satisfeito, haja vista não existir um objeto específico que o satisfaça; a satisfação será sempre parcial, o que implica o seu infundável retorno: uma carência, uma falta ou um vazio sempre em busca de preenchimento (GARCIA-ROZA, 1983, p. 176)¹⁰⁵. É a busca de um objeto que se imagina fonte de satisfação. "*O objeto do desejo*", segundo esse autor, "*não é uma coisa concreta que se oferece ao sujeito, ele não é da ordem das coisas mas da ordem do simbólico*" (p. 145)¹⁰⁶.

O desejo humano, como já afirmamos, se manifesta pela palavra, mediadora necessária à intersubjetividade. Sem a linguagem, não há ser humano nem desejo. O desejo humano é uma contínua troca, porque no outro se procura a sua realização.

A efetividade do desejo se faz na realização. É no campo das representações da realidade e nos objetos ditos reais que o vivemos. Há uma situação muito complexa quanto à nossa percepção e representação desses objetos da realidade, principalmente no que se refere às relações entre eles e o indivíduo.

A realidade resulta de uma relação constante entre a "realidade psíquica" de cada um e as imposições da "realidade externa", onde o desejo vai buscar sua satisfação. KEHL (1990) nos diz: "Quando o real é hostil, lugar de privação e frustração permanentes, tudo isso muda, e nos deparamos com a ameaça constante de afrouxamento dos vínculos e dos investimentos do EU em relação à realidade..." (p. 367)¹⁰⁷.

O desejo não tem relação com o real, mas, com a *fantasia*, uma encenação imaginária em que o indivíduo, um dos personagens, coloca-o em cena de modo mais ou menos deformado. Quando fracassa a "satisfação alucinatória", o psiquismo busca, na realidade, a satisfação do desejo em objetos parciais substitutivos. Isso ocorre, porque as representações dos objetos estão sujeitas a enganos criados pelo choque entre o desejo e o recalque, que censura e distorce os incentivos da realidade buscados pelo sujeito (KEHL, 1990, p. 367)¹⁰⁸.

Freud achava que uma força inconsciente leva o indivíduo a modificar sua experiência e lembranças, considerando que, nesses casos, está presente um primeiro desejo.

Os fantasmas arcaicos transformam as percepções e as recordações, originando os sonhos, os lapsos e atos falhos, induzem a atividades

masturbatórias, exprimem-se nos devaneios diurnos e procuram atualizar-se, de forma disfarçada, por meio de escolhas profissionais, relacionamentos sexuais e afetivos do sujeito.

Em Freud, o desejo (Wunsch) é, antes de mais nada, inconsciente, ligado a experiências infantis reprimidas. O que o caracteriza, para Freud, é o impulso para reproduzir, alucinatoriamente, uma satisfação original, um retorno a algo que já não é mais, a um objeto perdido cuja presença se marca pela falta. O desejo nostalgia do objeto perdido (GARCIA-ROZA, 1983, p. 145)¹⁰⁹.

Na seção (C), do capítulo VII, da *Interpretação de Sonhos*, Freud afirma que "*os sonhos não são nada mais que realizações de desejos...*" (p. 586)¹¹⁰. E, explicando a origem dos desejos que se realizam nos sonhos, ele distingue três origens possíveis: pode ter sido despertado durante o dia e, não sendo satisfeito, transferido para a noite; pode ser despertado durante o dia e) repudiado - nesse caso, restou o desejo não atendido e suprimido; pode não ter conexão com a vida diurna e somente emergir da parte suprimida da mente, para se tornar ativo em nós durante a noite. Há, ainda, uma quarta fonte de desejos oníricos que surgem durante o sono, estimulados por necessidades fisiológicas (p. 587)¹¹¹. Diz FREUD: "*Minha suposição é que um desejo consciente só pode tornar-se um indutor de sonho se obtiver sucesso em despertar um desejo: inconsciente do mesmo teor e conseguir reforço dele*" (p. 587)¹¹².

Os sintomas psiconeuróticos "*também devem ser encarados como realizações de desejos inconscientes*" (p. 606)¹¹³, assim como o estudo das parapraxias e dos chistes (Psicopatologia da vida cotidiana, 1901).

WINOGRAD (1998) considera que o desejo, na concepção freudiana, aparece, de modo global, intimamente ligado à urgência da vida, da qual nasce a busca de objetos de satisfação, mesmo que não consiga uma satisfação total; e aparece ainda pela imaginação -percepção, memória, fantasia e linguagem -, através da qual o homem se liga à exterioridade, introduzindo-a em sua interioridade. Ao mesmo tempo, o desejo recobre o externo de afeto e torna as pessoas e os objetos desejáveis ou indesejáveis, agradáveis ou desagradáveis, uma fonte de carinho, alegria ou tristeza, medo ou inveja (p. 67)¹¹⁴.

Para a Psicanálise, a *linguagem* inicia a vida humana e a dimensão humana começa no advento do desejo. A linguagem, mediando as relações entre o homem e o mundo, é condição essencial ao desejo. Enquanto a organização da disposição pulsional exige a intervenção do outro, o aparato psíquico se inicia na referência a um universal simbólico instituído no princípio. A experiência de prazer ou desprazer somente pode ser atingida por meio de uma participação externa; em princípio há apenas uma superfície corporal indiferenciada, depois surgem nestas sinais de uma organização que, posteriormente, originará um eu unificado. Essa organização inicial depende inteiramente da intervenção do Outro para a formação do Eu, capaz de experimentar prazer e desprazer; no entanto, só após a aquisição da linguagem, o homem se torna realmente humano. Por isso, para haver um aparato psíquico, para o desejo ser experienciado, é indispensável a relação com o outro que, introduzindo o sujeito numa dimensão simbólica, leva-o a se inserir em um campo imaginário com base no reconhecimento.

O desejo começa quando a criança manifesta desamparo e encontra no Outro a satisfação de sua demanda -aqui não se trata, apenas, de uma

dependência biológica, mas, sobretudo, de uma dependência relativa ao desejo (pp. 67- 69)¹¹⁵. BIRMAN (1998) afirma que

O sujeito do inconsciente oscila permanentemente entre dois pólos, isto é, o narcisismo e o a Iteritário. Entretanto, nessa oscilação estrutural, o desejo apenas é possível se o sujeito pende para o pólo a Iteritário. A condição de possibilidade do desejo é que o outro se apresente como algo sedutor e atraente o bastante, capaz de despertar a possibilidade de satisfação desejante do sujeito (p.297)¹¹⁶.

O sujeito na concepção psicanalítica sofre um descentramento, como os fala ROCHA (1994), pois o sujeito freudiano

Oscila entre as tendências revolucionárias de Copérnico e as tendências conservadoras de Ptolomeu (...) E Freud resumiu o sentido desta revolução copernicana da psicanálise, dizendo que o homem não é dono de sua própria casa. Vale dizer que o homem não tem dentro de si o segredo de sua autonomia, como pensou a meta física moderna da subjetividade. Com a descoberta do inconsciente, Freud, de modo semelhante a Copérnico, operou um descentramento na questão do sujeito (p. 21)¹¹⁷.

2.3.3 -A Fantasia: uma encenação do Desejo

Segundo FRANÇA (1997), 110 desejo e seus efeitos são uma verdade em movimento, um eterno renascer, um ir-além que se perpetua e que tem o sonho enquanto testemunha"(p. 99)¹¹⁸; enquanto CHEMAMA (1993) afirma

Freud deduziu disso que uma força inconsciente levava o homem a remodelar sua experiência e suas lembranças: vê nisso um desejo primeiro, uma tentativa de reproduzir, de modo alucinatório, as primeiras experiências vividas na satisfação das necessidades orgânicas arcaicas (...) O fantasma não é apenas o efeito desse desejo arcaico, também é a matriz dos desejos atuais (p. 71)¹¹⁹.

Na realização do desejo, o indivíduo pode recorrer a uma "encenação imaginária", em que é a figura principal.

A palavra *Phantasie*, em alemão, está intimamente relacionada com a *imaginação*, no entanto tem um emprego muito diversificado em psicanálise. LAPLANCHE e PONT ALIS (1967) esclarecem que, para bem compreender a noção freudiana de *fantasia*, deve-se distinguir diversos níveis:

1. os sonhos diurnos, as cenas, os episódios, os romances e ficções que o indivíduo cria para si mesmo no estado de vigília. Tais sonhos pertencem à "elaboração secundária", têm como base o inconsciente;

2. as "fantasias pré-conscientes", devaneios subliminares, pré-conscientes de que o indivíduo tomará consciência;

3. as *fantasias inconscientes* que se apresentam numa relação mais íntima com o inconsciente.

Portanto Freud distingue diversos níveis de fantasia: consciente, pré-consciente e inconsciente e parece preocupado em estabelecer ligações entre eles:

a. no sonho, os devaneios diurnos são utilizados pela elaboração secundária e podem estar em conexão direta com a fantasia inconsciente que constitui o "núcleo dos sonhos";

b. a fantasia seria *um ponto privilegiado*, onde se aprenderia, ao vivo, o processo de passagem entre os diversos sistemas psíquicos: recalque ou retorno do recalçado;

c. Freud liga entre si os aspectos da fantasia aparentemente mais distantes uns dos outros, quando afirma que

elas (as fantasias) são, por um lado, altamente organizadas, não contraditórias, aproveitam todas as vantagens do sistema Cs, e no nosso discernimento a custo as distinguiria das formações deste

sistema; por outro lado, são inconscientes e incapazes de se tornarem conscientes. É a sua origem (inconsciente) que é decisiva para o seu destino. Convém compará-las a esses homens de sangue misto que de um modo geral parecem brancos, mas cuja cor de origem se denuncia por qualquer indício chocante e que permanecem por esse fato excluídos da sociedade e não gozam de qualquer dos privilégios reservados aos brancos (FREUD, apud LAPLANCHE e PONTALIS, p. 231)¹²⁰.

Segundo *esclarecimento* de FREUD (1908), as fantasias são satisfações de desejos originadas de privações e de anseios denominados de "devaneios" (p. 163)¹²¹. Esses devaneios são reforçados por um grande interesse e acalentados carinhosamente pelo sujeito. Em geral, eles são guardados com muita sensibilidade, como se estivessem entre os bens mais íntimos de sua personalidade. É fácil perceber na rua uma pessoa absorpta num devaneio: fala sozinha, sorri subitamente distraída ou apressa o passo no momento em que a situação imaginada atinge o clímax (...) As fantasias inconscientes podem ter sido sempre inconscientes e formadas no inconsciente; ou, o que acontece com maior freqüência, foram inicialmente conscientes, devaneios desde então deliberadamente esquecidos, tornando-se inconscientes através do "recalque" (...) A fantasia inconsciente tem uma conexão muito importante com a vida sexual do sujeito.

O mundo das fantasias parece situar-se por inteiro no quadro de oposições entre o subjetivo e o objetivo, entre um mundo interior que tende à satisfação pela ilusão e um mundo exterior que impõe progressivamente ao indivíduo, mediante o sistema preceptivo, o princípio da realidade (LAPLANCHE e PONTALIS, 1985, p. 16)¹²².

Esses autores continuam afirmando que Freud adotou sempre, como modelo da fantasia o devaneio, essa espécie de romance folhetinesco ao mesmo tempo estereotipado e variável que o sujeito cria no estado de vigília (p. 70)¹²³. Nele, o principal personagem é o próprio criador. De acordo com LAZARIN (2000), as frustrações impostas pela vida cotidiana motivam as fantasias. Como no sonho, estas expressam a realização de um desejo, procuram fornecer ao sujeito uma satisfação independente da realidade (pp. 28/33)¹²⁴.

FREUD (1908) sugere que se deve procurar, na infância, a causa da atividade imaginária, uma vez que o brincar e os jogos infantis fazem a criança comportar-se como um escritor criativo, criando um mundo próprio. E ela leva a sério o mundo de sua brincadeira e nele despense muita emoção.

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham ao brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando pára de **brincar**, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de brincar, ela agora **fantasia**. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de **devaneios** (...)

As fantasias das pessoas são menos fáceis de observar do que o brincar das crianças. A criança brinca sozinha ou estabelece um sistema psíquico fechado com outras crianças, com vistas a um jogo, mas mesmo que não brinque em frente dos adultos, não lhes oculta o brincar. O adulto, ao contrário, envergonha-se de suas fantasias, escondendo-se das outras pessoas. Acalenta suas fantasias como seu bem mais íntimo, e em geral preferiria confessar suas faltas do que confiar a outro suas fantasias. Pode acontecer, conseqüentemente, que acredite ser a única pessoa a inventar tais fantasias, ignorando que criação desse tipo são bem comuns nas outras pessoas (p. 151)¹²⁵.

FREUD (1908) continua esclarecendo que a diferença entre o comportamento da pessoa que brinca e o da pessoa que fantasia reside nos motivos dessas duas atividades -subordinadas uma à outra -, isto é, brincar para a criança é a realização de um único desejo, que auxilia o seu desenvolvimento - o desejo de ser grande e adulto. A criança brinca sempre de imitar os mais velhos e não tem motivos para ocultá-lo, enquanto o adulto, sabendo que não é mais tempo de continuar brincando, fantasia. Além do mais, os desejos provocadores de suas fantasias são de tal gênero, que precisam ser ocultados. O adulto envergonha-se de suas fantasias.

A força motivadora da fantasia está nos desejos insatisfeitos, pois ela é a realização de um desejo inerente a todo ser humano, independente de estado emocional.

Os desejos variam conforme o sexo, o caráter e as circunstâncias da pessoa que fantasia e constituem dois grupos principais: os ambiciosos, com o objetivo de elevar a personalidade do sujeito, e os eróticos. Nas mulheres jovens, predominam os desejos eróticos; no homem, há uma precedência dos desejos ambiciosos ao lado dos eróticos.

Diz FREUD (1908):

A relação entre a fantasia e tempo é, em geral, muito importante. É como se ela flutuasse entre três tempos -os três momentos abrangidos pela nossa ideia. O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali, retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse sujeito foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança.

Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une (p. 153)¹²⁶.

E LAPLANCHE e PONTALIS (1985) assim se colocam:

A fantasia não é somente um material a analisar, quer se apresente de súbito como ficção (no devaneio diurno), quer o seu caráter de construção esteja em contradição com as aparências (como na recordação encobridora); é também um resultado de análise, um termo, um conteúdo latente a ser revelado por trás do sintoma. De **símbolo mnêmico** do trauma, o sintoma torna-se, então, **encenação de fantasia** (assim, uma fantasia de substituição, de "**faire le trottoir**", poderia ser descoberta por trás do sintoma de agorafobia (pp. 43-44)¹²⁷.

A fantasia nos aparece com um novo aspecto de realização de desejo, na contemporaneidade. Estudiosos têm, freqüentemente, denunciado as novas tecnologias como as principais responsáveis pela solidão em que vive o homem neste final de milênio. Assim fala BIRMAN (1997):

A comunicação à distância, sempre pelo telefone, faz perder a proximidade entre as pessoas e a espontaneidade destas. A relação face a face não existe mais. As pessoas não podem mais se olhar, se tocar e se enternecer pela delicadeza brusca dos gestos. Existe apenas, a voz, reduzida dos registros da informação e da mensagem cool. E a desafeção total que está em marcha e se institui como habitatus da existência (p. 217)¹²⁸.

As avançadas tecnologias telefônicas e cibernéticas afastam decisivamente as pessoas da vida, fazendo-as perder o rosto, a memória, a afetação e até mesmo a riqueza da linguagem (p.225)¹²⁹.

Através da Internet, esclarece LAZARIN (2000), o indivíduo constrói para si um personagem dotado de atributos físicos, de uma história de vida que se aproxima das características assinaladas por FREUD (1908) para o "escritor criativo",havendo uma única diferença fundamental:o internauta não firma sua criação na página de um livro, mas na interação com outros personagens que,

apesar de existirem, é como se não tivessem vida, porque se escondem no anonimato da tecnologia do computador.

A máscara, a metáfora do anonimato, impede o olhar social que reconhece e amarra cada um ao seu próprio lugar, à sua própria identidade e ao que dela se espera. A suspensão do olhar social/censura, prática analítica e confessional, autoriza a fala do indizível. Faz surgir uma outra palavra, uma outra ação e, porque não dizer, os outros habitantes de nossa subjetividade (p. 29)¹³⁰.

Nem sempre o homem encontra na fantasia a realização do seu desejo, porque o ambiente, a cultura, o social apresentam-lhe impedimentos e censura.

FREUD (1908) esclarece:

Há uma diferença entre a moral sexual "natural" e a "civilizada". Segundo ele, devemos entender por moral sexual natural uma moral sexual sob cujo regime um grupo humano é capaz de conservar sua saúde e eficiência, e por moral sexual civilizada, uma obediência moral sexual àquilo que, por outro lado, estimula os homens a uma intensa e produtiva cultura (p. 187)¹³¹.

Encontrando-se o homem entre duas grandes pressões, suas predisposições naturais e as pressões do meio, ele procurará meios de atender às duas solicitações, utilizando a sublimação, que passaremos a discutir a seguir.

2.3. 4 -Sublimação

O termo sublimação (sublimierung) deriva-se das belas-artes (sublime) e da química e indica o processo que leva o corpo diretamente do estado sólido ao estado gasoso (sublimar) (LAPLANCHE e PONT ALIS, 1967, p. 638)¹³². Para FREUD (1908), é a capacidade que tem a pulsão sexual de trocar seu objetivo sexual por outro, não mais sexual, relacionado como o primeiro

(p. 193)¹³³. Esse processo psíquico acentua a origem sexual de um conjunto de atividades científicas, artísticas etc. e de realizações, como obras de artes, poesia etc., que parecem não ter nenhuma relação com a vida sexual. CHEMAMA (1993) afirma que

Assim se explica como a sublimação, sempre carregada de elementos pulsionais (sublimação que é o destino pulsional mais raro e mais perfeito) permite, em particular, a realização das maiores obras culturais (p. 206)¹³⁴.

LAPLANCHE (1980) fez, sobre tal processo na obra freudiana, um dos estudos psicanalíticos mais completos. Para ele

A sublimação é certamente uma das cruces (em todos os sentidos do termo: ao mesmo tempo um ponto de convergência, de cruzamento mas também o que se põe na cruz) da psicanálise e uma das cruces de Freud (p. 09)¹³⁵.

Porém o próprio Freud não procedeu a um estudo sistemático do conceito de sublimação. Apenas e provavelmente um dos textos da 'Metapsicologia, escrita em 1915, verse sobre a questão, mas ele não o publicou. O conceito de sublimação aparece nas cartas a Fliess, desde 1895. No entanto, como observa LAPLANCHE (1980),

Do começo ao fim, a sublimação será mais citada do que desenvolvida e analisada,' não aparece tanto como um conceito, mas como indicador de um questionamento que era preciso fazer, tarefa a realizar, noção indispensável mas jamais "aprendida" no **Begriff** (p. 10)¹³⁶.

Em 1905, nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, o termo sublimação indica um destino particular da pulsão sexual, troca seu objetivo sexual por uma atividade humana (criação literária socialmente valorizada).

FREUD vê, também, nela uma alternativa para a resolução dos conflitos psíquicos. Ela

permite que excitações excessivamente fortes surgidas de determinadas fontes de sexualidade encontrem uma saída e um uso em outros campos, de forma que um aumento não pequeno de eficiência psíquica resulta de uma disposição que em si mesma é perigosa (p. 245)¹³⁷.

Em 1908, esse autor mostra o papel da sublimação para livrar a civilização da servidão do recalque. Ela possibilita que as forças pulsionais sexuais sejam utilizadas para a construção da cultura, mas só uma minoria é capaz disso "e mesmo de forma intermitente, sendo mais difícil no período ardente e vigoroso da juventude" (p. 198)¹³⁸.

Em 1910, no belo livro sobre Leonardo da Vinci, faz um retrospecto da vida do artista, analisando particularmente o seu relacionamento com a mãe e a separação do pai, e observa: "as circunstâncias acidentais de sua infância tiveram um efeito profundo e perturbador" (p. 119)¹³⁹. Como filho ilegítimo, o artista não contou com a presença do pai até os cinco anos em que vivera com uma mãe muito carinhosa, que compensava no menino as carências afetivas. Tal convivência foi decisiva para o destino da sua sexualidade e até para a forma específica de trabalhar seus quadros.

Para FREUD, é certo que "a distribuição dos fatores determinantes de nossa vida entre as 'necessidades' de nossa constituição e o 'acaso' de nossa infância pode ser ainda incerta em seus detalhes; mas não será mais possível duvidar precisamente da importância dos primeiros anos de nossa infância" (p. 124)¹⁴⁰.

Entre

as satisfações substitutivas, tal como as oferecidas pela arte, são ilusões, em contraste com a realidade; nem por isso, contudo se revelam menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que a fantasia assumiu na vida mental (p. 93)¹⁴¹.

E mais adiante:

Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que elidam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação dos instintos (p. 98)¹⁴².

Em 1917, FREUD retoma suas reflexões sobre a sublimação, as frustrações originadas privação satisfação libidinal, citando três modalidades para resolver a questão: há pessoas que conseguem superar essa privação, sem serem lesadas; segundo, a mudança do objeto sexual; finalmente,

a inclinação sexual abandonar seu fim de obter um prazer parcial ou reprodutivo e de adotar um outro, que geneticamente se relaciona àquele que foi abandonado, mas que, por si mesmo, já não possui mais um caráter sexual, devendo ser descrito como social. A esse processo chamamos sublimação, segundo o consenso geral que situa os objetivos sociais acima dos objetivos sexuais, que, no fundo, visam aos interesses próprios do indivíduo. Aliás, a sublimação é apenas um caso especial da maneira pela qual as inclinações sexuais se vinculam a outras, não sexuais (p. 404)¹⁴³.

Os continuadores de Freud não acrescentaram grandes modificações às suas idéias sobre o assunto em estudo. Lembremos apenas as opiniões de Anna Freud, que considera a sublimação como um mecanismo de defesa, o qual conduz à resolução dos conflitos infantis:

A sublimação, isto é, o deslocamento da finalidade instintiva em conformidade com valores sociais mais elevados, pressupõe a aceitação ou, pelo menos, o conhecimento de tais valores, quer

dizer, pressupõe a existência do superego. Nesta conformidade, os mecanismos de defesa pela repressão e sublimação só relativamente tarde poderiam ser empregados no processo de desenvolvimento (p. 44)¹⁴⁴.

Portanto, pela sublimação, o ego realiza o propósito de desviar suas noções impulsivas instintivas de uma meta puramente sexual para finalidades consideradas mais elevadas e socialmente valorizadas (p. 149)¹⁴⁵.

Não sendo nosso propósito fazer um estudo exaustivo da sublimação na obra freudiana, acreditamos que tais considerações sejam oportunas para se compreender a sexualidade da mulher idosa.

2.3. 5 -Sexualidade e Ternura

FREUD (1912) observou que a sexualidade humana harmoniza em si duas correntes diferentes: uma sensual e outra de ternura; no entanto nem sempre coexistem na vida sexual adulta, tanto do homem quanto da mulher. Dirse-ia que, nesses casos, operou-se uma clivagem entre ambas a qual resulta em um comportamento sexual patológico, denominado como "rebaixamento" da sexualidade. Essa patologia no homem tem sempre a ver com uma incestuosa fixação na figura da mãe, ou de uma irmã, a qual, não sendo superada, desempenha um papel patogênico no exercício da sexualidade genital. As inibições daí resultantes podem agravar a realização da atividade sexual como também a redução da libido que deveria dirigir-se ao objeto sexual feminino.

Como diz FREUD (1912):

A origem da perturbação é determinada por uma inibição na história do desenvolvimento da libido antes que esta assuma a forma que tomamos como sua terminação normal. Nos casos que estamos considerando, duas correntes cuja união é necessária para assegurar um comportamento amoroso completamente normal, falharam em se combinar. Podem-se distinguir as duas como a corrente afetiva e a corrente sensual (p. 164)¹⁴⁶.

A "corrente terna" constitui-se nos primeiros anos da infância e forma-se com base nos interesses da pulsão de conservação, dirigindo-se, sobretudo, aos familiares e àqueles que cuidam da criança.

A ternura, porém, não está isenta de erotismo, mas, na infância, este se desvia dos seus objetos sexuais. Na puberdade, a barreira do incesto proíbe a criança fazer dos pais o objeto de pulsões sexuais. A corrente sensual interna volta-se, então, para outros objetos de investimento. Aqueles que ficam fixados

nos objetos incestuosos, na idade adulta, não poderão sentir senão ternura pelas pessoas que lembram tais objetos.

Nesse casos, a corrente sexual só pode ser vivenciada com as pessoas que, conforme diz FREUD (1912), são socialmente rebaixadas. Fazendo-se as devidas mudanças, isso também vale para as mulheres frígidas no relacionamento sexual com seus maridos.

FREUD (1912) resume tudo isso quando escreve:

Se considerarmos a longa e difícil história do desenvolvimento do instinto, nos virão à mente, imediatamente, dois fatores que podem ser julgados os responsáveis por essa dificuldade. Primeiramente, em consequência da irrupção básica da escolha de objeto, e da interposição da barreira contra o incesto, o objeto final do instinto sexual nunca mais será o objeto original, mas apenas um sub-rogado do mesmo (p. 171)¹⁴⁷.

O que Freud nos diz aqui sobre tal dimensão importante da sexualidade humana será de grande influência, como veremos depois, na análise das entrevistas sobre a sexualidade da mulher idosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

22. DEBERT, G. G. (1999). A Reinvenção da Velhice: Socialização e processos de reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, p. 13.
23. Idem, p. 11.
24. GUERREIRO, T. e RODRIGUES, R. (1999). *Envelhecimento bem sucedido: utopia, realidade ou possibilidade? Uma abordagem transdisciplinar da Questão Cognitiva.* In VERAS, R. P. (org.) Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: Relume -Dumará: UERJ: UnA TI, pp. 52 e 53.
25. ROLNIK, S. (1995). Subjetividade. Ética e Cultura nas práticas clínicas. São Paulo: Cadernos de Subjetividade, vol. 111, nº 2, pp. 189/ 438, set./ fev. 1995, p. 306.
26. CICERO, M. T. (103 -43 A. C.). Saber Envelhecer e a Amizade. Tradução de Paulo Neves, Porto Alegre: L & PM, 1997, p. 18.
27. MORIN, E. (1973). O enigma do homem. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 19.
28. CAPRA, F. (1982). O Ponto de Mutação. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, p. 292.
29. Idem, p. 259.

30. ROLNIK, S. (1997). *Uma insólita viagem à Subjetividade -fronteira com a Ética e a Cultura*. In LINS, D. S. (org.) Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades. Campinas, SP: Papyrus, p. 25.
31. *Idem*, pp. 26 e 29.
32. MORIN, E. (1973). Op. cit., p. 61. 33. *Idem*, p. 67.
34. *Ibidem*, p. 71.
35. *Ibidem*, pp. 75 e 76. 36. *Ibidem*, pp. 79 e 80. 37. *Ibidem*, p. 81.
38. GUATTARI, F.; ROLNIK, S. (1986). Macrojolítica: CartoGrafia do Deseio. 5a ed. Petrópolis: Editora Vozes, p. 17.
39. MORIN, E. (1973). Op. cito p. 82. 40. *Idem*, p. 93.
41. GUATTARI, F.; ROLNIK, S. (1986). Op. cit., p. 29. 42. *Idem*, p. 51.
43. MORIN, E. (1973). Op. cit., p. 188.
44. ANDRADE, O. (1990). A utofJia antrofJofágica. 2a ed. São Paulo: Globo, p. 101. 45. *Idem*, p. 102.
46. *Ibidem*, pp. 161 e 162. 47. *Ibidem*, p. 205.
48. FIGUEIREDO, L. C. M. (1996). A invenção do fJsicolóGico: Guatro séculos de subietivação (1500 -1900). 3a ed. São Paulo: Educ: Escuta, pp. 95 e 96.
49. *Idem*, p. 117.

50. Ibidem, p. 119.
51. FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. (1997). Psicolo Clia. uma (nova) Introdução: uma visão histórica da psicoloClia como ciência. 2a ed. São Paulo: EDUC, p. 30.
52. FIGUEIREDO, L. C. M. (1996). Op. cit., p. 132. 53. Idem, p.133.
54. Ibidem, p. 144. 55. Ibidem, p. 145.
56. FIGUEIREDO; SANTI (1997). Op. cit., p. 49. 57. Idem, pp. 47 e 48.
58. Idem, p.151.
59. GUATTARI; ROLNIK (1986). Op. cit., p.26. 60. Idem, p. 29.
61. Ibidem, p. 28.
62. TOURAINE, A. (1994). Crítica da Modernidade. Tradução de Elias Ferreira Edel. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 17.
63. Idem, p. 20.
64. SANTOS, B. S. (1965). Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 5a ed. São Paulo: Cortes, p. 80.
65. BIRMAN, J. (1998). Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetividade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 23.
66. Idem, p. 25.
67. BOFF, L. (1999). Saber cuidar: ética do humano -compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 18 e 20.

68. SANTOS, B. S. (1995). Op. cit., p. 322. 69. Idem, p. 322.
70. ROUANET, S. O. (2000). A morte e o nascimento das utopias. Folha de São Paulo, domingo, 25 de junho de 2000, p. 15.
71. SANTOS, B. S. (1995). Op. cit., p. 323.
72. DEBERT, G. G. (1999). Op. cito p. 239.
73. Idem, p. 13.
74. NERI, A. L. (1995). Psicologia do Envelhecimento: Temas selecionados nas perspectivas de curso de vida (org.). Campinas, SP: Papiros, p. 15.
75. MOTTA, L. B. (1999). Repercussão Médicas do Envelhecimento. In VERAS, R. Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: Relume -Dumará: UERJ -UnA TI, p. 108.
76. Idem, p. 109.
77. DEBERT, G. G. (1999). Op. cit., pp. 16 e 17. 78. Idem, p. 17.
79. GUERREIRO & RODRIGUES (1999). Op. cit., p. 57.
80. BAL TES, M. M. e SILVERBERG, S. (1990). In NERI, A. L. (org.) Psicologia do ~ Envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Op. cit., pp. 74 e 75. 81. Idem, p. 58.
82. DEBERT. G. G. (1999). Op. cit., p. 71. 83. Idem, p. 72.
84. Ibidem, p. 138. 85. Ibidem, p. 140.

86. BACELAR, R. (1999). Op. cit., p. 72.
87. LAPLANCHE, J. (1985). Vida e morte em psicanálise. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 33.
88. Idem, p. 33.
89. FREUD, S. (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, p. 133.
90. ————— (1940). Esboço de Psicanálise. Op. cit., pp. 177 e 178.
91. ————— (1915). Os instintos e suas vicissitudes. Op. cit., p. 142. 92. Idem, p.119.
93. HANNS, L. (1999). A teoria Pulsional na clínica de Freud . Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, pp. 206 -209.
94. FREUD, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. Op. cit., p. 143.
95. Idem, p. 143.
96. LAPLANCHE, J.; PONTAUS, J. B. (1967). Vocabulário da PsicanáliseJ. Tradução de pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, p. 66.
97. Idem, p. 66.
98. Ibidem, p. 67.
99. CHEMAMA, R. (1993). Dicionário da psicanálise. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médic as, p. 180.
100. GIORGI, F. (1990). Os caminhos do Desejo. In NOVAES, A. (org.) Q Desejo.São Paulo: Companhia das Letras, p. 131.
101. Idem, p. 133.
102. CHAÚÍ, M. (1990).Laços do Desejo.In NOVAES,A.(org.) Op. cit., p. 27.

103. Idem, p. 27.
104. Ibidem, p. 25.
105. GARCIA-ROZA, L. A. (1983). Freud e o Inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 176. 106. Idem, p. 145.
107. KEHL, M. R. (1990). *Desejo da Rea/idade*. In NOVAES, A. (org.) Q Desejo. Op. cit., p. 367.
108. Idem, p. 367.
109. GARCIA-ROZA, L. A. (1983). Op. cit., p.145.
110. FREUD, S. (1900). A Interpretação dos Sonhos. Op. cit., p.586.
111. Idem, p. 587.
112. Ibidem, p. 587.
113. ——— (1901). Psipatologia da Vida Cotidiana. p.606.
114. WINOGRAD, M. (1998). Genealoia do Suieito Freudiano. Porto Alegre: AnMed, p. 67.
115. Idem, pp. 67/69.
116. BIRMAN, J. (1998). Op. cit., p. 297.
117. ROC HA, Z. (1994). A Questão da Diferença e do Sujeito no Horizonte filosófico da Crítica da Raciona/idade Moderna. Conferência. Estudos de Psicanálise. Publicação anual do Círculo Brasileiro de Psicanálise. Novembro/ 1995, Belo Horizonte -MG, n° 18, p. 21.
118. FRANÇA, M. I. (1997). Psicanálise estética e ética do Desejo. São Paulo: Perspectiva, p. 99,
119. CHEMAMA, R. (1993). Op. cit., p, 71.

120. LAPLANCHE; PONTALIS (1967). Op. cit., p. 231.
121. FREUD, S. (1908). Fantasia histéricas e sua relação com a bissexualidade. Op. cit., p. 163.
122. LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. -B. (1985). Fantasia Originária. Fantasia das origens, origens da fantasia. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 16.
123. Idem, p. 70.
124. LAZARIN, C. C. (2000). A Fantasia e o Baile de Máscara do Final do Milênio. Psicologia. Ciência e Profissão, 20 (3), pp. 28 -33.
125. FREUD, S. (1908). Escritores Criativos e Devaneio. Op. cit., p. 151.
126. Idem, p. 153.
127. LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (1985). Op. cit., pp. 43 -44.
128. BIRMAN, J. (1997). Estilo e Modernidade em Psicanálise. São Paulo: Editora 34, p. 217.
129. Idem, p. 225.
130. LANZARIN, C. C. (2000). Op. cit., p. 29.
131. FREUD, S. (1908). Moral Sexual 'Civilizada' e doença nervosa moderna. Op. cit., p. 187.
132. LAPLANCHE; PONTALIS (1967). Op. cit., p. 638.
133. FREUD, S. (1908). Moral Sexual 'Civilizada' e doença nervosa moderna. Op. cit., p. 193.
134. CHEMAMA, R. (1993). Op. cit., p. 206.
135. LAPLANCHE, J. (1980). A Sublimação. Tradução de Álvaro Cabral, São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda. p. 09.

136. Idem, p. 10.
137. FREUD, S. (1905). Op. cit., p. 245.
138. FREUD, S. (1908). Op. cit., p. 198.
139. FREUD, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância.
Op. cit., p.119.
140. Idem, p. 124.
141. Ibidem, p. 93.
142. Ibidem, p. 98.
143. FREUD, S. (1917). Conferência XXII -algumas idéias sobre desenvolvimento e Repressão -Etiologia. Op. cit., p. 404.
144. FREUD, A. (1946). EGo e os mecanismos de defesa. Tradução de Álvaro Cabral. 8a ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 44. 145.
Idem, p. 149.
146. FREUD, S. (1912). Sobre a tendência universal à depreciação da esfera do amor (contribuição à psicologia do amor II). Op. cit., p. 164.
147. Idem, p. 171.

III. METODOLOGIA

Neste estudo, nosso objetivo é investigar a vivência da sexualidade e o desejo sexual da mulher idosa, colhendo informações diretamente com mulheres a partir de 65 anos.

A nosso ver, muitos fatores influenciam a percepção e os sentimentos da mulher a respeito do sexo na velhice, oriundos da cultura, da religião, dos estereótipos sociais; logo, os processos de subjetivação nos fornecem indicativos para pensarmos o comportamento do idoso quanto à sexualidade.

O ser humano descobre, então, por meio de suas experiências, que, se não pode exprimir-se pela linguagem e compreender a linguagem dos outros, ele está só no meio de uma multidão onde suas opções eletivas lhe permitem tão somente encontrar nos outros a insignificante ressonância, o espelho auditivo do seu grito indistinto de abandonado (DOL TO, 1982, p. 161)¹⁴⁸.

Segundo SANTOS e GAMBOA (1995), compreender é conhecer o que o outro está experienciando por meio de uma recriação daquela experiência em si mesmo. Numa pesquisa, sempre é preciso pensar, isto é, buscar ou comparar informações, articular conceitos, avaliar ou discutir resultados, elaborar generalizações etc. (p. 27)¹⁴⁹.

O presente trabalho se propõe realizar uma pesquisa qualitativa, de forma a possibilitar a compreensão de como as idosas experienciam sua sexualidade. Para tanto, optamos pelo método fenomenológico, posto que pretendemos verificar como as mulheres idosas significam sua sexualidade.

3. 1 -SELEÇÃO DA AMOSTRA

A amostra de nosso estudo compõe-se de doze mulheres com idade acima de 65 anos -quatro solteiras, quatro casadas e quatro viúvas -e constitui uma "amostragem por acessibilidade", em que selecionamos os elementos a que tivemos acesso, admitindo que eles possam, de alguma forma, representar o universo (GIL, 1987, p. 97)¹⁵⁰.

Selecionamos as respondentes por meio de informações de colegas da Universidade, de amigos e conhecidos, levando-se em conta, apenas, a idade e o estado civil.

3. 2 -COLETA DOS DADOS

Realizamos a coleta dos dados através de entrevista informal, utilizando a seguinte pergunta disparadora: Como você vive a sua sexualidade?

Assim obtivemos uma visão geral do problema a pesquisar e dados da experiência de vida das entrevistadas, que expressaram, livre e completamente, suas opiniões e atitudes em relação à sexualidade da mulher idosa como aos fatos e motivação que constituem o seu contexto.

Na atividade de coleta, optamos por executá-la sem a participação de outros entrevistadores, para evitar possíveis limitações à espontaneidade das respondentes, tais como: influência do aspecto pessoal do entrevistador (se fosse jovem).

A entrevista aconteceu na residência da informante em um único encontro e registrada em gravação com a aquiescência dela. Posteriormente, foi transcrita e apresentada à respondente para possíveis retificações. Na transcrição do material, conservamos o conteúdo e o ritmo da fala.

3. 3 -ANÁLISE DOS DADOS

A palavra das entrevistadas a respeito de sua sexualidade, no momento atual, foi a fonte das informações do nosso estudo. Seu discurso é, no dizer de ORLANDI (1999), 'palavra em movimento, prática de linguagem (...) mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social" (p. 15)¹⁵¹.

Em nossas observações, tomamos como estratégia de trabalho a Análise do Discurso, na qual não se trabalha a língua enquanto sistema abstrato, mas, a maneira de significar, como produção de sentidos, enquanto parte da vida do homem como sujeito, membro de determinada sociedade. Aqui, leva-se em conta não somente o fator lingüístico mas também a cultura do indivíduo, sua filosofia de vida, pois "o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido" (p. 17)¹⁵².

A partir dos anos 60, a Análise do Discurso ocupa um espaço próprio, não se limita apenas ao domínio da linguagem, mas, ainda, indica a sua relação com a psicanálise, ampliando a noção de homem, simplesmente, para a de sujeito, como também sua relação com o social e com a história.

Segundo ORLANDI (1999), na Análise de Discurso,

- a. a língua tem sua ordem própria mas só relativamente autônoma...
- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentido); e
- c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (pp. 19 e 20)¹⁵³.

Apesar desse inter-relacionamento, a Análise do Discurso não se reduz ao objeto da Lingüística nem ao que teoriza a Psicanálise, como não se deixa absorver pela Teoria Marxista.

A análise do discurso, trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso (p. 20)¹⁵⁴.

De acordo com MARCUSCHI (1991), o discurso ou conversação é a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano e desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real; trata-se de uma das formas mais eficientes de controle social imediato, exigindo uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade lingüística dos falantes (p. 05)¹⁵⁵. Na Análise do Discurso, como em qualquer tipo de conversação, duas pessoas partilham um mínimo de conhecimentos comuns: a aptidão lingüística, o envolvimento cultural e o domínio de situações sociais.

Há dois tipos de diálogos:

a) diálogos assimétricos -em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o outro participante, como no caso das entrevistas; e

b) diálogos simétricos -em que os vários participantes têm supostamente o mesmo direito à auto-escolha da palavra, do tema a tratar e à decisão sobre seu tempo.

Utilizamos o "diálogo assimétrico", e a palavra das entrevistadas é que nos levou a detalhar sua percepção e sentimentos a respeito da sexualidade da

mulher idosa. Ao trazer os testemunhos exatamente como foram proferidos, cuidamos de defender as identidades, por isso recorremos a pseudônimos. Ademais, observamos não somente o conteúdo explícito da fala mas também a expressão corporal, pausas, entonação da voz e o vocabulário.

Como nosso estudo abrange um leque de inquirições bastante amplo, pois o posicionamento do ser humano, em qualquer aspecto, refere-se a ele mesmo e ao próprio ambiente, consideramos que os dados obtidos decorrem de influências advindas da cultura, da família, da religião, da escolaridade e dos papéis sociais das respondentes, que determinam suas percepções e sentimentos a respeito da sexualidade da mulher idosa.

Entrevistamos 12 mulheres, de 68 a 85 anos: quatro solteiras, quatro casadas e quatro viúvas. Todas demonstravam excelente saúde física, ótima capacidade cognitiva, muito bom humor e expectativas de vida. Quanto ao grau de escolaridade, quatro têm curso superior e oito, curso médio. Quanto aos papéis sociais, cinco são donas de casa, quatro são aposentadas e três exercem atividades remuneradas: uma é prática em eletrodomésticos e duas, profissionais liberais. Quanto ao aspecto religioso, onze são católicas e uma, espírita. Todas pertencem à classe média.

Após uma avaliação descritiva da fala das entrevistadas, procedemos a um olhar sobre a dinâmica dos discursos, os mecanismos de defesa para lidar com a sexualidade e os possíveis processos de subjetivação presentes na sua história de vida. Observamos o quanto as normas e princípios morais podem atuar sobre o comportamento sexual da mulher.

Lembramos FREUD (1908) que, apoiando-se em um texto de Von Ehrenfels (1907), fala da diferença existente entre a moral sexual "natural" e a "civilizada",fazendo supor que a moral civilizada faz restrições principalmente às mulheres,pois "as diferenças naturais entre os sexos impõem sanções menos severas às transgressões masculinas" (p. 187)¹⁵⁶. Às mulheres é proibida toda relação sexual,exceto dentro do casamento.Instala-se uma moral dupla.Ele diz:

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos (...) Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização. Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação instintual foi oferecida à divindade como um sacrifício, e foi declarado 'santo' o proveito assim obtido pela comunidade. Aquele que em consequência de sua constituição indomável não conseguir concordar com a supressão do instinto, torna-se um 'criminoso', diante da sociedade... (p. 192)¹⁵⁷.

A par dessas imposições da "moral civilizada", nossa cultura, fundamentada na visão judaico-cristã, carrega, entre as forças produtoras de sua subjetividade, os preceitos evangélicos sobre a sexualidade.

Paulo, o propagador dos princípios cristãos, em sua Primeira Carta aos Coríntios (7-1,40), indica normas de relacionamento sexual, mostrando-se rigoroso quanto à sexualidade e a apologia à virgindade, dessa maneira:

Você está ligado a uma mulher? Não se separe. Você não está ligado a uma mulher? Não procure mulher. Contudo se você se casa não está cometendo pecado. No entanto essas pessoas terão de suportar fardos pesados, e eu desejaria poupar vocês. (1Cor. 7-27, 28)¹⁵⁸.

Além dos preceitos morais e religiosos, há uma vigilância permanente às questões da sexualidade tanto nas disposições jurídicas como nas normas socioculturais.

E ainda FREUD:

Uma das óbvias injustiças sociais é que os padrões de civilização exigem de todos uma idêntica conduta sexual, conduta esta que pode ser observada sem dificuldades por alguns indivíduos, graças às suas organizações, mas que impõe a outros os mais pesados sacrifícios psíquicos. Entretanto, na realidade, essa injustiça é geralmente sanada pela desobediência às injunções morais (p. 197) 159.

Mas todas essas questões, para não parecerem por demais teóricas, precisam ser respaldadas nas vivências cotidianas da mulher com sua sexualidade. Assim, deixemo-la falar para apreendermos o que ela tem a dizer.

1ª ODETE, solteira, 81 anos, dona de casa.

BASEANDO-SE EM SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SUA SEXUALIDADE?

“Acho que a sexualidade é necessária, porque, quando a gente gosta de uma pessoa, é claro que a gente quer ser bem tratada e querida como a gente merece. Dessa maneira, eu nunca senti por nenhuma pessoa especialmente. Acho que tenha sido, porque, durante toda a minha vida, tomei conta de um padre que se tornou um amigo da nossa família. Ele dizia a todo mundo que eu era a sua ‘irmã querida, do coração’. Era muito mais velho e o que eu sentia realmente por ele era uma grande amizade, como existe entre dois irmãos”.

Não sentia atração física por ele, porque era padre e, como era muito católica, o respeitava. Talvez tenha sido por isso. Agora também não sei se ele sentia ou não por mim.

Não chegava nem perto de outro homem. Agora, para ele, sempre o tratei muito bem, fazia tudo que era possível e se pudesse dava tudo. Nunca exigia nada. Resultado, fiquei esses anos todos, quase 50 anos, tomando conta dele. Foram muitos anos da minha vida dedicados a ele.

Eu não podia, de maneira alguma, fazer-lhe uma desfeita, porque eu podia fazer tudo, menos ofendê-lo, magoá-lo e muito menos brigar. Nunca, na minha vida, eu disse que ele era feio, pois, se eu não pudesse dizer que ele era bonito, feio era que não podia dizer, porque ele não era mesmo. Ele era um tipão de homem, que parecia mesmo com um alemão, a coisa mais linda do mundo.

Ele deixou tudo para mim quando morreu: ele deixou a casa, o terreno e sua aposentadoria para mim. E foi a minha felicidade, pois, se ele não tivesse deixado, hoje eu não teria nada. Porque nunca fui empregada de ninguém, nunca trabalhei, nunca ganhei dinheiro e, então, iria ficar voando.

Então, nessas horas em que fico pensando na minha vida, percebo que estou cantarolando esta moda: 'Ai meu Deus! Eu era feliz e não sabia'. Naquela época, eu não dava valor à felicidade que tinha ao lado dele, porque, na companhia dele, podia acontecer o que fosse, mas eu sempre seria a sua irmã querida do coração. Até quando ele estava doente para morrer e chegava alguma pessoa, ele dizia sempre que eu era sua irmã querida. Naquele momento, eu sentia uma alegria muito grande.

Tinha por ele um bem de morrer, mas, com todo respeito, ele no quarto dele e eu no meu, como uma irmã. Ele era lindo; tenho retrato à vontade, tenho até na minha carteira.

Eu o chamava de 'senhor', mas, já no final, ele dizia assim: 'Acabe com isso, porque você é minha irmã, é do meu coração, é querida...' E eu dizia que também sentia a mesma coisa por ele, mas não querendo fazer nada além daquilo. Ele está sempre na minha cabeça. Lembro-me e digo: Ai meu Deus, o pobrezinho do meu Joaquim morreu e eu estou aqui sozinha. Eu sinto isso, mas é como se fosse um pai, um irmão. Eu queria morrer servindo a ele: servindo assim, fazendo comidinha para ele. E quando ele dizia que a comida estava boa, eu ficava feliz da vida. Quando eu lavava sua camisa, ele me perguntava assim: 'Ô Odete, foi você quem lavou a minha camisa? Ah! Por isso é que está tão cheirosinha!'

ANÁLISE DO DISCURSO

No discurso de Odete, transparece todo o simbolismo de sua sexualidade; é um amor que não se evidencia de forma direta, mas, através de um comportamento sublimado. Ela é aparentemente tranqüila, porém todo o discurso se refere àquele amor que, vivido, seria proibido. Há momentos de ternura e demonstração erótica: quando ele fala de sua camisa que ela lavara e que estava "tão cheirosinha", da irmã muito querida, do coração e que deveria tratá-lo mais intimamente. Ela lembra os momentos em que jamais poderia magoá-lo, fazer-lhe uma desfeita. E ainda: nunca disse que ele era feio, porque não era mesmo... Transparece o desejo quando afirma que ele era "a coisa mais linda do mundo".

Nas suas fantasias, ele está presente e ela revê o tempo de convivência, devaneando com a sua presença agora, para trocarem confidências e estarem juntos.

Refere-se à beleza física do companheiro e mostra-nos as fotografias dele, com um particular, sempre sem a roupa sacerdotal, e sim como oficial do Exército, pois ele era capelão militar. Conserva em sua carteirinha uma foto que olha com muito carinho. Afirma, com insistência, a "pureza" dos seus sentimentos e dos dele. Considerava-o como um pai ou um irmão, mas, ao mesmo tempo, fala, apaixonadamente, que "queria morrer servindo a ele..."

É clara a admiração por aquele homem a quem amou e desejou durante toda a vida, mas as contingências sociais e religiosas não permitiram a vivência de sua sexualidade. Há uma expressão de gratidão e muita afetividade quando se refere aos benefícios dele recebidos - a casa, o terreno, a

aposentadoria -e diz que ele lhe proporcionou a felicidade que hoje experimenta na segurança e no conforto. Afirma textualmente: "Tinha por ele um bem de morrer, mas, com todo respeito, ele no quarto dele e eu no meu, como uma irmã".

Evidencia-se, no discurso de Odete, toda uma presença daquela "moral sexual civilizada" de que nos fala Freud. Seu Desejo é reprimido pelas normas sociais vigentes na formação de sua subjetividade e, sobretudo, pela influência dos princípios religiosos -a renúncia às suas pulsões é "oferecida à divindade como um sacrifício..."

Através da dedicação ao "sacerdote", ela sublima o seu amor pelo homem; assim, recebe o apoio e a aceitação do social e dela mesma, eliminando sentimentos de culpa. No entanto esta mulher contrariou todos os seus impulsos e, na dedicação ao amante, evitou a culpa de amar alguém proibido. Até nos devaneios, nossa entrevistada "retrocede à lembrança de uma experiência anterior... na qual esse desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo" (FREUD, 1908, p. 153)¹⁶⁰.

O comportamento de Odete põe em evidência todas as forças atuantes sobre a sua formação como pessoa. Aqui voltamos a FREUD (1927) quando assim reflete:

Quanto menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se seu juízo sobre o futuro (...) em geral as pessoas experimentam seu presente de forma ingênua, por assim dizer, sem serem capazes de fazer uma estimativa sobre seu conteúdo; têm primeiro de se colocar a certa distância dele; isto. é, o presente tem de se tornar o passado para que possa produzir pontos de observação a partir dos quais elas julguem o futuro (p. 15)¹⁶¹.

No processo de subjetivação de nossa entrevistada, evidencia-se que, no "seu passado", foram-lhe transmitidos seja pela palavra ou pela ação (na família, na igreja, na escola) os princípios morais e de respeito ao sacerdote, pessoa sagrada.

ROLNIK (1997) nos fala que

Os meios que habitam a subjetividade: meio profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico, etc(...) variam ao longo do tempo, fazem entre si diferentes combinações, outras forças entram constantemente em jogo, vão misturar-se às já existentes, numa dinâmica incessante de atração e repulsão (p. 26)¹⁶².

E, na vida de Odete, constata-se claramente essa luta de forças vindas do ambiente e presentes dentro dela, na sua sexualidade, na sua ternura e afetividade por alguém que lhe é proibido.

2ª CARMEM, solteira, 71 anos, Pedagoga.

BASEANDO-SE NA SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SUA SEXUALIDADE?

"Eu sou solteira, nunca tive experiência sexual, nem namorado, nem companheiro e nenhum amigo mais íntimo, então procuro não fantasiar este desejo sexual, pois não tenho com quem realizar.

Mas sinto, sinto, sinto, pois sou nova em folha. Sinto-me nova, nova, nova. Se fosse o caso de amanhã eu encontrar aquele homem que eu sempre sonhei em encontrar, que eu não encontrei até o momento presente, eu ia viver com ele naturalmente, tranqüilidade, entendeu? Ia viver meu grande amor que eu não vivi. Mas isso não significa, também, que eu passasse a viver relação sexual sistemática, porque, depois de uma certa idade, todas nós sabemos que a mulher já não tem mais os hormônios, pois não são mais liberados, apesar de ainda fazer reposição hormonal; você já não tem..., vamos dizer assim, àquela lubrificação sexual normal de um órgão sexual e pode até ser que surja com a experiência, mas eu nunca experimentei (risos). Pelo fato de não haver experimentado, eu não tenho vivência, mas você sente quando encontra uma pessoa que gosta, sente vontade de estar perto, de ser abraçada, de estar mais intimamente... mas só que esse fulano não existe, não existe concretamente.

Mas existe alguém num plano que não é acessível nem a mim e nem a ele, porque ele tem seus compromissos e eu tenho os meus. Então, nós nos respeitamos e respeitamos esses compromissos. Ele existe, está vivinho, é religioso.

Noto seu interesse... (risos). Noto seu interesse e sua preferência por mim em relação às demais. Mas, como há este impedimento, o seu compromisso religioso, e como gosto dele, eu o respeito dentro desse compromisso e não quero que deixe, porque ele não será feliz nem eu serei feliz.

Quanto à masturbação, eu sou muito cuidadosa. Primeiro, porque acho que nem sei como fazer; segundo, porque é uma manipulação muito delicada, numa região muito delicada, mas que dá vontade, dá. Mas preciso aprender como fazer, porque, por mais que leia, não consigo (risos), pois a teoria é uma coisa e prática é outra (risos). E vou dar a minha opinião, eu acho que a masturbação não satisfaz a gente, o que nos satisfaz mesmo é a parceria, essa sim nos satisfaz, porque a masturbação deixa-nos sempre aquela sensação de que falta alguma coisa".

ANÁLISE DO DISCURSO

Nossa entrevistada desenvolve muita atividade, é participante de todas as tarefas do seu trabalho, muito comunicativa e nos recebeu com a maior boa vontade.

Ao falar sobre a sexualidade, destacou a sua situação de solteira, sem namorado, sem companheiro nem um amigo íntimo, e diz não ter experiência sexual, no entanto afirma enfaticamente: "*sinto, sinto, sinto, pois sou nova em*

folha."e confessa que, se encontrar o homem com quem sempre sonhou, irá viver naturalmente a sua sexualidade, "Ia viver meu grande amor que eu não vivi." O desejo está presente na vida de nossa entrevistada. Demonstra certo desconhecimento da vida sexual e tem presente a questão da saúde interferindo na sexualidade. Ao se referir à vivência da sexualidade, mostra-se descontraída e solicita informações sobre o assunto.

Quanto às fantasias sexuais, afirma tê-las, vincula-as a um relacionamento que mantém com um padre, no que é correspondida. Não procura tornar realidade o seu desejo, porque não quer que ele deixe a vida religiosa, uma vez que "ele não será feliz, nem eu serei feliz."

É mal informada sobre a prática da masturbação, que considera algo prejudicial à saúde. Pede informações, mas dá a sua opinião a respeito: "eu acho que a masturbação não satisfaz a gente, o que nos satisfaz mesmo é a parceria, essa sim nos satisfaz, porque a masturbação deixa-nos sempre aquela sensação de que falta alguma coisa".

FREUD (1905) afirma que "O fato da existência das necessidades sexuais dos seres humanos e animais se explica em biologia pela pressuposição de que existe 'um instinto sexual', assim como existe o instinto da nutrição para explicar a fome" (p. 135)¹⁶³. No discurso de Carmem, está muito clara a presença desse "instinto" no entusiasmo com que se refere à experiência sexual, que é o seu desejo, mas fatores culturais (possivelmente), religiosos e morais impediram sua realização.

Ela fala de suas fantasias sexuais e desconhecimento da vivência da sexualidade; relata o envolvimento com um religioso e a renúncia pela qual tiveram de optar. Mais uma vez, constatam-se afirmações de FREUD (1927):

A religião, é claro, desempenhou grandes serviços para a civilização humana. Contribuiu muito para domar os instintos sociais. Mas não o suficiente. Dominou a sociedade humana por muitos milhares de anos e teve tempo para demonstrar o que pode alcançar (p. 50). As idéias religiosas são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade ,externa (ou interna). que nos dizem algo que não descobrimos por nós mesmos e reivindicam nossa crença. Visto nos fornecerem informações sobre o que é mais importante e interessante para nós na vida, elas são particular e altamente prezadas (p. 37)¹⁶⁴.

3ª MARIANA, solteira, 84 anos, Psicoterapeuta.

BASEANDO-SE NA SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SUA SEXUALIDADE?

"Eu acho que é o maior dos prazeres, das sensações, sensações das coisas boas da vida. Às vezes, uma sensação de alegria de viver, por exemplo, eu não estou aqui? Então, sinto-me bem e digo: 'Que bom que estou viva'.

Na questão das fantasias sexuais, eu gosto, por exemplo, de ver um homem muito bonito, de ficar lhe apreciando e, se tiver uma aproximação maior, cheirar, beijar... Então, nessas ocasiões, quando posso, sempre tenho muito prazer nesse sentido. A presença masculina para mim é muito importante, gosto de sentir sua energia, que certamente é diferente da minha, é algo muito sutil. Eu não gosto de ficar toda vida num ambiente somente com mulheres, gosto de estar sempre perto de um homem, para que possamos trocar nossa energia, porque essa energia é muito prazerosa. Agora, não falo tanto numa genital, pois não tenho esse prazer, tenho mais o prazer espiritual, como se fosse uma coisa a nível de espiritualidade, de uma coisa diferente; não é inteligência, mas é uma sensação agradável, onde a gente pode conversar, porque o homem pensa diferente, sente diferente, sua voz é diferente, sua presença é diferente... tudo é diferente, e eu acho muito agradável de conviver, principalmente se for bonito ou inteligente, ou que tenha alguma coisa que a gente se sinta bem.

Sobre a masturbação, já não tenho interesse, não procuro mais essas satisfações sexuais genitais. Às vezes a gente sente, por exemplo, alguma coisa em sonho. Um dia eu sonhei que estava casando, mas aí o casamento nem

chegou a se realizar, pois eu estava mesmo era preocupada com as obrigações que teria depois de casada, como, por exemplo, de estar em casa naqueles horários etc., etc., etc. e tal. Mas a gente pode sentir muito mais a nível de sensação (eu chamo isso de sensação), porque a gente sentar perto de uma outra pessoa e sentir sua energia em outro nível, mas que não seja prazer sexual, e sim uma coisa prazerosa, gostosa de se ter uma convivência. Agora, sobre essa questão de masturbação, nem me lembro mais, quer dizer, outras coisas substitui, porque se passa, é porque não se está sentindo mais necessidade. Mas, sentindo essa necessidade, que é uma coisa mais profunda (não sei que nível é esse), quer dizer, eu digo sensual, porque eu sinto, a gente sente o prazer quando a pessoa está próxima, a gente gosta de ser abraçada, beijada, cheirosa (risos)."

ANÁLISE DO DISCURSO

Nossa entrevistada, apesar de bastante idosa, continua em atividade nas suas funções de psicoterapeuta. Pessoa calma, de voz mansa e gestos tranquilos; veste-se com cuidado e demonstra gosto pelos acessórios da toalete (colar, brincos) e usa, sempre, um pouco de maquiagem. Recebeu-nos com a maior boa vontade e assim se colocou diante do questionamento sobre a sexualidade: "Eu acho que é o maior dos prazeres, das sensações, sensação das coisas boa da vida.(...) uma sensação de alegria de viver..."

Passa a falar do seu desejo de encontrar um homem bonito, de acariciá-lo e de todo o prazer que isso lhe causa. Enquanto discorre sobre tal desejo, a entrevistada demonstra claramente, na entonação de voz, na expressão facial, os sentimentos que experimenta. Expressa satisfação em estar na presença

de um homem e de quanto é gratificante sentir o contato dele: "Eu não gosto de ficar toda vida num ambiente somente com mulheres, gosto de estar sempre perto de um homem, para que possamos trocar nossa energia, porque essa energia é muito prazerosa". Faz restrição ao contato genital, destacando o aspecto intelectual e espiritual com o homem. Logo a seguir, reforça o prazer que experimenta quando conversa com o homem, destacando, com ênfase, o aspecto erótico -"tudo é diferente e eu acho muito agradável conviver, principalmente se for bonito ou inteligente, ou que tenha alguma coisa que a gente se sintam bem".

Quanto às fantasias sexuais, ela gosta e as representa em um homem bonito de quem pudesse aproximar-se para '*cheirar, beijar...*'

Não procura satisfação sexual na masturbação, mas, às vezes, sonha casando-se, no entanto o casamento desperta-lhe sempre as obrigações, por isso prefere desejar o contato com o outro -essa coisa sensual em que se sente o prazer quando o outro está próximo e nos abraça, beija, cheira...

Todo o comportamento da entrevistada -o riso, a maneira de falar - indica uma sexualidade plenamente atuante, ou melhor, disponível.

Percebe semelhanças e diferenças entre o homem e a mulher, no aspecto físico e no emocional, tanto que '*o desenvolvimento da feminilidade permanece exposto a perturbações motivadas pelos fenômenos residuais do período masculino inicial...*' (p. 160) 165.

Encontramos em Mariana aquela necessidade de complementação no seu desejo muito claro e na sua sexualidade dirigida para o objeto, com um misto de sensualidade e ternura que nos leva a dizer com FREUD (1933) que,

Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes (p- 165)¹⁶⁶.

4ª IRINÉA, solteira, 72 anos, aposentada.

BASEANDO-SE NA SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SUA SEXUALIDADE?

"Vivo em paz. Já tive experiência e acho que, pelo fato de ser uma pessoa de temperamento calmo, pude comprovar que posso viver muito bem sem o sexo. E, em hipótese alguma, a falta da sexualidade me tornou uma pessoa complexada. Não vou, por isso, participar minha intimidade com qualquer pessoa, pois tive minhas escolhas e posso viver com a falta de algumas. Sinto que não me causa maior fato de não ter um parceiro certo.

Hoje não tenho fantasias sexuais, mas já tive. Imaginava como seria a minha vida... mas, ao pensar em uma vida de casada, sempre considerava que não daria certo, porque sou muito sensível.

Eu me masturbava e, muitas vezes, cheguei a ter orgasmo. Hoje não sinto desejo, não sinto falta disso.

Sim, há seis anos conheci uma pessoa. Ele era casado, mas não vivia bem com a esposa. Tivemos um caso e ele gostava muito de mim e eu dele, mas hoje estamos separados. Minha família é muito religiosa e eu, com o passar do tempo, fui me aproximando mais de igreja. Então minhas sobrinhas começaram a discutir comigo, dizendo que eu estava em pecado e não iria me encontrar com eles depois da morte. Resolvi acabar com o relacionamento e ele sofreu muito, porque não aceitava minha decisão. Então, procurei a mulher dele e consegui que voltassem a viver juntos. Hoje vivo sozinha, mas ele ainda gosta de mim e me procura... mas não quero."

I

ANÁLISE DO DISCURSO

Nossa entrevistada é uma mulher triste, reflexiva, de gestos lentos e como sem energia. Recebeu-nos cordialmente e com disposição para atender-nos.

Demonstra ser alguém sem objetivo, vive por viver. Não demonstra rejeição à vivência sexual, no entanto é como se esse aspecto de sua vida fosse posto de lado e justifica-se, dizendo: "em hipótese alguma, a falta da sexualidade me tornou uma pessoa complexada. Não vou, por isso, participar minha intimidade com qualquer pessoa, pois tive minhas escolhas e posso viver com a falta de algumas".

Viveu a sexualidade sem comprometimentos, alimentou fantasias, e hoje não: "Hoje não tenho fantasias sexuais, mas já tive" O casamento parece, para Irinéa, uma conotação negativa: "ao pensar em uma vida de casada, sempre considerava que não daria certo, porque sou muito sensível".

Quanto à masturbação, fala com naturalidade: "Eu me masturbava e, muitas vezes, cheguei a ter orgasmo. Hoje não sinto desejo, não sinto falta disso".

Nossa entrevistada revela nas palavras, nos gestos sem emoção, na sua expressão toda, que deixou de lutar e, passivamente, deixou-se levar pela vida. Finalmente refere-se a um amor nesta sua fase de envelhecimento, um amor compartilhado: "ele gostava muito de mim e eu dele..." E é nesse período de vida, já idosa, que Irinéa não teve coragem de lutar, pois a influência castradora da família e da religião levou-a a renunciar à vida. Possivelmente, o sentido da perda a faz abandonar todos os desejos. O sentimento de culpa, originado na religião e estimulado pela família, leva-a a tudo renunciar e a tomar uma decisão definitiva:

"Então, procurei a mulher dele e consegui que voltassem a viver juntos. Hoje vivo sozinha, mas ele ainda gosta de mim e me procura... mas não quero". As prescrições da religião levam-na a desistir de viver.

Nossa entrevistada manifesta, em toda a aparência externa como em seu discurso, a vivência do "luto" pela perda de um possível objeto de amor, de vida, de realização de sua sexualidade, na desesperança e solidão. **FREUD** (1917) afirma que

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante (p. 275)¹⁶⁷.

...O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo -na medida em que este não evoca esse alguém -, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significa substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele (p. 276)¹⁶⁸.

É o que sucede com Irinéa, crescendo-se a renúncia à felicidade de firmar-se na sua ligação à família e aos princípios religiosos. O medo de perder o amor da família iguala-se àquele experimentado pela criança, como esclarece **FREUD** (1909):

O sentimento de estar sendo negligenciado constitui obviamente o cerne de tais pretextos, pois existe sem dúvida um grande número de ocasiões em que a criança é negligenciada, ou pelo menos **sente** que é negligenciada, ou que não está recebendo todo amor dos pais, e principalmente em que lamenta ter de compartilhar esse amor com seus irmãos e irmãs (p. 243)¹⁶⁹.

Ressaltamos, também, no comportamento de Irinéa, um "sentimento de culpa" por seu relacionamento desaprovado pela família e pelos preceitos

religiosos, de vez que se tratava de um homem casado. Referindo-se ao "sentimento de culpa", **FREUD** (1930) assim se coloca:

A tensão entre o severo superego e o ego, que a ele se acha sujeito, é por nós chamada de sentimento de culpa; expressa-se como uma necessidade de punição... uma pessoa sente-se culpada (os devotos diriam 'pecadora) quando fez algo que sabe ser 'mau'... O que é mau, freqüentemente, não é de modo algum o que é prejudicial ou perigoso ao ego; pelo contrário, pode ser algo desejável pelo ego e prazeroso para ele (p. 147)¹⁷⁰.

E foi o que sucedeu à nossa entrevistada: para se liberar da culpa, tomou uma decisão contrária às suas gratificações afetivas, ou seja, afastou o objeto de seu amor e reconciliou-o com a esposa.

5ª ANUNCIADA, casada, 69 anos, dona de casa.

BASEANDO-SE EM SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SUA SEXUALIDADE?

"Quanto a esse aspecto, não tive orientação. Apesar de todos esses anos de casada e ter quatro filhos, não entendo muito bem as coisas certas. Agora, em relação a dedicação, a amor, sim. Mas a esse respeito, já faz muito tempo que não temos relações sexuais. O tempo foi passando, passando, mas isso não me afetou em nada, por isso nunca dei importância. Agora, como sou uma pessoa muito amorosa, eu queria ser mais abraçada, mais acarinhada e que essa coisa, o sexo, não fosse tanto. Mas os homens são diferentes, eles não têm outro sentido. Meu marido me trata muito bem, mas sinto falta de um carinho maior, que não fosse assim, 'vamos fazer isso!', mas ficar abraçadinhos, conversando... Então, por isso perdi um pouco o interesse, há um pouco de desinteresse a esse aspecto. Agora, eu procuro dar carinho, atenção a ele, aos meninos e, dessa forma, tento fazer tudo que posso por eles.

Nunca senti prazer numa relação sexual, sentia satisfação de estar junto dele, mas nunca senti essa coisa que escuto o pessoal falar, de orgasmo. Quando se fala no assunto, para mim não faz sentido ou talvez seja porque não tenha sido atingida no ponto certo. Não sei, mas a verdade que para mim nunca foi dessa maneira que as pessoas falam. A dedicação é que sempre esteve em nossa vida, pois, em nosso relacionamento, houve sempre muito respeito, ele cuidou de nós, de mim e dos meninos, não nos deixando faltar nada.

Nunca tive fantasia sexual, nem nunca tive sonho. Nunca pensei, nunca imaginei situações de relacionamento sexual, nem com o meu marido nem com outra pessoa.

Quanto à masturbação, nunca fiz. Fui daquelas meninas criadas somente com a mãe e o pai, não que esse seja o motivo, mas eu digo assim, nunca tive desejo de olhar uma pessoa e ficar inquieta. Nunca tive, graças a Deus! Eu digo graças a Deus, porque acho que prejudica a pessoa. Meu marido viajava a trabalho, e eu gostava quando ele chegava, porque ele me abraçava, ficava junto de mim... mas isso não era o essencial para mim, não era e não é."

ANÁLISE DO DISCURSO

Anunciada parece-nos uma mulher contida, reprimida e de aparência tristonha. É muito religiosa. Atendeu à nossa solicitação tranqüilamente, sem denotar nenhum sentimento especial. Ao ser solicitada a falar sobre sua sexualidade, pensou um pouco e assim se colocou: *"Quanto a esse aspecto, não tive orientação. Apesar de todos esses anos de casada e ter quatro filhos, não entendo muito bem as coisas certas. Agora, em relação a dedicação, a amor, sim. Mas a esse respeito, já faz tempo que não temos relações sexuais"*. Fala que nunca deu importância ao fator sexual, embora seja uma pessoa muito amorosa e tenha necessidade de ser acarinhada, evidenciando que a ternura é significativa na sua relação. Critica a atitude dos homens, que somente se interessam pelo ato sexual genital.

Afirma: "Nunca senti prazer numa relação sexual, sentia satisfação de estar junto dele, mas nunca senti essa coisa que escuto o pessoal falar, de

orgasmo. (...) talvez porque não tenha sido atingida no ponto certo". Parece-nos separar a sexualidade dos demais aspectos da vida, mas aquela se evidencia no desejo de ser abraçada; esclarece que a "dedicação é que sempre esteve em nossa vida".

Jamais teve fantasia sexual e nenhum sonho em que desejasse ou experimentasse um relacionamento sexual, nem com o marido ou outra pessoa.

Embora não demonstre estranheza ou rejeição à masturbação, nunca experimentou, justificando seu comportamento com a educação restritiva que recebera. Nunca sentiu desejo ou ficou inquieta ao olhar um outro homem além do marido. Destaca, com veemência, sua dedicação e amor aos filhos e ao marido.

A sexualidade da nossa entrevistada não apresenta as características destacadas por FREUD (1912) ao aludir à existência de "duas correntes cuja união é necessária para assegurar um comportamento amoroso completamente normal (...) Podem-se distinguir as duas como a corrente **afetiva** e a corrente **sensual**" (p. 164)¹⁷¹.

A corrente afetiva constitui-se na infância e se forma com base no interesse de autopreservação e se dirige àqueles que dela cuidam; essa corrente afetiva, segundo Freud, é a mais antiga vivência da sexualidade e corresponde à "*escolha de objeto*" primária da criança. Nessa ocasião, os instintos sexuais, encontrando seus primeiros objetos, se apegam às apreciações feitas pelos instintos do ego (p. 164)¹⁷².

Anunciada justifica seu desconhecimento da vida sexual, referindo-se à educação familiar "*somente com o pai e a mãe*" e insiste no seu desejo de ternura, de afeto, independente de um relacionamento sensual.

FREUD (1908) enfatiza a influência da educação da mulher no desempenho de sua sexualidade, dizendo:

A educação das mulheres impede que se ocupem intelectualmente dos problemas sexuais, embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as intimida condenando tal curiosidade como pouco feminina e como indício de disposição pecaminosa. Assim a educação as afasta de **qualquer** forma de pensar, e o conhecimento perde para elas o valor (p. 203)¹⁷³.

Aliada à educação coercitiva, Anunciada é profundamente religiosa, talvez um dos fatores inibidores de seu comportamento sexual e de tudo que a ele se refira, como demonstra com respeito à fantasia e à masturbação: "Nunca tive, graças a Deus! Eu digo graças a Deus, porque acho que prejudica a pessoa".

Vislumbra-se, também, uma espécie de "*sentimento de culpa*" para com o marido, por não o atender sensualmente, e destaca o seu caráter e o próprio comportamento de carinho e ternura para com ele.

6ª GRAÇA, casada, 74 anos, Professora universitária.

BASEANDO-SE NA SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SUA SEXUALIDADE?

"Eu vivo naturalmente, normalmente. Eu acho que a sexualidade é relacionada com sentimento, porque, se a gente está vivendo com uma pessoa, então a sexualidade é uma consequência. Agora, se a pessoa tiver muita mágoa... porque o aspecto afetivo é muito importante.

Eu tenho 50 anos de casada e acho que, se não houver mágoas (tenho grandes mágoas desses anos todos), então a coisa funciona normalmente, até onde a saúde dê. Eu acho assim: não depende unicamente da sexualidade, depende muito dos momentos, do carinho, dos momentos afetivos e, também, que a gente não leve mágoas do passado que possam interferir numa relação prazerosa. Se a gente repartir com aquela pessoa, se a gente sentir com a pessoa o que a gente tem e que está no momento, a sexualidade vai funcionar normalmente. Eu acho que não tem nada a ver, a não ser que a pessoa tenha algum problema de saúde. Mas, se não houver problema de saúde e nenhuma mágoa e o relacionamento for bom, eu acho que tudo se processa normalmente.

A fantasia sexual vezes é vivenciada, sim. Às vezes você vê um filme, vê uma coisa boa, lê algum livro que tenha alguma coisa a mais do que você tenha, então aquilo pode fazer fantasia na gente, não no sentido de fetiche daquela pessoa, mas no sentido que essa relação, termos de fantasia, se torne uma coisa que vai dar mais prazer. Mas não chegar a ser fetiche, não de me transformar em uma outra pessoa, isso não. Eu acho que às vezes o momento, a

ocasião, uma busca... tem e estimula muito mais. Nos momentos adequados e até nos momentos de sofrimento (que já aconteceu também). Por exemplo, se você está muito aperreada, então entra como uma forma de tranqüilidade. Em outras ocasiões, as mágoas... uma coisa que é até errada, mas que às vezes acontece. É quando você está tão magoada com outras coisas e então, para ficar tudo em paz, tem uma reação. Mas, se às vezes não tiver resolvido a mágoa, a gente sente a sensação agradável naquele momento, mas depois fica uma espécie de desgosto, como se não fosse aquilo que a gente queria. Eu acho que a verdadeira sexualidade é quando a gente entra querendo bem ao outro e, como já disse desde o princípio, se tiver alguma mágoa, algum ressentimento... não traga, porque só desta forma irá viver intensamente o momento e estará vivendo o normal.

Quanto à masturbação, não, é muito raro. Não sei ele, não sabe? Eu não tenho fantasias, é muito raro... não tenho necessidades. Eu acredito até que, se acontecesse alguma coisa ou se ele fizesse alguma viagem muito prolongada, então podia ser que essas coisas acontecessem, e eu acho também normal. Mas, quando eu acho que as coisas estão bem, não tem necessidade disso, então não entra; mas isso não quer dizer que eu ache certo, nem errado. Eu acho que a masturbação é uma espécie de satisfação daquilo que não pode ser de outra forma."

ANÁLISE DO DISCURSO

Nossa entrevistada, 50 anos de casada, fala que vive a sua sexualidade normalmente e destaca que "a sexualidade é relacionada com sentimento, porque, se a gente está vivendo com uma pessoa, então a sexualidade é uma consequência. Agora, se a pessoa tiver mágoas..."

Para ela a "... sexualidade depende muito dos momentos, do carinho, dos momentos afetivos..." No seu discurso, observa-se uma tônica sempre presente: a questão da "mágoa". Refere-se ao longo tempo de casada, mas isso não influi desde que haja saúde. No entanto "as mágoas do passado que possam interferir numa relação prazerosa" decidem ou não se a "sexualidade vai funcionar normalmente" e ainda reforça: "se não houver problema de saúde e nenhuma mágoa e o relacionamento for bom, eu acho que tudo se processa normalmente".

Às vezes, ela vivencia a fantasia sexual, estimulada por um filme, a visão de uma coisa boa, a leitura de um livro. Segundo ela, a fantasia não deve levar ao "fetichismo daquela pessoa, mas o sentido que essa relação, em termos de fantasia, se torne uma coisa que vai dar mais prazer.(...) Nos momentos adequados e até nos momentos de sofrimento (que já aconteceu também). Por exemplo, se você está muito apereada, então entra como uma forma de tranquilidade. Em outras ocasiões, as mágoas... uma coisa que é até errada (...) para ficar tudo em paz".

Explica que "a verdadeira sexualidade é quando a gente entra querendo bem ao outro..." Parece-nos que a entrevistada guarda sentimentos negativos de sua relação conjugal dada a insistência com que se refere à influência da "mágoa" na realização plena da sexualidade.

Quanto à masturbação, fala que é muito rara. E mesmo durante a entrevista, fantasia a possibilidade de uma viagem prolongada levá-la a recorrer à masturbação, que acha normal, porque se trata de "uma espécie de satisfação daquilo que não pode ser de outra forma".

A frequência com que a entrevistada se refere à "mágoa", como motivo da qualidade de sua sexualidade, leva-nos a considerar que algo muito significativo existiu na vida do casal, juntos há meio século.

FREUD (1915), tratando dos afetos, alega que estes podem seguir três caminhos: "o afeto permanece, no todo ou em parte, como é; ou é transformado numa quota de afeto qualitativamente diferente, sobretudo em ansiedade; ou é suprimido, isto é, impedido de se desenvolver" (p. 204)¹⁷⁴.

A nosso ver, o afeto experimentado por nossa entrevistada permanece e se torna presente nos diversos aspectos de expressão da sua sexualidade. A atuação dele permanece, segundo ela própria, e "depende muito dos momentos, do carinho, dos momentos afetivos e, também, que a gente não lembre mágoas do passado que possam interferir numa relação prazerosa".

Quanto às fantasias sexuais, esclarece

FREUD (1908): Satisfações de desejos originários de privações e anelos são vivenciadas por estimulações diversas (...) têm uma conexão muito importante com a vida sexual do sujeito, pois é idêntica à fantasia que serviu para lhe dar satisfação sexual durante um período de masturbação (p. 164)¹⁷⁵.

7ª MARIA LUIZA, casada, 67 anos, dona de casa.

BASEANDO-SE NA SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SUA SEXUALIDADE?

"A minha sexualidade, eu posso dizer que vivo, praticamente, no dia-a-dia, porque, se, pela manhã, eu acordo, olho e vejo o meu marido ali, eu agradeço a Deus por ele. Eu estou vivendo a minha sexualidade, porque o amor que a gente tem é muito grande, é muito grande e a gente vive a dois. Eu fui a única mulher dele e ele o meu marido e a gente vive assim, uma felicidade muito grande. É tanto que, às vezes, os filhos dizem que a gente foi tão feliz que esqueceu um pouco deles e esta é a verdade.

Na vivência mesmo, o sexo, faz três anos que nós não o praticamos, porque operou-se quatro vezes do coração e a última vez faz três anos. Então, daí em diante, a gente já não tem mais condições para isso. Mas sexualidade não é só relações, sexualidade é você tocar na mão, fazer um carinho -você está vivendo o amor. É isso que é, para mim, a sexualidade na 33 idade, é este amor que é muito maior do que o sexo, propriamente dito, na minha opinião.

Não, não tenho fantasia sexual, eu vivo tão bem, tão completa, que não preciso de fantasia. Eu vivo a realidade do dia-a-dia, aquela união caminhando para Deus. A gente vive sempre, vamos dizer assim, prontos para o amanhã, a gente vive o hoje plenamente."

ANÁLISE DO DISCURSO

Maria Luiza fala de sua sexualidade como algo que faz parte de sua vida, embora não a viva no aspecto genital, porque o marido tem graves problemas cardíacos. Isso, no entanto, não interfere na sua vivência, porque *"Estou vivendo a minha sexualidade, porque o amor que a gente tem é muito grande, é muito grande e a gente vive a dois. Eu fui a única mulher dele e ele o meu marido"*. Ela afirma que *"sexualidade não é só relações, sexualidade é você tocar na mão, fazer um carinho, você está vivendo o amor"*.

Não tem fantasia sexual, porque vive tão bem, que não precisa da fantasia, para completar o seu desejo, *"...vive o hoje plenamente"*.

Toda a expressão corporal, a palavra, o riso, mostra o quanto Maria Luiza experimenta a plenitude do seu desejo.

A sexualidade de nossa entrevistada firma-se, sobretudo, na ternura, expressão da sublimação, *"capacidade de trocar seu objeto sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro* (p. 193)¹⁷⁶

8ª AIZA, casada, 77 anos, dona de casa.

BASEANDO-SE NA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SUA SEXUALIDADE?

"Parece que Deus orientou nosso encontro -meu e de meu marido. Sou muito feliz com meu marido, meus filhos, com as noras. A única coisa que me faz falta é a saudade dos entes queridos, entre eles minha avó, que era maravilhosa.

Gosto muito de ler, de viajar. Conheço o mundo inteiro, pois acompanhava meu marido nos seus trabalhos de pesquisa. Minha maior distração é ler e pintar, onde extravaso a alma.

Sexualidade é uma coisa que é relativa. Todos nós temos, mas não se pode exceder. Não sei se foi a educação religiosa que eu tive desde pequena. Quando casei, era completamente inocente sobre o sexo, tanto que passei oito dias casada e sem nenhum relacionamento sexual com meu marido. Precisou que meu sogro viesse aqui conversar comigo e esclarecer o que era o sexo no casamento. Mas eu tinha medo... como confiava no meu marido, superei o medo e tive cinco filhos, além de sete abortos.

O carinho e a compreensão predominam entre meu marido e eu. Nunca o contrariei e nem ele a mim.

Temos uma família muito bem estruturada, com filhos maravilhosos e uns netinhos muito lindos. Agora já rapazes, os netos trazem suas namoradas para que as conheçamos.

A vida é muito boa, eu adoro viver. Sou muito feliz."

ANÁLISE DO DISCURSO

O problema da sexualidade de Aiza está na falta de informação sobre o assunto, especialmente, pela formação religiosa. A família é o seu grande referencial; o amor e a ternura são marcas indiscutíveis para o seu ajustamento sexual, superando as marcas impostas pela cultura.

Considera a sexualidade "uma coisa relativa" e o relacionamento com o marido é de um amor romântico -"O carinho e a compreensão predominam entre meu marido e eu. Nunca o contrariei e nem ele a mim" -, tanto que demonstra, em todas as ocasiões, a influência da ternura, sem grande importância para a sexualidade genital, que, no início do casamento, foi esclarecida pelo sogro.

A entrevistada pareceu-nos uma mulher realizada, alegre, bem disposta e, como artista (é pintora), destaca nos quadros a alegria do olhar -parece o de uma menina tentando descobrir o mundo.

FREUD (1908) insiste na influência da educação na sexualidade da mulher. Em nossa cultura, parte-se do princípio de que se lhe deve ocultar à mulher a realidade da sexualidade, e a moça chega ao casamento sem nenhuma orientação, como viveu nossa entrevistada, pois "*a educação as afasta de qualquer forma de pensar, e o conhecimento perde para elas o valor*"(p. 203)¹⁷⁷.

Segundo FREUD (1912), a sexualidade pode ser caracterizada sob uma ótica *afetiva* ou *sensual*. Em nossa entrevistada, está muito clara a presença da afetividade, enquanto a sensualidade "*uma coisa relativa*".

A corrente sensual, que permanece ativa, procura apenas objetos que não rememorem as imagens incestuosas que lhe são proibidas, se alguém causa uma impressão que pode levar à sua alta estima psíquica, essa impressão não encontra escoamento em nenhuma

excitação sensual, exceto na afeição que possui efeito erótico (p. 166)¹⁷⁸.

9ª IÊDA, viúva, 70 anos, Prática em eletrodomésticos.

BASEANDO-SE EM SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SUA SEXUALIDADE?

"A minha vida sexual foi a pior possível, porque não tinha conhecimento sobre o sexo. Como fui a caçulinha da família, tive uma criação assim, sem que ninguém pudesse falar sobre sexo, naquela época. Quando me casei, achei traumatizante. O primeiro dia foi um choque para mim, pois fiquei toda ensangüentada e ainda tendo de agüentar aquela dor horrível. Passei ainda alguns dias toda dolorida, e ele, mesmo assim, queria sexo. Eu vivi um verdadeiro pavor.

Depois fiquei boa e ele começou a me procurar; fazíamos sexo e eu nada de ter 'aquelas' emoções que muita gente fala. E aí fui vivendo, até que um dia ele passou a me chamar de 'mulher fria'. E eu, então, perguntei-lhe o que é 'mulher fria'. E ele me respondeu: *'você deve saber o que é mulher fria e o que é mulher quente'*.

Passaram-se alguns anos com essa vida insuportável, pois, toda vez que íamos ter sexo, ele começava a me chamar de mulher fria. E assim, a gente foi vivendo.

Depois ele arranjou uma mulher e foi viver a vida dele. Mas sempre reclamava comigo, pelo fato de ter arranjado uma mulher e eu nem sentir a falta do amor. Acho que com isso ele queria ver se abria a minha vontade pelo sexo, mas...

Ele também era muito ciumento, pois nenhum homem podia conversar comigo e isso também fez com que aumentasse o meu trauma. Não podia ter amigos, e naquela época tinha muitos. Sempre fui uma pessoa muito assediada pelos homens, mas não queria nada com eles pelo fato de ser taxada por ele próprio de mulher fria. Então, por que iria procurar fora de casa? Quando ele me via com um amigo, armava a maior confusão, batia nos homens e sempre desconfiando de que eu pudesse ter algum homem fora de casa. Depois de algum tempo, mesmo ficando envergonhada, perguntei a minha irmã, que é obstetra e entende do assunto, e ela me falou: *'mulher quente é uma mulher sensual, que gosta de ser acariciada, que sente prazer sexual'*. E eu, até o exato momento, não tinha conhecimento do que viria a ser prazer sexual, pois que nunca tinha sentido. E ela continuou explicando que era uma sensação de como se a gente estivesse voando, em cima das nuvens, e que se sente um tremor na espinha. E eu falei que não sabia o que era isso. Ela me falou que o marido prepara a mulher para a relação sexual, acarinhando-a, e me perguntou se o meu fazia assim. E eu lhe disse que o meu não era assim. E ela explicou que o homem que não prepara a mulher para o sexo torna-a fria e que até os animais irracionais se acariciam para o ato sexual.

Quanto às fantasias sexuais, eu imagino, sim, um homem carinhoso, mas eu não sabia nada do sexo. Na minha imaginação, o casamento era assim: agradar a pessoa amada, a mulher fazer os gostos do marido e vice-versa, mas não sobre o sexo, pois não tinha conhecimento e ainda me casei virgem.

Uma vizinha me falou sobre sexo e ela era uma mulher muito quente e é até hoje, mesmo velha. Ela me aconselhou a mandar meu marido me acariciar...

mas eu falei que tinha vergonha, pois, se eu não queria nem ficar pelada na frente dele, quanto mais pedir essas coisas... Achava imoral, porque não fui criada dessa maneira e nunca tinha visto um homem nu, por isso, quando me casei, fiquei traumatizada. Vivi minha vida, fiquei viúva e não quis mais saber de homem; achava que se tivesse me casado de novo poderia ter sido melhor ou pior ainda. Então, na dúvida, não quis mais saber.

A minha irmã, que é obstetra, e os médicos ginecologistas orientaram-me para que eu me casasse de novo ou arranjasse um homem que me agradasse. Perguntaram-me: *'Quando a senhora olha para um homem, não sente nada?'* Respondi: 'Não sinto nada'. Minha irmã ficou admirada e falou: *'Então você não é normal e tem que tomar remédio, hormônios... vou levá-la a um ginecologista'*. Respondi: 'Não quero, porque é traumatizante, e, se for para eu ficar ferosa, saindo por aí procurando homem, não adianta, porque isso não me agrada'. Eu ficaria mais traumatizada, pois o que as pessoas iriam pensar de mim? Que eu era uma prostituta? Porque, naquela época, era assim que se chamava. Hoje as mulheres vão atrás dos homens, um trai o outro, fica por isso mesmo, são felizes. Mas comigo não, pois não sou desse tipo, e sim extremamente reservada. Galanteios eu recebo sempre e até nessa idade. Galanteio, viu? Não chamar para ir a motel, porque eu não gosto, e, quando me chamam, digo sempre que conheçam o seu lugar, pois não sou disso.

Transformei todo meu sofrimento no amor por minhas sementes, que são meus netos. É uma realização assim, de amor puro, daquele carinho pelos meus netos, pelos meus filhos. Eu adoro, eu adoro, eu amo meus filhos todo dia

eu digo a eles: 'Eu amo vocês'. Eu amo perdidamente. Sou apaixonada pelos meus filhos e pelos meus netos, este sentimento é dobrado.

Eu nunca senti prazer na vida, mas sinto em sonho. No sonho, eu sinto uma sensação tão agradável, eu sinto que estou, que estou com uma pessoa que amo de verdade e ele me ama. Sinto aquela coisa como se estivesse recebendo uma carga elétrica, uma coisa assim, maravilhosa. É raro ter esses sonhos, mas às vezes tenho. E quando isso sucede, fico extremamente feliz e me pergunto: meu Deus, será que o amor é isso? Se for, é uma felicidade muito grande, porque, em vida, eu nunca tive. Quando acordo, tomo o maior susto e digo: vai embora. Se o sonho fosse realidade, iria me sentir como as outras mulheres que sentem prazer e são felizes...

Apesar de tudo, acho o sexo muito importante tanto na vida do homem quanto na da mulher; se ambos se amarem e tiverem sexo, o casamento é indissolúvel. Agora, somente o amor sem o sexo ou vice-versa não dura, e um dia se separam.

ANÁLISE DO DISCURSO

lêda é uma mulher bonita e aparenta menos idade. Ao falar sobre sexualidade, perde todo o vigor, pois teve uma experiência sexual das mais sofridas: "A minha vida sexual foi pior possível, porque não tinha conhecimento sobre sexo": A educação familiar, própria do seu tempo, levou-a a olhar a sexualidade como algo muito sofrido e decepcionante. Comenta a noite de núpcias como uma experiência "*traumatizante*": Descreve o primeiro relacionamento sexual como momento de surpresa e comenta o fato com uma

linguagem muito trágica: "O primeiro dia foi um choque para mim, pois fiquei toda ensanguentada e ainda tendo de agüentar aquela dor horrível(...) Eu vivi um verdadeiro pavor'.

A par da inexperiência da entrevistada, destaca-se a ausência de habilidade do parceiro, que perseguiu seu objetivo sem levar em conta a fragilidade e a afetividade da parceira. Dessa experiência resultou uma mulher incapaz de atuar sexualmente e a frigidez, além de uma percepção negativa sobre o sexo. Apesar das dificuldades, manifesta-se em lêda o desejo de viver uma, mulher ajustada sexualmente; isso transparece na sua revolta de ser caracterizada como uma "*mulher fria*" e no interesse em informações a respeito da vivência sexual. É curiosa, sobretudo, a respeito do orgasmo, o que a fez procurar ajuda médica. Seu desejo está presente ao falar do interesse que desperta nos homens e dos sonhos eróticos.

A influência de uma educação rígida, de uma cultura cheia de repressão faz não admitir assédio dos homens ou reposição hormonal, a qual poderia levá-la a um maior desejo: "*Não quero, porque é traumatizante e, se for para eu ficar foga, saindo por aí procurando homem, não adianta, porque isso não me agrada. Eu ficaria mais traumatizada, pois o que as pessoas iriam pensar de mim? Que eu era uma prostituta?*". Evidencia-se todo o preconceito e dependência da opinião do outro direcionando o comportamento da entrevistada, "*o que as pessoas iriam pensar?*" Continua demonstrando a influência das barreiras culturais nas suas atitudes.

Encontra, nos filhos e netos, uma forma aceitável culturalmente, para direcionar-lhe desejo:"*Transformei todo meu sofrimento no amor por minhas*

sementes, que são meus netos(...) Sou apaixonada pelos meus filhos e pelos meus netos, este sentimento é dobrado".

O sonho é a sua verdadeira realização de desejo: "Eu nunca senti prazer na vida, mas sinto em sonho(...) Se o sonho fosse realidade, iria me sentir como as outras mulheres que sentem prazer e são felizes".

lêda finaliza a entrevista, demonstrando a sua aceitação da sexualidade quando diz: 'apesar de tudo, acho o sexo muito importante tanto na vida do homem quanto na da mulher; se ambos se amarem e tiverem sexo, o casamento é indissolúvel. Agora, somente o amor sem o sexo ou vice-versa não dura, e um dia se separam". A experiência sexual de nossa entrevistada demonstra que fatores diversos influenciaram esse aspecto do seu comportamento. Partindo do insucesso na noite de núpcias, temos a palavra de FREUD (1908), referindo-se ao assunto:

Os efeitos nocivos que as severas exigências da abstinência antes do casamento produzem nas naturezas femininas são especialmente evidentes. É óbvio que a educação não subestima a sensualidade da jovem até o casamento, pois utiliza medidas drásticas. Não somente proíbe às jovens relações sexuais e oferece altos prêmios à preservação da castidade feminina, mas também protege a jovem da tentação durante o seu desenvolvimento, conservando-se ignorante do papel que irá desempenhar e não tolerando nela qualquer impulso amoroso que não possa conduzir ao casamento (p. 202)¹⁷⁹.

Sua vida foi influenciada por esse primeiro insucesso, daí procura, nos filhos e netos e na religiosidade (é espírita), a realização não obtida.

Voltando seu amor, não para objetos isolados, mas para todos os homens, e, do mesmo modo, evitando as incertezas e as decepções do amor genital, desviando-se de seus objetivos sexuais e transformando o instinto num impulso com uma **finalidade inibida**.

Ocasionam assim, nelas mesmas, um estado de sentimento imparcialmente suspenso, constante e afetuoso, que tem pouca semelhança externa com as tempestuosas agitações do amor genital, não obstante, dele se deriva (p. 122)¹⁸⁰.

Outro aspecto bastante significativo no discurso de Lêda refere-se às fantasias, cujas produções mais conhecidas são os "*devaneios*" -satisfação imaginária de desejos, livres censura da realidade. Tais devaneios constituem o núcleo e o protótipo dos sonhos noturnos, como afirma FREUD (1917):

Um sonho noturno é, no fundo, nada mais do que um devaneio que se tornou aproveitável devido a liberação dos impulsos instintuais à noite, e devido ao fato de haver sido distorcido pela forma que assume a atividade mental à noite (p. 435)¹⁸¹.

Lêda não se permitia devaneios, porque a realidade lhe foi imensamente frustrante, no entanto seu desejo continuava a persistir no intento de ser satisfeito, por isso sonhava e sentia-se plenamente realizada.

O relacionamento conjugal da respondente foi completamente danificado como consequência da decepcionante experiência sexual, daí afirmar FREUD (1908):

O medo das consequências do ato sexual acarreta, inicialmente, o término da afeição física do casal e, mais tarde, como efeito retardado, em geral também destrói a atividade psíquica que os unia e que deveria substituir a paixão inicial. A desilusão espiritual e a privação física a que a maioria dos casamentos estão condenados recolocam os cônjuges na situação anterior ao casamento, situação que é agora ainda mais penosa pela perda de uma ilusão, e na qual devem mais uma vez apelar para sua energia a fim de subjugar e defletir seu instinto sexual (pp. 199 e 200)¹⁸².

O casamento fracassado, origem da destruição de uma vida, levou nossa entrevistada a tomar atalhos para chegar à satisfação do seu desejo, buscando apoio na fantasia, especificamente no sonho e utilizando

outra técnica para afastar o sofrimento que reside no emprego dos deslocamentos da libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que elidam a frustração do mundo externo. Para isso, ela conta com a assistência da sublimação dos instintos (p. 98)¹⁸³.

108 LUIZA, viúva, 72 anos, aposentada.

BASEANDO-SE NA SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SEXUALIDADE?

"A minha sexualidade é normal. Depois que meu marido morreu, há 16 anos, fiquei sem parceiro. Porque não dá, e você sabe como é. Mas é como meu marido dizia: 'Não há mulher fria, há mulher mal amada'.

Não gosto de ver sexo na televisão, porque não me sinto bem. Mas o que eu sinto é normal numa mulher ativa, porque, se eu tivesse um parceiro, tenho certeza de que seria bem ativa. Tenho 72 anos, mas estou viva!

Se aparecesse alguém, tenho certeza que me comportaria com todas as atividades normais da mulher com o sexo; tanto que vou ao médico e ele passa reposição de hormônios.

Quanto às fantasias sexuais, não procuro fazer e acho que se deixasse... mas eu não incentivo, porque não dá... não vou ficar me expondo...

Tenho desejos sexuais, mas isso não pode ser, não dá, porque a gente não vai pegar qualquer um. Tenho filhos, netos já formados e já com 30 anos, então eu não vou estar me expondo... não, de jeito nenhum. Eu acho que devo ser assim, fazer tudo direitinho, porque ninguém vai fazer uma coisa dessa para depois fazer vergonha aos parentes. Então, eu nunca faria isso. Quando meu marido morreu, não quis saber de mais ninguém. Encontrei, sim, mas não dava certo. Já sou viúva há 17 anos, mas sempre me mantive, graças a Deus.

Trabalho para os pobres e para mim, isso é a coisa melhor do mundo. Ensino as gestantes a cuidarem dos seus enxovais, e isto é para mim uma coisa

maravilhosa. É uma coisa tão gostosa, que esqueço tudo no mundo. É como se fosse uma substituição."

ANÁLISE DO DISCURSO

Esta entrevistada, de postura discreta, vestia-se com certo cuidado e não fez objeção a responder nosso questionamento; ao contrário, posicionou-se de modo muito natural e até desinibido ao tratar sobre a sexualidade, que acha "normal". Fala do marido falecido há 17 anos e, sexualmente, muito "ajustado", dava-lhe condições de uma vivência sexual muito gratificante.

Luiza, com 72 anos, informa que tem uma capacidade sexual sem diferença de sua juventude e, se tivesse um parceiro, agiria como uma jovem.

Já teve oportunidade de manter outros relacionamentos, mas, em respeito à família, não admite tal situação, porque não quer envergonhá-la, sobretudo, os netos já adultos.

Aposentada como enfermeira Ana Nery, acompanha as gestantes carentes e se considera realizada com essa atividade que, para ela, é uma "substituição" de sua carência sexual.

A sexualidade de Luiza manifesta-se, através do mecanismo da sublimação, no seu empenho em ajudar gestantes carentes; assim, permite as excitações excessivamente fortes de sua sexualidade canalizarem-se para um objetivo superior (o cuidado com as gestantes) que, indiretamente, lembra o exercício da sexualidade.

11ª LUCILA, viúva, 76 anos, aposentada.

BASEANDO-SE NA SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SUA SEXUALIDADE?

"Eu tive um caso com meu compadre, mas ele era casado e eu sabia. Quando ele veio ao Recife, fui recebê-lo no aeroporto com minha filha. Depois de alguns minutos, ela se levantou, falou que ia cuidar de seus afazeres e perguntou- lhe: 'E mamãe?' Ele respondeu: 'De sua mãe, eu tomo conta'. Fiquei na companhia dele no aeroporto e ele começou a me beijar e me abraçar, deixando- me morta de vergonha, pois fazia muitos anos que não tinha um relacionamento amoroso. Vendo o meu constrangimento, ele propôs que fôssemos a um motel. Quando chegamos na recepção, ele pediu um quarto para ele e a esposa. Tivemos relações e eu disse: estou achando tudo muito interessante, mas vou lhe dizer uma coisa, só aceitei o seu convite, porque queria saber se ainda era uma mulher desejada, porque, quando meu marido me deixou, aos cinquenta e seis anos, pensei que não despertasse mais interesse e comprovei que estava redondamente enganada. E eu lhe disse: foi válida esta noite que passei com você, pois comprovei que ainda sou uma mulher que desperta desejos e essa descoberta foi muito importante para mim.

Hoje vivo só, mas sonho muito em ter um amigo que pudesse sair comigo, mas sem compromisso, porque não queria morar na mesma casa. Queria ter um caso com um homem muito bacana, mas que ele morasse na casa dele e eu na minha, sem ter compromisso de esposa. E esse motivo não iria me impedir de ter sexo, pois acho muito bom, muito prazeroso e todo mundo deveria ter. Eu

mesma, com essa idade de 76 anos, não tenho, porque é difícil encontrar e os homens da minha faixa etária que me despertam emoção estão todos querendo meninas de 18 anos e não querem saber de velhas.

Tenho fantasias sexuais; às vezes eu penso, imagino quando vejo um homem bonito, simpático na rua, ou quando vejo um artista na televisão. Então eu digo: deve ser uma beleza ser casada com um homem desse, transar com ele... Eu sonho muito.

Hoje, quando vejo um homem bonito, um artista, eu digo: era tão bom se eu pudesse me deitar com ele, mas, quando não dá, vou me distrair com outras coisas. Mas acho que a pessoa tem que viver sua sexualidade, pois, se tivesse um marido, eu viveria. Acho que uma mulher de setenta e seis anos pode muito bem viver sua sexualidade, porque a sexualidade da mulher não acaba com o passar dos anos. Acho mais fácil acabar a do homem, porque os homens, depois de uma certa idade, não têm mais jeito, eles têm que tomar Viagra, e as mulheres, não."

ANÁLISE DO DISCURSO

Nossa entrevistada tem uma percepção da sexualidade sem barreiras ou bloqueios, considera sexo *"muito bom, muito prazeroso e todo mundo deveria ter."* Nas suas colocações, destaca a situação da mulher idosa e confessa: "Eu mesma, com essa idade de 76 anos, não tenho, porque é difícil encontrar, e os homens da minha faixa etária que me despertam emoção estão todos querendo meninas de 18 anos não querem saber de velhas(...)a sexualidade da mulher não acaba com passar dos anos. Acho mais fácil acabar do homem, porque os

homens, depois de uma certa idade, não têm mais jeito, eles têm que tomar Viagra, e as mulheres, não".

Lucila *tem* uma postura muito aberta sobre a sexualidade e revela que manteve uma experiência sexual com um compadre casado: *"Eu tive um caso com meu compadre, mas ele era casado e eu sabia."*

Vivendo só, sonha muito "em ter um amigo que pudesse sair comigo, mas sem compromisso, porque não queria morar na mesma casa".

Tem fantasias sexuais quando vê um homem bonito ou um artista na televisão. É muito taxativa ao afirmar: *"acho que a pessoa tem que viver sua sexualidade, pois, se tivesse um marido, eu viveria"*.

Nossa entrevistada não se refere à família, nem às limitações de informações sobre sexualidade, também não há indicações do fator religioso

Na situação de viúva, sem parceiro, recorre à fantasia para a satisfação de sua sexualidade. Quanto a isso, FREUD (1908) assim se expressa:

Se não obtém outro tipo de satisfação sexual, o sujeito permanece abstinente; se não consegue sublimar sua libido -isto é, se não consegue defletir sua excitação sexual para fins mais elevados -, estará preenchida a condição para que sua fantasia inconsciente reviva e desenvolva, começando a atuar, pelo menos no que diz respeito a parte do seu conteúdo, com todo vigor da sua necessidade de amor, sob a forma de sintoma patológico (p. 165)¹⁸⁴.

12ª ZENEIDA, viúva, 67 anos, dona de casa.

BASEANDO-SE NA SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, COMO VOCÊ VIVE A SUA SEXUALIDADE?

"Eu vivo a zero, pois há 12 anos sou viúva e, de lá para cá, não arranjei mais ninguém. Mas isso não quer dizer que eu não sinta vontade, não sinta aquele desejo de arranjar uma pessoa e continuar a minha sexualidade. Até hoje não achei ninguém, talvez por falta de comunicação. A gente vive dentro de casa e nunca vai achar... Devemos sair para que possamos ter oportunidade. Eu sou uma pessoa que não vive passeando, não vivo em festas; sou mais de viver em casa e, por sinal, acho isso muito ruim, porque a gente se priva muito das coisas, ficamos totalmente fora do mundo. É isso que eu acho, mas não que eu não tenha vontade, porque tem horas que sinto necessidade do sexo, mas, como não tenho, eu me acomodo. Já sonhei fazendo sexo até com um artista. O sonho foi tão intenso, tão verdadeiro, que senti todo o prazer do mundo, pois foi como se fosse realidade.

Quanto às fantasias, aos devaneios, tenho somente de coisas boas. Por exemplo, tenho vontade de estar num barzinho, ver amigos, dançar, encontrar um coroa gostoso e ele me tirar para dançar... Tudo isso eu adoro pensar e fazer.

Desejaria ter um parceiro na vida real, mas não queria que fosse para conviver dentro da minha casa, pois, como já tive uma experiência..., mas não que eu tivesse sido mal casada, porém, depois de alguns anos casada, houve um problema na vida do meu marido e ele adoeceu, ficou esquizofrênico 1969 a 1988, quando se suicidou. Queria um companheiro que me assumisse,mas da

porta de casa para fora, e não dentro de casa. Nada escondido, tudo aberto, mas ele só entraria em minha casa para nos cumprimentar e depois iríamos a um motel, pois é lá, entre quatro paredes, onde iremos viver.

Quanto à masturbação, fui a uma médica, ela me falou que isso não é falta de vergonha e aconselhou que, se eu sentisse necessidade, deveria fazer por duas razões: primeira, porque lubrifica o aparelho reprodutor e, segunda, porque, mesmo que não sinta o mesmo prazer de uma relação sexual com um homem, você está descarregando tensões. Não quero ser uma mulher viciada em masturbação, mas, se eu sentir necessidade, eu faço.

Sou uma criatura muito católica, espírita, protestante, enfim, sou para o que der e vier, porque creio em Deus e tenho fé. Sou uma pessoa de pensamento muito livre. Se, dentro da sexualidade, a lésbica gosta de outra mulher, pois que se gostem. O mesmo eu penso em relação ao homem que gosta de outro. As pessoas devem fazer o que gostam. O mesmo com a prostituta. Esta é a minha maneira de pensar, de ver as coisas, isto é, não censuro ninguém, qualquer que seja a pessoa."

ANÁLISE DO DISCURSO

Zeneida demonstra sua insatisfação pela ausência do exercício da sexualidade, quando afirma: "Eu vivo a zero, pois há 12 anos sou viúva e, de lá para cá, não arranjei ninguém. Mas isso não quer dizer que eu não tenha vontade, não sinta aquele desejo de arranjar uma pessoa e continuar minha sexualidade".

Justifica essa situação pela "falta de comunicação", porque permanece sempre em casa e assim não poderá encontrar um parceiro. Sua necessidade

sexual é tão intensa, que sonha fazendo sexo com um artista: "O sonho foi tão intenso, tão verdadeiro, que senti todo prazer do mundo, pois foi como se fosse realidade. "

Ela tem fantasias, devaneios e vontade de "estar num barzinho, ver amigos, dançar, encontrar um coroa gostoso e ele me tirar para dançar... Tudo isso eu adoro pensar e fazer". Mas o seu desejo é ter um parceiro na vida real, "mas não queria que fosse para conviver dentro da minha casa, pois, como já tive uma experiência..." embora não tivesse sido mal casada. Ela deseja um companheiro para viver sua vida sexual independente de compromissos de co-habitação.

Quanto à masturbação, não tem preconceitos e está bem informada de sua necessidade para saúde do aparelho reprodutor e descarga das tensões sexuais, mas "Não quero ser uma mulher viciada em masturbação, mas, se eu sentir necessidade, eu faço".

Fica presente, nas palavras da entrevistada, a necessidade sexual e a influência do ambiente familiar impedindo-a de manter contato com outrem. Nossa respondente demonstra uma abertura muito significativa a respeito da sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

148. DOL TO, F. (1982). Sexualidade Feminina (Libido/ Erotismo/ Frlqidez).
Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. São Paulo: Martins Fontes
Editora Ltda., p. 161.
149. SANTOS, J. C. F.; GAMBOA, S. S. (1995). Pesquisa Educacional:
quantidade -qualidade (org.). São Paulo: Cortes, p. 27.
150. GIL, A. C. (1987). Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo:
Atlas, p. 97.
151. ORLANDI, E. P. (1999). Análise do Discurso -princípios e
procedimentos. Campinas, SP: Pontes, p. 15.
152. Idem, p. 17.
153. Ibidem, pp. 19 e 20.
154. Ibidem, p. 20.
155. MARCUSCHI, L. A. (1991). Análise da Conversação. 2a ed., São Paulo:
Editora Ática S.A., p. 05.
156. FREUD, S. (1908). Moral Sexual 'Civilizada' e doença nervosa moderna.
Op. cit., p. 187.
157. Idem, p. 192.
158. BIBLIA SAGRADA-Edição Pastoral. 1996. 19a ed. Impressão, tradução,
introdução e notas: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. Novo
Testamento. Primeira Carta Corintios (1 Cor. 7 -27) p. 1460.

159. FREUD, S. (1908). Op. cit., p. 187.
160. FREUD, S. (1908). Escritos Criativos e Devaneios. Op. cit., p. 153.
161. FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. Op. cit., p. 15.
162. ROLNIK, S. (1997). Uma insólita viagem à Subjetividade -fronteiras com a ética e a cultura. In LINS, D. (org.). Cultura e Subjetividade - saberes nômades. Campinas, SP: Papirus, p. 26.
163. FREUD, S. (1905). Três Ensaios sobre a Teoria da Subjetividade. Op. cit., p. 135.
164. FREUD, S. (1927). O Futuro de uma ilusão. Op. cit., pp. 37 e 50.
165. FREUD, S. (1933). Conferência XXXIII -Feminilidade. Op. cit., p. 160.
166. Idem, p. 165.
167. FREUD, S. (1917). Luto e Melancolia. Op. cit., p. 275.
168. Idem, p.276.
169. FREUD, S. (1909). Romances Familiares. Op. cit., p. 243.
170. FREUD, S. (1930). O mal-estar na Civilização. Op. cit., p. 147.
171. FREUD, S. (1912). Sobre a Tendência Universal à depreciação na esfera do amor. Op. cit., p. 164.
172. Idem, p. 164.
173. FREUD, S. (1908). Moral Sexual 'Civilizada' e doença nervosa moderna. p. 203.
174. FREUD, S. (1915). O Inconsciente. Op. cit., p. 204.
175. FREUD, S. (1908). Fantasias Históricas e sua relação com a bissexualidade. pp. 164 -165.
176. FREUD, S. (1908). Op. cit., p. 193.

177. Idem, p. 203.
178. FREUD, S. (1912). Op. cit., p. 166.
179. FREUD, S. (1908). Op. cit., p. 202.
180. FREUD, S. (1930). Op. cit., p. 122.
181. FREUD, S. (1917). Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise. Parte 111. Teoria Geral das Neuroses. Conferência XXIII. Op. cit., p. 435.
182. FREUD, S. (1908). Op. cit., pp. 199 e 200.
183. FREUD, S. (1930). Op. cit., p. 98.
184. FREUD, S. (1908). Op. cit., p. 165.

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao final deste trabalho, voltamos aos questionamentos iniciais -o processo de envelhecimento e, nele, a sexualidade da mulher idosa. Repensamos todo esse caminhar à procura de maior familiaridade com esse aspecto tão complexo da vida humana, qual seja, a sexualidade.

Na mulher, especificamente, percebe-se a velhice como um "*luto*", um aceitar que nada mais lhe resta na vida. Sobre o passar do tempo, assim nos fala FREUD (1916):

A propensão de tudo que é belo e perfeito à decadência, pode, como sabemos, dar margem a dois impulsos diferentes na mente. Um leva ao penoso desalento sentido pelo jovem poeta, ao passo que o outro conduz à rebelião contra o fato consumado. Não! É impossível que toda essa beleza da Natureza e da Arte, do mundo de nossas sensações e do mundo externo, realmente venham a se desfazer em nada. Seria por demais insensato, por demais pretensioso acreditar nisso. De uma maneira ou de outra essa beleza deve ser capaz de persistir e de escapar a todos os poderes de destruição (p. 345)¹⁸⁵.

Embora, na fala de nossas respondentes, somente Irinéia e Carmem se refiram explicitamente a perdas (*luto*) por alguém que renunciaram, as demais, mesmo sem o assinalar, pela própria idade, têm histórias de vida marcadas por perdas ou rupturas em diferentes níveis, o que nos leva a afirmar que a mulher idosa sofre perda de papéis sociais, de uma vida sexual ativa, além do problema da solidão. De fato, os objetos podem ser destruídos, perder o seu valor, mas no homem a capacidade de amor, sua libido, será mais liberada e poderá continuar subsistindo ou sendo substituída por outras formas de atuação.

No discurso de nossas entrevistadas, evidenciou-se a sexualidade presente em suas vidas, apenas se diversifica a forma como se manifesta; o desejo pode ser inferido de suas palavras.

Entre os fatores mais significativos para a expressão da sexualidade da mulher idosa, situam-se a cultura, a família, as normas sociais, a educação e a religião.

Entendemos por **Cultura** "complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade"(p. 508)186. A família, o maior propagador da cultura, que "vincula modos de pensar e de atuar que se transformam em hábitos" (p. 25)187, está presente muito claramente na fala de Odete, Irinéia, Anunciada, Graça, Maria Luiza, Aiza, Lêda, Luiza e Zeneida.

Tanto quanto a família e a cultura, as normas sociais norteiam o comportamento dos indivíduos, daí serem expressas tão claramente por nossas respondentes ao se referirem à vivência de sua sexualidade: "Não sentia atração física por ele, porque era padre...", diz Odete; "existe alguém num plano que não é acessível nem a mim e nem a ele(...) é religioso", fala Carmem; declara Irinéia: "Ele era casado(...) minhas sobrinhas começaram a discutir comigo..." Lêda, referindo-se à sua sexualidade mal resolvida: "se for para eu ficar fogaosa, saindo por aí procurando homem, não adianta, porque isso não me agrada(...) o que as pessoas iriam pensar de mim? Que eu era uma prostituta?" E as normas sociais estão presentes reprimindo a sexualidade de Luiza: "Tenho filhos, netos já formados e já com 30 anos... então eu não vou ficar me expondo..." E assim, de

uma forma ou de outra, as normas sociais determinam a vivência da sexualidade da mulher idosa.

A educação é outra força a influenciar as inibições e o desconhecimento demonstrados por nossas entrevistadas a respeito de sua libido, pois, juntamente com a família, é um eliciador da cultura das normas sociais.

A idade da escolarização, que coincide com a "fase de latência" da teoria psicanalítica, é a entrada da criança nos equipamentos produtores modelizantes" (p. 99)¹⁸⁸. E a educação, a escolaridade de nossas entrevistadas, "se desenvolveu numa relação de alienação e opressão" (p. 33)¹⁸⁹ como nos fala Anunciada: "Fui daquelas meninas criadas somente com a mãe e o pai..." ou Aiza: "Quando casei, era completamente inocente sobre o sexo..." e Lêda: "fui caçulinha da família, tive uma criação assim, sem que ninguém pudesse falar sobre sexo, naquela época."

Quanto à religião, nossa observação refere-se especificamente às respostas das mulheres entrevistadas. "As idéias religiosas", diz FREUD, "são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa (ou interna) que nos dizem algo que não descobrimos por nós mesmos e que reivindicam nossa crença" (p. 37)¹⁹⁰. Por isso mesmo, a religiosidade acompanha o homem que deposita em um Ser Superior a explicação e a resolução da própria vida. Na mulher idosa, diante de sua situação singular, a religião tem representado um papel muito significativo - era até uma característica da mulher que envelhece -, porém causou-nos admiração, pois, na justificativa de restrição à sexualidade, somente três delas - Odete, Irinéa e Aiza - e por circunstâncias muito especiais, a religião interferiu na vivência da sexualidade.

A grande maioria das mulheres idosas entrevistadas, mesmo afetadas/influenciadas pelas normas culturais, sociais e religiosas, próprias do seu tempo, expressam, de diferentes maneiras, a vivência de sua sexualidade. É bem verdade que tais normas, quase sempre coercitivas, levam a uma manifestação sem liberdade nem espontaneidade, na maioria das respondentes, pois elas mesmas apontam para os próprios limites em suas falas (ver entrevistas). Entretanto, e talvez, por não poderem manifestar a sexualidade de modo direto, demonstram-na, sobretudo, por meio das fantasias, dos sonhos, de atos de ternura ou, até mesmo, de fins socialmente aceitos.

A tabela a seguir reflete, sinteticamente, em que medida os referidos fatores influenciam a vivência da sexualidade da mulher idosa:

FATORES INFLUENCIADORES DA SEXUALIDADE IDOSA

RESPONDENTES	Cultura	Normas Sociais	Família	Educação	Religião	Fatores Emocionais
SOLTEIRAS						
01.Odete	X	X	X	-	X	---
02.Carmem	X	X	X	-	-	-
03.Mariana	X	X	X	- ⁺	-	-
04.Irinèa	X	X	X	X	---	-
CASADAS						
05.Anunciada	X	X	X	X	X	- X
06.Graça	X	X	X	-	-	-
07.Maria Luiza	X	X	X	-	-	-
08.Aiza	X	X	X	X	X	-
VIUVAS						
09.Lêda	X	X	X	X	-	-
10.Luiza	X	X	X	X	-	-
11.Lucila	X	X	X	X	-	-
12.Zeneida	X	X	X	X	-	-
SOMA	12	12	12	07	03	01

Quanto aos mecanismos e procedimentos utilizados na vivência da sexualidade, a tabela abaixo aponta para os dados significativos.

RESPONDENTES	Sublimação	Fantasias	Sonhos	Ternura	Masturbação
SOLTEIRAS					
01.Odete	X	X	-	X	-
02.Carmem	-	X	X	-	-
03.Mariana	-	X	X	- ⁺	-
04.Irinèa	X	-	-	-	- ₋
CASADAS					
05.Anunciada	X	-	-	X	-
06.Graça	-	X	X	-	X
07.Maria Luiza	-	-	-	X	-
08.Aiza	-	-	-	X	-
VIUVAS					
09.Lêda	X	-	X	-	-
10.Luiza	X	-	-	-	-
11.Lucila	-	X	X	-	X
12.Zeneida	-	X	X	-	X
SOMA	05	06	06	04	03

Dependemos que, em nossas respondentes, os procedimentos mais utilizados referen-se a: fantasias,sonhos, ternura. A masturbação aparece como um procedimento solitário de vivenciar desejo.Para evitar sentimento de culpa

e conseguir a aceitação do grupo, algumas adotam mecanismos substitutos -a sublimação.

Discutindo os dados obtidos neste estudo, percebemos como as mulheres conservam a sexualidade, independente da idade: Odete, 81 anos, solteira, conserva toda força de um amor que as normas e barreiras da religião a impediram de vivê-lo plenamente e que se faz presente até hoje, pela ternura, pelo carinho, pela admiração física, pelo companheirismo vivido e ainda desejado; Carmem, 71 anos, solteira, ainda deseja uma experiência de sexualidade ainda não vivida e, na fantasia, alimenta um amor impossível que as normas sociais e religiosas a levam a renunciar. Seu desejo permanece e se manifesta, principalmente, no interesse de informações sobre a sexualidade; Mariana, 81 anos, solteira, experimenta um prazer sensual de estar na presença de um homem, de conviver com ele e ser tocada; Irinéa, 72 anos, solteira, sofre a perda de um amor premida pelas normas sociais (ele é casado), pelos princípios religiosos e pela família. Viveu sexualidade sem impedimentos na juventude e até os 60 anos, mas teve de aceitar os preconceitos comuns à mulher que envelhece, daí rejeitar tudo e viver o luto de uma vida perdida; Anunciada, 69 anos, casada, diante dos preconceitos religiosos e da família, desconhece a sexualidade, mas demonstra sua carência e desejo ao se recolher na dedicação e na ternura, ao mesmo tempo aspira sempre ao toque físico, ao abraço, embora rejeite a genitalidade; Graça, 74 anos, casada, com uma vida sexual ativa, mas perturbada por fatores emocionais, refere-se, insistentemente, a uma "mágoa", fator de distanciamento e realização plena; Lêda, 70 anos, viúva, declara que "está viva", no entanto as normas sociais e a família a levam a transferir o desejo para

atividades substitutas; Lucila, 76 anos, viúva, lamenta a idade, que a impede de encontrar um parceiro, porém vive seu desejo através da fantasia; Zeneide, 67 anos, viúva, lamenta a insatisfação de sua sexualidade em respeito à família e, através da fantasia, vivencia o próprio desengano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

185. FREUD, S. (1916). Sobre a Transitoriedade. Op. cit., p. 345.
186. Idem, p. 508.
187. LASCH, C. (1977). Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada? Tradução de Ítalo Tonca e Lúcia Szmrecsanyi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 25.
188. GUATTARI; ROLNIK (1986). Op. cit., p. 99.
189. Idem, p. 33.
190. FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. Op. cit., p. 37.
191. FREUD, S. (1927). Inibições. Sintomas e Ansiedade. p. 107.
192. Ibidem, p. 108.
193. Ibidem, p. 108.

V.CONCLUSÃO

Aqui estão os com um modelo de comportamento sexual de mulheres idosas o qual, certamente, não se deve generalizar, mas nos dá uma luz para esse aspecto tão complexo.

A amostra, apesar de reduzida, nos abre possibilidade de novas pesquisas, de perseguir novos caminhos, para descobertas mais significativas. Apesar da simplicidade de nosso estudo, acreditamos ter cooperado para incentivar novas pesquisas sobre o tema em foco; de uma coisa estamos certas, a sexualidade da mulher idosa se faz presente no seu viver e, se não se mostra devidamente, não depende da potencial idade do seu desejo, mas de forças externas motivadas pela cultura.

Na Cultura, segundo GUATTARI e ROLNIK (1986), há, além de uma produção de subjetividade individual, uma produção de subjetividade social, tendo-se que levar em conta, também, a subjetividade inconsciente (p. 31)¹⁹⁴. Essas forças poderosas atuam no indivíduo e lhe definem o perfil, impõem-lhe marcas, reprimindo, ocultando e até negando as características mais patentes do ser natural, de suas necessidades, enquadrando-o nos seus princípios. É o que sucede a respeito da sexualidade da mulher idosa: a cultura social determina-lhe seus modelos e, além da sociedade, ela mesma assume os estereótipos e os preconceitos.

Quanto às normas sociais, à família e à educação, estão sob a influência da cultura e espelham o que esta determina. A religião, a nosso ver,

passa por uma reformulação, quanto ao seu lugar na nossa cultura, parece perder poder e influência. Somente três respondentes colocaram em evidência o aspecto religioso como significativo na vivência da sexualidade.

Ainda sob a influência cultural, a mulher idosa procura conciliar suas disposições naturais sobre a sexualidade, utilizando o mecanismo da sublimação, o que responde, de alguma forma, a suas pulsões e as situa nos princípios de sua cultura.

Nos sonhos e fantasias, ela encontra um modo de satisfazer o desejo sem ameaças, pois isso acontece na intimidade.

A masturbação, pela ausência de informações, ela a vê sob suspeita, entre a necessidade e a renúncia.

A ternura aparece como uma forma saudável de externar a sexualidade em apenas quatro entrevistadas.

Constatamos que a sexualidade da mulher idosa permanece, o passar do tempo não arrefece o desejo, porém fatores estranhos atuam sobre o seu comportamento e lhe impõem restrições. Na verdade, "O Desejo não tem Idade!": no entanto não basta confirmar essa evidência, mas, também, promover condições para sua reformulação.

As características de uma cultura vão estabelecendo-se através do tempo. A história da humanidade vem promovendo os mais diversos incentivos para criar um perfil cultural, porém nada foi predeterminado. Assim, a cada momento, novas afetações atuam e o homem percebe situações novas e a cultura absorve essas mutações. Não há uma cultura estática, ao contrário, ela está em contínuo de vir.

É no contínuo transmutar-se que o homem vai constituindo sua subjetividade, maneira de entender, de sentir e de fazer as coisas. E, em cada momento, há um modelo único, especial, embora ocorra um contínuo processo de mudanças que, no dizer de GUATTARI e ROLNIK (1986),

Não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como um tecido urbano, como os processos maquínicos do trabalho, com a ordem social suporte dessas forças produtivas. E se isso é verdade, não é utópico considerar que uma revolução, uma mudança social a nível macropolítico, macrossocial, diz respeito também à questão da produção da subjetividade, o que deverá ser levado em conta pelos movimentos de emancipação (p. 26)¹⁹⁵.

Refletindo sobre tal realidade de mudança, consideramos a situação atual a respeito da sexualidade da mulher idosa um campo a explorar, uma busca e solução, por conseguinte não iremos fechar os olhos a uma realidade que não pode ser indiferente aos seres humanos.

Com o passar dos anos, os períodos de vida se sucedem, e, lá adiante, chega-se à velhice. Parece que aí tudo termina. Então, impõe-se nos retificar as distorções, promover mudanças, conforme ensinam GUATTARI e ROLNIK (1999): ~ produção de subjetividade constitui matéria prima de toda e qualquer produção").²⁸)¹⁹⁶.

E onde iremos atuar como promotores de mudança? E como? Ora, os homens possuem o mais rico e diversificado instrumento de relação entre si, uma força inesgotável e de poder incontestável para afetar e serem afetados - a linguagem. Por meio dela reverterá os estigmas, as forças adversas e os interesses capitalistas que transformaram a velhice numa etapa de vida menosprezada, esquecida, por que não dizer?, aviltada. Utilizando a linguagem

não apenas como forma de comunicação verbal mas também como modalidades de encontro com o outro, tomando consciência da velhice e de como o idoso, especialmente a mulher idosa, dá continuidade a todos os seus processos de vida, atingiremos a família, a educação, todos os meios sociais, e chegaremos a atuar na subjetividade individual e coletiva, redirecionando as percepções, os sentimentos e os comportamentos a respeito de tema tão significativo.

Concluimos que o nosso trabalho de constatação de uma realidade obscurecida por tabus, estereótipos e falta de informação levará os idosos de agora e todos aqueles que os seguirão a serem pessoas livres de preconceitos e capazes de usufruir na vida tudo de bom e belo que ela nos oferece. E façamos nossas as palavras do poeta: "Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes. Assim, em cada lago, a lua toda brilha, por que alta vive" (Fernando PeSSoa)¹⁹⁷.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

194. GUATTARI; ROLNIK (1986). Op. cit., p. 31.
195. Idem, p. 26.
196. Ibidem, p. 28.
197. PESSOA, Fernando (1913...). Mensa gem. São Paulo: Editora Martin Clarete Ltda., p. 124.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ANDRADE, O. (1990). A utopia antropológica. 2a ed., São Paulo: Globo.
- ANZIEU, A. (1989). A Mulher sem Qualidade: Estudo Psicanalítico da Feminilidade. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ASSOUN, P. L. (1993). Freud e a Mulher. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BACELAR, R. (1999). Envelhecimento e Produtividade: processos de Subjetivação. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches - FASA.
- BALTES, M. e SILVERBERG, M. (1990). In NERI, A. L. (org.) Psicologia do Envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas: SP: Papirus.
- BEAUVOIR, S. (1949). O Segundo Sexo. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- (1970). A Velhice. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BIBLIA SAGRADA -Edição Pastoral. 1996. 19a. impressão. Tradução, instruções e notas: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. Novo Testamento: Primeira Carta aos Coríntios (1 Cor. 7 -27, 28).
- BIRMAN, J. (2000). Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise. Rio de Janeiro: Relume -Dumará.

- _____ (1999). Mal-estar na atualidade -a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____ (1997). Estilo e modernidade em psicanálise. São Paulo: Ed. 34.
- _____ (1996). Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise. a modernidade e a arte. São Paulo: Ed. 34.
- _____ (1993). Ensaio de teorias psicanalíticas 1ª parte: metapsicologia. pulsão. linGuaGem. inconsciente e sexualidade. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- _____ (1991). Freud e a Interpretação Psicanalítica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- BOFF, L. (1999). Saber cuidar: ética do humano -compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BOSI, E. (1973). Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 4ª ed., São Paulo: Companhia de Letras.
- CAPRA, F. (1982). O ponto de mutação. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix.
- CHAUI, M. (1990). Laços do Desejo. In NOVAES, A. (org.) O Desejo. São Paulo: Companhia de Letras: (Rio de Janeiro): Funarte.
- CHEMAMA, R. (1993). Dicionário de Psicanálise. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CÍCERO, M. T. (103 -43 A. C.). Saber Envelhecer e a Amizade. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM.
- DEBERT, G. G. (1999). A Reinvenção da Velhice: Socialização e processos de Reprivatização. São Paulo: Editor Universidade de São Paulo.

- DOLTO, F. (1982). Sexualidade Feminina: libido, erotismo, frigidez. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. 3a ed., São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda.
- FIGUEIREDO, L. C. (1996). A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500 -1900). 3a ed., São Paulo: Educ: Escuta.
- _____ (1995). Revisitando as Psicologia -Da epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos. São Paulo: EDUC: Petrópolis: Vozes.
- _____ (1995). Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos. São Paulo: Editora Escuta.
- FIGUEIREDO, L. C. I SANTI, P. L. R. (1997). Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência. 2a ed., São Paulo: EDUC.
- FOUCAULT, M. (1988). História da Sexualidade 1: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FRANÇA, M. I. (1997). Psicanálise, estética e ética do Desejo. São Paulo: Perspectiva.
- FREUD, S. (1898). A sexualidade na etiologia das neuroses. Vai. 111, Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1900). A Interpretação de Sonhos. Vol. IV e V.
- _____ (1905). Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade. Vai. VII.
- _____ (1906). Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses. Vol. VII.

- _____ (1910). O esclarecimento sexual das crianças. Vol. IX. (1908).
Escritores criativos e devaneio. Vol. IX. (1908). Caráter e erotismo anal. Vol. IX.
- _____ (1908). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. Vol. IX.
(1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. Vol. IX. (1908).
Romances Familiares. Vol. IX.
- _____ (1910). Cinco lições de Psicanálise. Vol. XI.
- _____ (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor
(contribuições à psicologia do amor II). Vol. XI.
- _____ (1913). Totem e Tabu. Vol. XIII.
- _____ (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. Vol. XIV.
- _____ (1915). Os instintos e suas vicissitudes. Vol. XIV.
- _____ (1917). Luto e Melancolia. Vol. XIV.
- _____ (1916). Sobre a transitoriedade. Vol. XIV.
- _____ (1917). Conferências introdutórias sobre a Psicanálise
Parte 111. Teoria geral das neuroses. Vol. XVI.
- _____ (1920). Além do princípio do prazer. Vol. XVIII.
- _____ (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. Vol. XX.
- _____ (1927). O futuro de uma ilusão. Vol. XXI.
- _____ (1931). Sexualidade Feminina. Vol. XXI.
- _____ (1933). Novas Conferências Introdutórias sobre a psicanálise. Vol.
XXII.
- _____ (1938). Esboço de psicanálise. Vol. XXIII.

- FREUD, A. (1946). O Ego e os mecanismos de defesa. 8a ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- GARCIA-ROZA, L. A. (1983). Freud e o Inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GIL, A. C. (1987). Métodos e Técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas.
- GIORGI, F. D. (1990). Os caminhos do Desejo. **In NOVAES, A. (org.) O Desejo.** São Paulo: Companhia de Letras.
- GUATTARI, F.I ROLNIK, S. (1986). Micropolítica: Cartografia do Desejo. Sa ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- GUEDES, S. L. (1994). Uma Visão Antropológica das categorias de Idade. **In REVINTER, .Caminhos do Envelhecer.** Rio de Janeiro: Editora Revinter Ltda.
- GUERREIRO, T e RODRIGUES, R. (1999). Envelhecimento bem sucedido: utopia, realidade ou possibilidade: Uma abordagem Transdisciplinar da Questão Cognitiva. **In VERAS, R. (org.) Terceira Idade: Alternativas para uma sociedade em transição.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ. UnA TI.
- HANNS, L. (1999). A Teoria Pulsional na Clínica de Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- KEMML, M. R. (1990). O Desejo da Realidade. **In NOCAES, A. (org.) O Desejo.** São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (1996). A mínima diferença: masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago Ed.

- _____ (1998). Deslocamento do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- LAPLANCHE, J./ PONTALIS, J. -B. (1967). Vocabulário da Psicanálise. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes Editoras Ltda.
- _____ (1985). Fantasia OriGinária, Fantasia das oriGens. oriGem das fantasias. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LAPLANCHE, J. (1985). Vida e Morte em Psicanálise. Tradução de Clénice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____ (1980). A Sublimação. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda.
- LAZARIN, C. C. (2000). A Fantasia do Baile de Máscara do Final do Milênio. Psicologia, Ciência e Profissão, 2000, 20 (3).
- LINS, D. S. (1997). Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades. Campinas, SP: Papyrus.
- LOPES e MAIA (1995). Sexualidade e Envelhecimento -envelhecendo com sexo. 3a ed., São Paulo: Saraiva.
- MARCUSCHI, L. A. (1991). Análise da Conversação. 2a ed., São Paulo: Editora Ática S.A.
- MEZAN, R. (1988). A vingança da esfinge -Ensaio de Psicanálise. São Paulo: Editora Brasiliense.
- MORIN, E. (1973). O enigma do Homem. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- MOTTA, L. B. (1999). Repercussões Médicas do Envelhecimento. In VERAS, R. Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ, UnATI.
- NERI, A. L. (1995). Psicologia do Envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida. (org..) Campinas: SP: Papyrus.
- NOV AES, A. (1990). O Desejo. São Paulo: Companhia de Letras.
- ORLANDI, E. P. (1999). Análise de Discurso -princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes.
- PESSOA, Fernando (1913...). Mensagem. São Paulo: Editora Martins Claret Ltda. RISMAN, A. (1999). Corpo -Psique -Sexualidade: Uma exoressão eterna. In VERAS, R. (org.) Terceira idade: alternativa para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ, UnATI.
- _____ (1995). Atividade sexual na Terceira Idade. In VERAS, R. (org.) Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UnATI/ UERJ.
- ROCHA, Z. (1994). A Questão da Diferença e do Sujeito no Horizonte filosófico da Crítica da Racionalidade Moderna. Conferência. Estudo de Psicanálise. Publicação anual do Círculo Brasileiro de Psicanálise. Novembro/ 1995. Belo Horizonte -MG. Número 18.
- ROLNIK, S. (1995). Subjetividade. Ética e Cultura nas práticas clínicas. São Paulo: Cadernos de Subjetividade, Vol. 111, nº 2, pp. 189/430, set./fev. 1995.
- _____ (1997). Uma insólita viagem à Subjetividade -fronteiras com a ética e a cultura. In UNS, D. (org.) Cultura e Subjetividade -saberes nômades. Campinas, SP: Papyrus.

- ROUANET, S. D. (2000). A morte e o nascimento das utopias. Folha de São Paulo, Domingo, 25 de junho de 2000.
- SANTOS, B. S. (1995). Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 58 ed., São Paulo: Cortez.
- SANTOS, J. C. F. I. GAMBOA, S. S. (1995). Pesquisa Educacional: Quantidade - Qualidade (org.) São Paulo: Cortez.
- SCHNITMAN, D. F. (1996). Novos Paradigmas. Cultura e Subjetividade. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas.
- TOURAINÉ, A. (1994). Crítica da Modernidade. Tradução de Elia Ferreira Edel. Petrópolis: RJ: Vozes.
- VERAS, R. (1999) A Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ, UnATI.